FORUM
SUA TRANSA INESQUECÍVEL

ela

ASSÉDIO SEXUAL
A CANTADA PROIBIDA

NUAS
TINA GUEDES, JOANA MAGALHÃES E MONA

BRUNA LOMBARDI
UMA SUPERGATA AOS 40

100 ANOS DE CINEMA

LUCIANO BENETTON
CAPO DA MODA E DA F-1

DJAVAN
POETA DOS OCEANOS

uma publicação bloch
R$ 4,00

Proibida a venda a menores de 18 anos

PULO DO GATO

Foto WAGNER ALMEIDA

Gatinha Cláudia Felix, página 48.

Foto J. DONOSO — Sygma

Luciano Benetton, página 50.

Foto MASAOMI MOCHIZUKI

Bruna com Renato, página 6.

Foto Sygma

James Dean, página 70.

Foto EDSON ARAÚJO

Behula, Djavan e Simone, página 100.

Que ela é linda, está na cara. Mas a apresentadora, atriz e escritora **Bruna Lombardi** é também uma mulher muito interessante. Ela abriu seu coração e mente para **Renato Guima**, na entrevista principal deste número. Tudo no maior profissionalismo e respeito, claro, senão o ciumento maridão poderia alegar que houve *assédio sexual* – tema, aliás, da reportagem de **Alex Campos** na página 34. Alex mostra que, hoje, homens e mulheres, pelo menos no trabalho, devem manter distância segura. Falando em trabalho, poucos homens obtiveram mais sucesso em seus negócios do que o italiano **Luciano Benetton**, magnata da moda masculina e até da Fórmula-1. Quem conta sua história é **Tina Vieira.** Continuando no tema homem-mulher, chegamos a uma acirrada polêmica: o machismo de algumas letras de *rap* e a reação dos *rappers* – mulheres e homens – sem preconceito, como contam **Macedo Rodrigues** e **Adilson Gonçalves**. Do *rap* ao *jazz*, agora o assunto é talento precoce, diz o crítico **José Domingos Raffaelli**, que aponta as grandes promessas do meio jazzístico. Virtuosismo tão raro quanto um supercarro de sonho, o Ford GT40 que **José Rezende-Mahar** mostra a você na seção de *Automóveis*. Falando em raridade, **Edgar Olímpio de Souza** conta a história de uma noitada comportadíssima entre um jornalista solitário e uma garota de programa. Agora, um pouquinho de saudade e surpresa: **André Machado** comenta nova onda biográfica sobre **James Dean**, o maior mito do cinema. Este, aliás, é o assunto de **Moisés Liporage**, em artigo irretocável sobre os 100 anos da *maior diversão*. Ele faz um balanço da arte mais popular deste século. Já a redatora e *gourmette* **Behula Spencer** foi a um restaurante finlandês e aprendeu uma deliciosa receita de **Martti Vartia**, o dono do Koskenkorva. Uma delícia como Maceió, a capital de Alagoas, devidamente visitada pela *globe-trotter* **Maria Dania Junges**. Outro que adora viajar, quando não está gravando, é o cantor e compositor **Djavan**, que bateu um papo de cinco minutos com Behula e a jornalista e crítica musical **Simone Magno.** Djavan não assumiu seu lado mulherengo, mas nós assumimos: nosso negócio é mulher bonita! Trazemos as belas **Tina Guedes**, **Joana Magalhães** e **Mona**. Mas também assumimos que nossos critérios estéticos não são nada limitados. Eu, **Ney Reis**, detesto os *sex clichês* (que a Alexia Dechamps me desculpe; aliás, ela é tão magrinha...) e faço questão de comentar na página 110.
Por sinal, nosso colunista da *Última Página*, **Carlos Eduardo Novaes**, conhece uma mulher que trocou o marido por nada menos do que... bom, leia sua crônica – e muito mais, como as dicas de *Prazeres*, Música, Livros etc. – e descubra.

NEY REIS
Editor

PÁGINA DO LEITOR

CAROLINA

Parabéns a ELE ELA pelo belíssimo trabalho de toda a equipe. Moro em Manhattan e sou amante desta revista, mas nunca vi uma mulher como a Carolina. Suas fotos publicadas na edição nº 306 são perfeitas. Gostaria de me corresponder com esta deusa e, num futuro bem próximo, conhecê-la pessoalmente. Seria inesquecível – *Alex Menezes, Nova Iorque – EUA*

A Carolina é mesmo sensacional. Como você já deve saber, não temos autorização para divulgar telefone e endereço das modelos, mas podemos encaminhar a correspondência. Quem sabe ela marca um encontro em Nova Iorque? *Good luck!*

EJACULAÇÃO PRECOCE

Estou escrevendo para ELE ELA porque sofro de ejaculação precoce. Quero saber se vocês têm o telefone do médico Alfredo Romero, que participou da reportagem sobre o assunto – *Márcio Silva, Anápolis – GO*

Os telefones são: (011) 65-2215/4647/5460.

BABALU

Sou leitor e colecionador de ELE ELA e gostaria muito de ver nas páginas da revista a gatíssima Cláudia Félix (Babalu) em ensaios fotográficos. A beleza dela é estupenda, com aquela cara de garota selvagem que derruba qualquer homem. Parabéns a ELE ELA por ter colocado a Cláudia Félix na seção *Gatas & Gatinhas*, mas eu quero é mais! – *Geraldo Frade, Varginha – MG*

A Claudinha Babalu é mesmo uma maravilha. Você não precisa esperar mais: ela está de volta, em destaque, na página 48 desta edição de ELE ELA, na sua versão original: lourinha!

CANDIDATA A MODELO

Tenho 18 anos, 1,60m e 46kg bem distribuídos. Com pouca modéstia, sou muito bonita. Tenho um *hobby* que me excita muito: adoro ser fotografada. Meu sonho é posar para uma revista como ELE ELA. Além disso, gostaria de falar sobre minhas fantasias e aventuras, tudo o que uma jovem tem vontade de fazer ou já fez – *Juliana de Souza, Montes Claros – MG*

Cara Juliana, teremos o maior prazer em recebê-la em nossa redação para uma visita. Se não for possível, mande suas fotos pelo correio, para que possamos fazer uma avaliação. Quanto às suas fantasias e aventuras, você pode escrever uma carta para o suplemento *Cartas do Forum*. Garanto que terá muita gente interessada em saber algumas de suas experiências.

NÁDIA & CAROLINA

ELE ELA está cada vez melhor, com matérias inteligentes e sensatas. A cada página, uma surpresa, uma dica, um prazer. Todas as seções são interessantes e os ensaios fotográficos deliciosos. Aproveito para parabenizar ELE ELA por ter posto em suas páginas as gatíssimas Nádia e Carolina, ambas são estonteantes, charmosas e perfeitas. Realmente ELE ELA tem muita inspiração – *Alan Tempesta, Varginha – MG*

RASPADINHA

Acabo de ganhar da minha esposa uma assinatura da revista, o que já dispensa elogios. Gostaria de dar algumas sugestões: fazer reportagens sobre praias de nudismo, *shows* e espetáculos eróticos, e publicar fotos com as genitálias inteiramente depiladas – *Vitor Pereira dos Santos, Pouso Alegre – MG*

ELE ELA freqüentemente aborda estes assuntos, como na reportagem *Mercado do Sexo em São Paulo*, da edição passada, em que os *shows* eróticos da capital paulista aparecem em destaque. Quanto às genitálias depiladas, é uma questão de preferência. Podemos até pensar num ensaio sobre as *raspadinhas*.

CANTADAS

Existe algum livro que fale de cantadas, onde eu possa aprender a cantar as gatinhas? Se não for possível, gostaria de saber quais os tipos de cantadas que eu posso usar para conquistar as mulheres – *Edalmo Mendonça, Nova Iguaçu – RJ*

Cantada depende do momento e da pessoa. Esqueça a timidez, apele para a criatividade e busque inspiração para cantadas originais. Mas vale usar até a velha frase "não te conheço de algum lugar?" para introduzir um assunto e não perder a oportunidade. Se quiser saber mais sobre o assunto, solicite a edição nº 267 de ELE ELA e leia as dicas da reportagem *Cantadas Infalíveis – Como Levar Qualquer Mulher Para a Cama*. As instruções para pedidos de números atrasados estão no final do expediente nesta página.

ele ela

DIRETOR EDITOR: Janir Hollanda.
EDITOR: Ney Reis.
DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho.
REDAÇÃO: Alex Campos, Antônio Carlos Lisboa, Macedo Rodrigues e Renato Guima.
REPORTAGEM: Behula Spencer e Edgar Olímpio de Souza.
DIRETOR DE ARTE: Nélio Barbosa Horta.
DIAGRAMADOR: Jorge Luiz Carvalho Mariano.
PRODUÇÃO VISUAL: Rita Furtado.
MODA: Claudio Neves.
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Xico Magalhães.
FOTOGRAFIA: Indalécio Wanderley.
PRODUÇÃO: Carlos Affonso de Lima.
DEPARTAMENTO COMERCIAL: Osmar Gonçalves – José Carlos Sgarbi.
MARKETING: David Klajmic.
PROJETOS ESPECIAIS: Roberto Antunes.
RIO DE JANEIRO
ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804 – Tels.: (021) 555-4000 e 285-0033 Telex: (21) 21525 – Fax: (021) 205-9998 CEP 22210-010 – RJ.
PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 Parada de Lucas – Tel.: (021) 391-6000 – Telex: (21) 22751 Fax: (021) 391-6959 – CEP 21250-4501 – RJ.
BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro. Setor de Indústrias Gráficas, Quadra I – Lote 939 Tel.: (061) 321-5411 – Fax: (061) 224-1894 CEP 70610-400-DF.
SÃO PAULO: *Diretores:* Pedro Jack Kapeller e Salomão Schwartzman – Av. Professora Ida Kolb, 551/3º andar Tel.: PBX (011) 856-4122 – Fax: (011) 856-4224.
MINAS GERAIS: Lúcio Portella – Av. Afonso Pena, 1.500 16º andar – Centro – Telefone: (031) 226-3799 Fax: (031) 273-1159 – CEP 30130-005 – Belo Horizonte.
RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior Av. Otávio Rocha, 115/18º andar – Tels.: (051) 224-4744 e 225-4972 – Fax: (051) 225-4972 – CEP 90020-151 Porto Alegre.
PERNAMBUCO: Fernando Câmara Cascudo Avenida Dantas Barreto, 498/2º andar Telefones: (081) 224-0585 e 224-0972 Fax: (081) 224-0032 – CEP 50010-360 – Recife.
CEARÁ: Av. Antônio Sales, 2.666 Telefone: (085) 244-9066 – Fax: (085) 244-2523 CEP 60135-102 – Fortaleza.
BAHIA: Rua Almeida Sande, 40/1º andar – Banis Tels.: (071) 321-8931 e 321-5060 – Fax: (071) 321-5548 CEP 40070-370 – Salvador.
PARANÁ: Erondi Elhke Mendes Rua Marechal Deodoro, 211 Conj. 805/807 – Tels.: (041) 224-8263 e 224-8264 Fax: (041) 232-3224 – CEP 80020-320 – Curitiba.
EUA: *Correspondente:* Arnaldo Dines. 37 Carmine Street - Suite 308 – New York, NY 10014 USA – Tel.: (001212) 206-8256 – Fax: (212) 229-0530.
ITÁLIA: *Correspondente:* Daisy Benvenutti – Via Del Bollo, 3, Milano 20121 – Tel.: (00392) 87-4007 – Milão.
INGLATERRA: *Correspondente:* Liana Dines.
FRANÇA: *Correspondente:* Rogério Allman. Tel.: (00331) 4464-7186 – Fax: (00331) 4379-9526.
DISTRIBUIÇÃO: Bloch Editores Rua do Russell, 766/10º andar Tels.: (021) 555-4351 e 205-5877 Fax: (021) 205-0534 – Rio de Janeiro – RJ.

Central de Atendimento ao Assinante:
RJ: 555-4399 – Demais estados: 0800 – 213018

• Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado e indicação da edição desejada. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 – CEP 22.210-010 – Rio de Janeiro (RJ). O valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas.

ANER IVC INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

ele ela

Nº 309/Ano XXVI
Abril de 1995
Publicação Mensal

PRAZER & INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

NOSSA CAPA:
Tina Guedes, em fotos de J. S. Hicks.

ENTREVISTA
6 BRUNA LOMBARDI
A bela do *Gente de Expressão* troca de lado e dá uma entrevista a Renato Guima.

SERVIÇO
12 PRAZERES
Bares, pesca, hotéis, *points*, boa forma, vídeos eróticos...

MULHER
24 TINA GUEDES
Uma gata esguia, com tudo no lugar, por J. S. Hicks.

LIVROS
32 HOMENS INCOMUNS
Um inédito de Camus e outros lançamentos, por Ney Reis.

REPORTAGEM
34 ASSÉDIO SEXUAL
Alex Campos prova que o assunto da moda é muito mais antigo do que parece.

MÚSICA
40 GRANDES NOMES DA MPB E DO *JAZZ*
Elis, Gal, Raul, Chico, Caetano, Monk e Powell numa coletânea muito especial, por Henrique Koifman.

AUTOMÓVEIS
42 FORD GT90
José Rezende-Mahar *pilota* o descendente do lendário GT40.

SERVIÇO
44 RAPIDINHAS
Antonio Carlos Lisboa e as dicas de vídeo, cinema e turismo.

REVELAÇÃO
48 GATAS E GATINHAS
Os novos talentos a caminho do sucesso.

PERFIL
50 LUCIANO BENETTON
O sempre polêmico chefão italiano da moda e da Fórmula-1, por Tina Vieira.

COMPORTAMENTO
56 MULHER NO *RAP*
Macedo Rodrigues canta a guerra dos sexos na levada do *rap*.

DESTAQUE
62 GENTE
Behula Spencer mostra quem é ou vai ser notícia.

MÚSICA
64 OS NOVOS TALENTOS DO *JAZZ*
O crítico José Domingos Raffaelli lista os músicos promissores e suas influências.

PÁGINA 69
69 EDGAR OLÍMPIO DE SOUZA
Um programa cultural com uma garota de programa.

DOCUMENTO
70 JAMES DEAN
As causas e segredos do rebelde, por André Machado.

REPORTAGEM
76 100 ANOS DE CINEMA
Moisés Liporage enfoca a história da sétima arte e os sonhos que alimentaram gerações.

ELE NA COZINHA
84 SALMÃO MARINADO
Martti Vartia, do Koskenkorva, dá a receita especial a Behula Spencer.

TURISMO
86 ALAGOAS
Os encantos naturais do berço dos marechais, por Maria Dania Junges.

SERVIÇO
92 CONSUMO
As novidades para o escritório, a casa e o visual do homem moderno.

MULHER
94 JOANA MAGALHÃES
Na cama com uma morena toda especial em fotos da Vanity.

CINCO MINUTOS COM
100 DJAVAN
O compositor fala da carreira, em verso e prosa, a Behula Spencer e Simone Magno.

ESTILO
104 *BLAZER*
O básico para todos os momentos, com linhas e cores variadas.

CRÔNICA
110 *SEX CLICHÊ*
Ney Reis ironiza as preferências estéticas arraigadas na nossa sociedade.

MULHER
116 MONA
Uma loura suada para quebrar o gelo de qualquer um. Fotos Vanity.

ÚLTIMA PÁGINA
122 CARLOS EDUARDO NOVAES
O humor sempre picante de nosso colunista de plantão.

Foto Sygma

Assédio Sexual, página 34.

FOTO MARIA DANIA JUNGES

Turismo em Alagoas, página 86.

Foto Sygma

100 Anos de Cinema, página 76.

Foto WAGNER ALMEIDA

Guerra dos Sexos no *Rap*, página 56.

Foto LENA MUGGIATI

Marsalis e o *jazz*, página 64.

TINA GUEDES

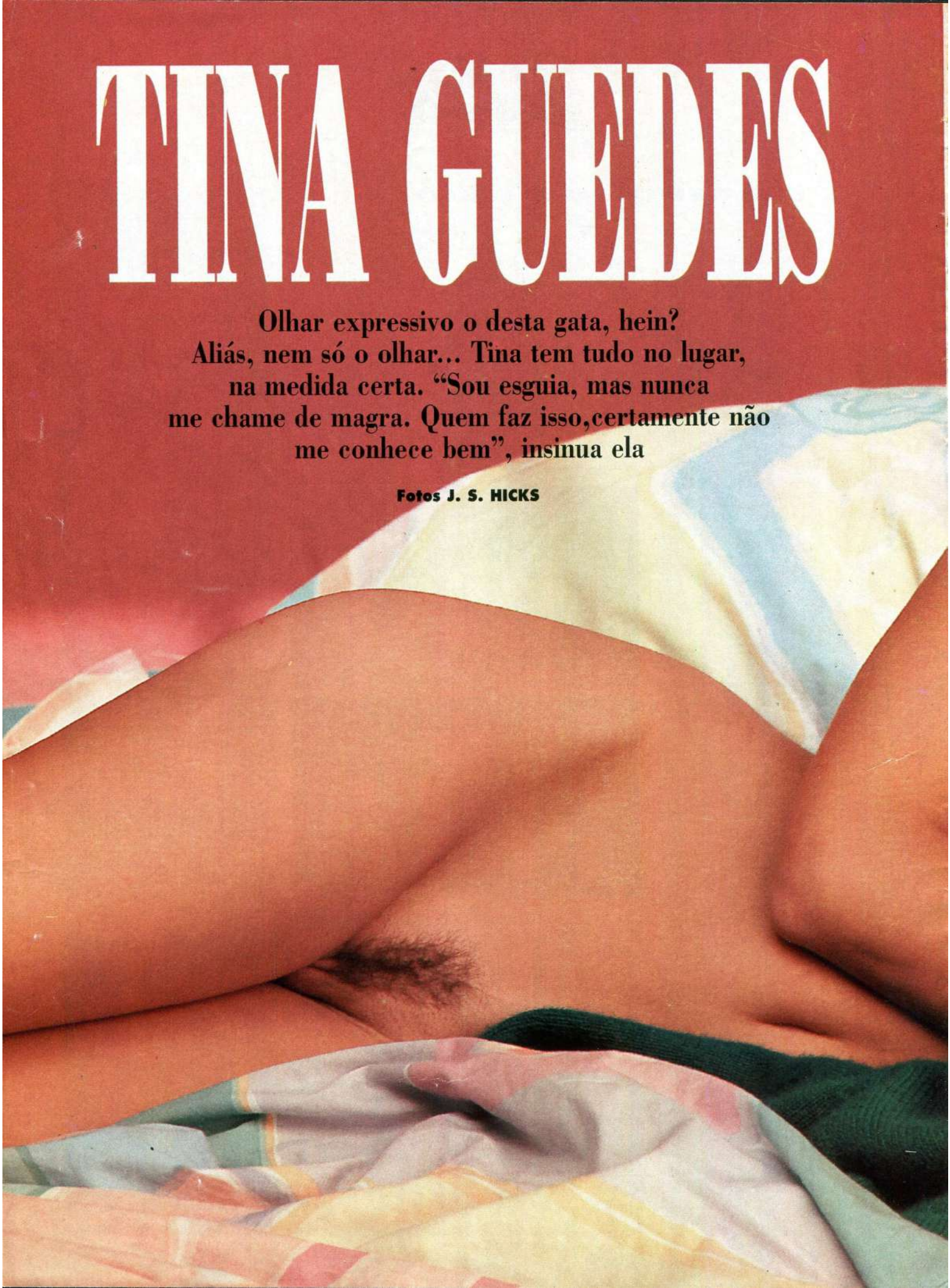
Olhar expressivo o desta gata, hein? Aliás, nem só o olhar... Tina tem tudo no lugar, na medida certa. "Sou esguia, mas nunca me chame de magra. Quem faz isso,certamente não me conhece bem", insinua ela

Fotos J. S. HICKS

TINA GUEDES

Olhar expressivo o desta gata, hein? Aliás, nem só o olhar... Tina tem tudo no lugar, na medida certa. "Sou esguia, mas nunca me chame de magra. Quem faz isso, certamente não me conhece bem", insinua ela

Fotos J. S. HICKS



Pegamos ela no *flagra*! Que carinha de susto, moçada! Na verdade, era tudo combinado: Tina é uma boa atriz. Ou uma atriz boa, como preferirem. "Tenho talento", garante

Sabem qual é o *hobby* da beldade? Futebol feminino! "Jogo na praia", conta ela. Em outros tempos, seria estranho, mas agora é moda. Qual a praia? Descubram sozinhos...

TINA GUEDES

ela
elê

TINA GUEDES
elê

TINA GUEDES
elê

TINA GUEDES
ela
elê

TINA GUEDES
elé

TINA GUEDES
elé

GATAS E GATINHAS

◀**CLÁUDIA AZEVEDO** é uma carioca que não troca a praia da Barra da Tijuca por outra. Ex-bancária, ela investe na carreira de modelo e valoriza o belo corpo praticando dança de salão, em busca do par ideal. Prefere um homem simples. "Se possível, moreno, alto, bonito e sensual."

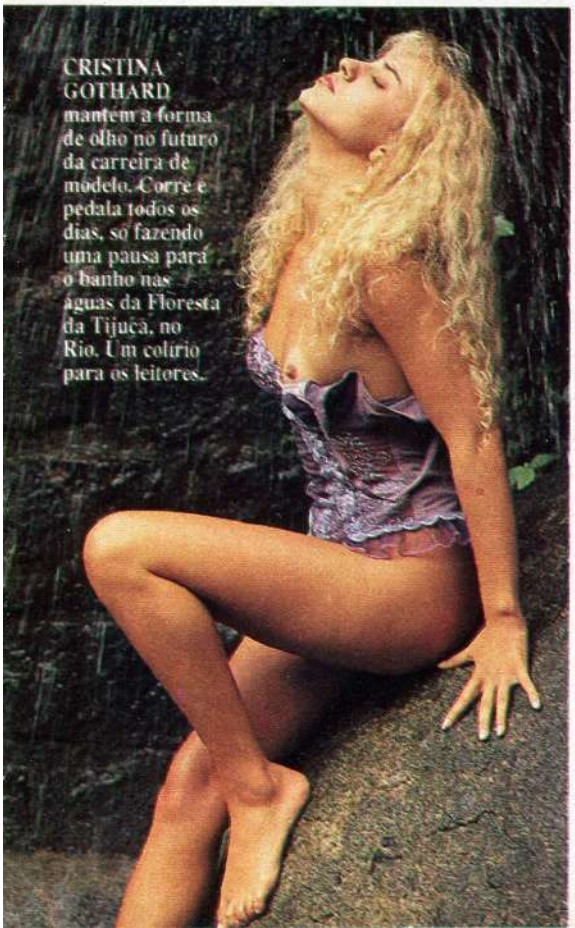
▲**ANGÉLICA COELHO** vai fazer vestibular para Comunicação. Muito desinibida, pretende também ser atriz, mas antes disso tem tudo para decolar nas passarelas como modelo. Essa carioca, de 19 anos, gosta de dançar e de praia. Os olheiros de plantão, com sorte, podem encontrá-la nas areias da Barra da Tijuca ou pedalando no Aterro do Flamengo.

▲**CLÁUDIA FELIX** está de volta, para alegria dos fãs. A moça é uma bem-acabada mistura de simpatia e sedução. Com tudo em cima, ela também atende pelo apelido de Babalu, por motivos óbvios. Entre uma malhação e outra, a *gata félix* sonha com um gato que tenha o mesmo fôlego.

Fotos de Cláudia e Glauce por EDMILSON SALDANHA; Fotos de Claudia Felix, Marlise e Marta por WAGNER ALMEIDA; produção RITA FURTADO; cabelo e maquilagem ULYSSES RABELO; Foto de Angélica por W. ALMEIDA; cabelo e maquilagem FÁBIO MORGADO GARCIA; Foto de Gleicy por RICARDO CANFORA; Foto de Cristina por VICTOR HART; produção RENATO DE CARVALHO. Agradecimentos: De Millus, Du Loren e Gaúcha.

◀ **GLEICY SANTOS** é uma gatinha inspirada. Gosta de escrever poesias e admira Drummond. Religiosa, ela é a prova de que Deus existe, tamanha a perfeição das curvas. Essa escorpiana prefere os intelectuais, mas quem estiver interessado tem que se apressar. Em breve, ela embarca para a Escandinávia, onde vai esquentar a neve.

MARTA ADRIANA ▶ é uma baianinha com o sugestivo apelido de Acarajé. Ela faz jus à fama: em sua passagem pela redação, apimentou a imaginação da rapaziada com convites para jantares, cinemas e "quem sabe algo mais?", provocou. Marta é, como se diz na sua terra, arretada.



CRISTINA GOTHARD mantém a forma de olho no futuro da carreira de modelo. Corre e pedala todos os dias, só fazendo uma pausa para o banho nas águas da Floresta da Tijuca, no Rio. Um colírio para os leitores.

▲ **GLAUCE ARAÚJO** é professora de inglês e português, mas está querendo abandonar os alunos, para se dedicar plenamente à carreira de atriz, bailarina e modelo. Consolem-se, meninos, com esta sua aparição em *lingerie* e aguardem porque esta *teacher* sobe, não?

▼ **MARLISE KALB** foi eleita Garota Bumbum de Brasília, título mais que merecido. Essa gaúcha de 1,75m é eclética: gosta de *dance* e de música clássica. Prefere homens altos e sinceros. Mas os baixinhos têm chances: seu ídolo é o Van Damme.

Eis uma morena sem rodeios, fêmea total e naturalmente voluptuosa. "Sei que sou *sexy*. É disso que toda mulher gosta: de se saber desejada", dispara Joana, que não é

francesa, como na canção de Chico Buarque, mas tão brasileira (e quente) quanto o universo nas letras de nosso maior compositor. "Mas não sou *paratodos*..."

JOANA

MAGALHÃES

Fotos Vanity

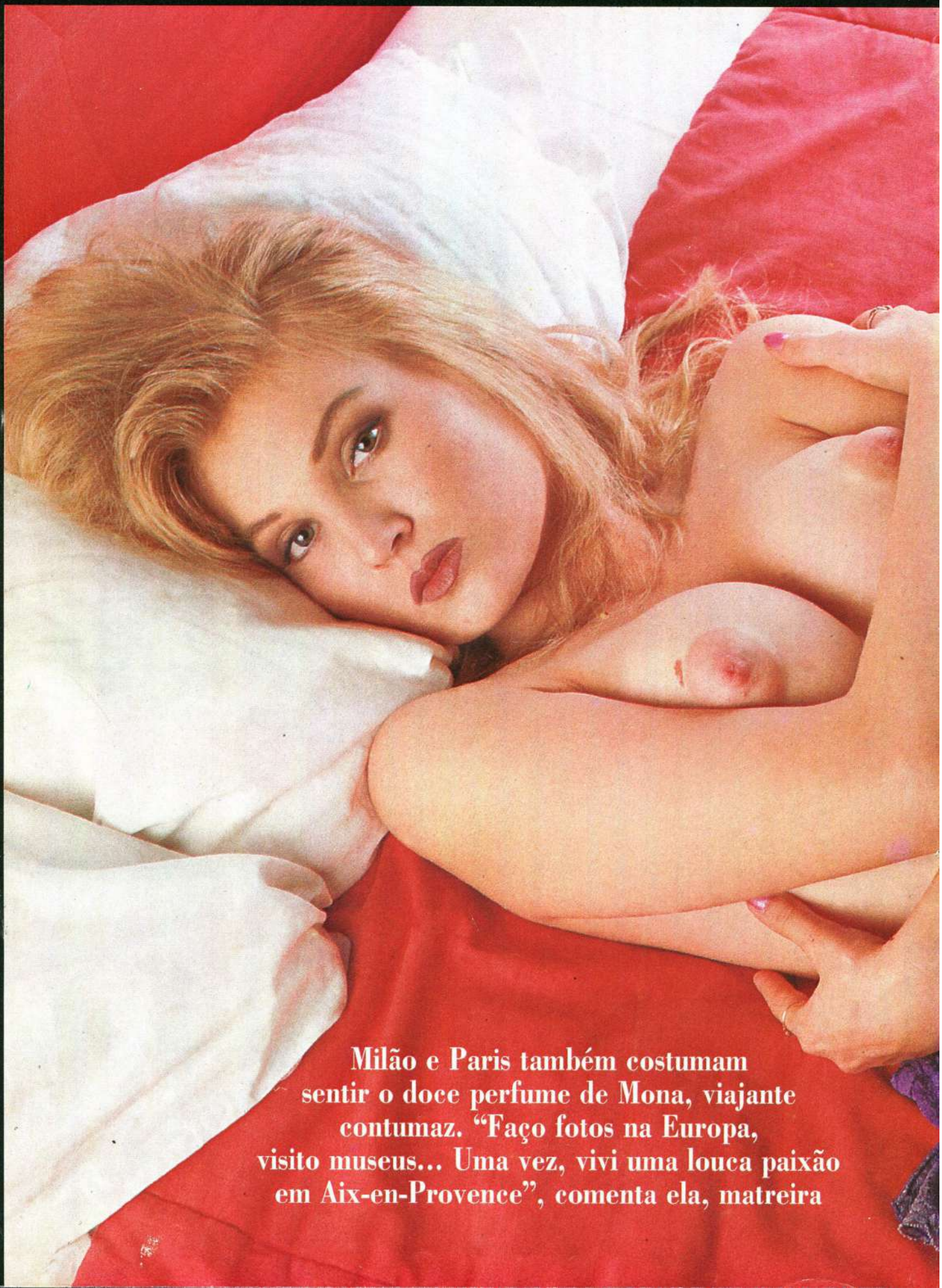
SEU tipo preferido é o "*falso discreto*... sabe, aquele homem que não precisa tocar trombetas para dizer a que veio", compara a gata

DO que ela gosta mesmo? "Aconchego, carinho, bom humor e uma certa dose de conforto. Eu não sou complicada, sou exigente." Quem pode, pode...

MONA

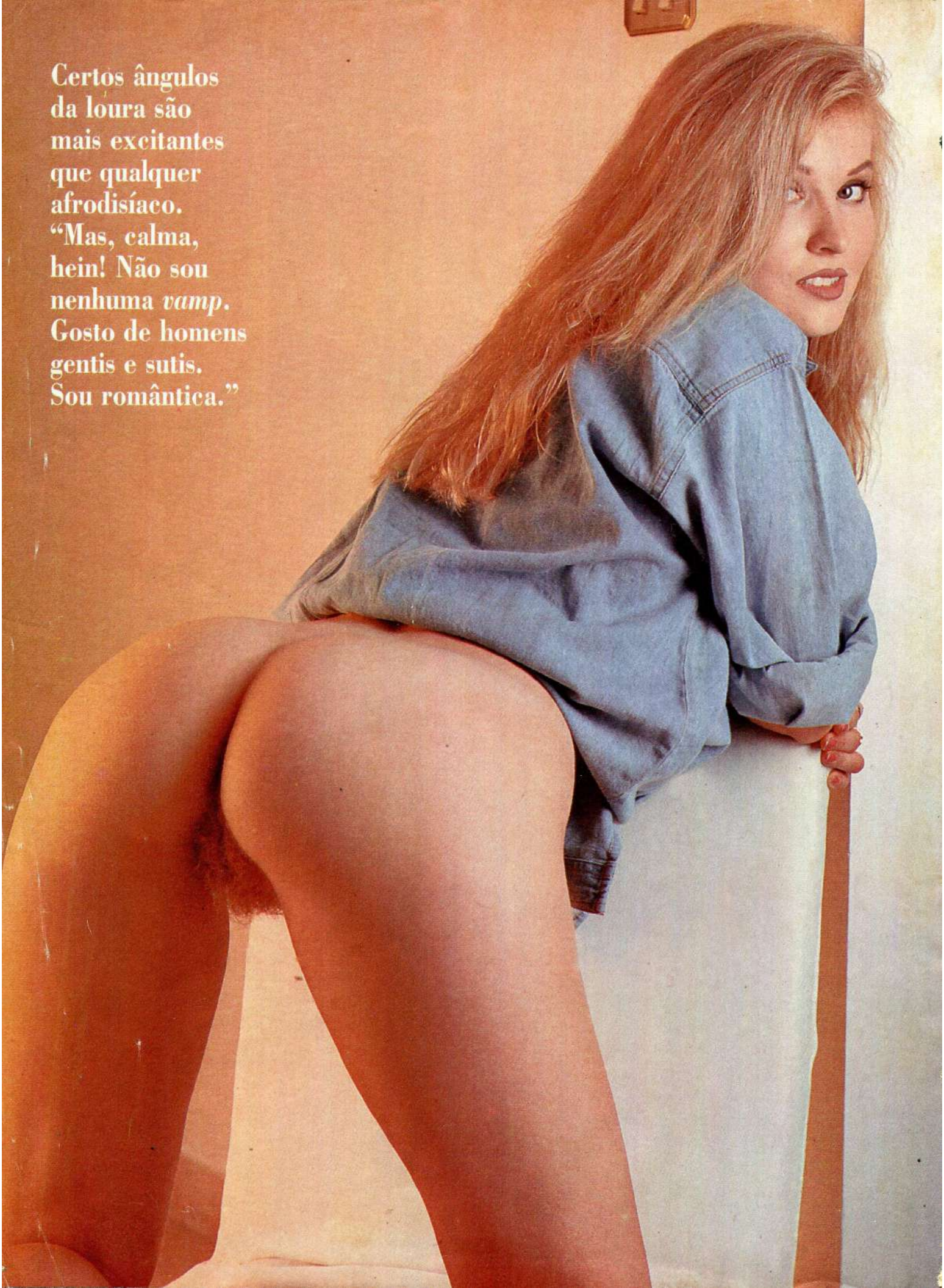
Mona tem nome de personagem de Henry Miller, mas é uma linda brasileira do Sul, amante das *caves* da Serra Gaúcha, onde degusta com prazer o vinho tinto, seu preferido. "Tem a cor do sangue, lembra paixão, embriaga...", sugere a louraça. Miller aprovaria essa gata!

Fotos MARCO MARI — Vanity



Milão e Paris também costumam
sentir o doce perfume de Mona, viajante
contumaz. "Faço fotos na Europa,
visito museus... Uma vez, vivi uma louca paixão
em Aix-en-Provence", comenta ela, matreira

Milão e Paris também costumam sentir o doce perfume de Mona, viajante contumaz. "Faço fotos na Europa, visito museus... Uma vez, vivi uma louca paixão em Aix-en-Provence", comenta ela, matreira



Certos ângulos da loura são mais excitantes que qualquer afrodisíaco. "Mas, calma, hein! Não sou nenhuma *vamp*. Gosto de homens gentis e sutis. Sou romântica."

Foto FREDERICO MENDES

BRUNA LOMBARDI

UMA LINDA MULHER DE EXPRESSÃO

Gata, leoa, loba, mulher. Bruna Lombardi é muitas e um pouco mais. Tem a atriz, a modelo, a poeta, a romancista e a jornalista que comanda o *Gente de Expressão*, na TV Manchete. Sempre com estilo e os olhos verdes faiscando de curiosidade. A menina que brincava de teatro em casa, e na escola lia a sério poemas de Drummond, continua esbanjando vitalidade. Endeusada como a irresistível *Bruuuuuna* pelo professor de mitologia encarnado por Agildo Ribeiro no antigo *Planeta Dos Homens*, ela é um símbolo sexual que ignora solenemente o rótulo de loura burra. Longe disso, em Los Angeles, Bruna estuda cinema, coleciona entrevistados famosos e curte o filho Kim, de 13 anos, e o marido Carlos Alberto Riccelli. Encontrar uma vaga na agenda de Bruna para entrevistá-la é missão nada fácil. Com a mesma naturalidade que transita por Los Angeles, divide-se entre o Rio e São Paulo, nas temporadas brasileiras, e percorre outras cidades em busca de entrevistados do porte de Bernardo Bertolucci, Meryl Streep e Harrison Ford. Leonina e com nome de princesa, Bruna Patrícia Romilda Maria Teresa Lombardi se diz uma distraída convicta, que fica envergonhada ao receber um elogio, mesmo que isso não combine com seu signo e a nobreza

Por RENATO GUIMA

DEPOIS do sucesso como entrevistadora, no *Gente de Expressão*, você se desacostumou de dar entrevistas?

– É, pois é. Também é muita correria, falta tempo. Mas tenho gostado do papel de entrevistadora, de ter a oportunidade de conhecer novas pessoas.

– Hoje, nos Estados Unidos, mulheres famosas de sua faixa etária fazem sucesso ao posarem nuas. O que você acha da valorização dessas gatas de 40, ou melhor, dessas lobas?

– Acho legal, mas para mim não diz muita coisa. Não ligo para idade. Nem penso nisso. Posei nua pela primeira vez há dois anos e não tenho mais vontade, absolutamente. Na verdade, nunca me importei muito com essa história de idade e beleza. Pode acreditar.

– Mas você é considerada um símbolo de mulher bonita. Foi difícil transpor esse rótulo, provando que é mais do que um rostinho bonito?

– Sim. A mídia colabora muito para a fama de mulher bonita e eu agradeço, considero válido, faz parte da manutenção de minha imagem. Acho ótimo ter a possibilidade de ser vista assim também. É um dom. Mas, se fosse só considerada a mulher irresistível, seria pouco estimulante. Gosto da diversidade.

"SERIA POUCO ESTIMULANTE SE FOSSE CONSIDERADA APENAS MAIS UMA MULHER IRRESISTÍVEL"

– Você é atriz, modelo e jornalista mas, se um dia fosse obrigada a escolher só uma profissão, o que faria?

– Provavelmente seria piloto de avião (risos). Sou muito imprevisível. Faço as coisas interessada em surpresas, sou curiosa. Chego num lugar e quero saber o que tem atrás daquela parede, daquela outra e mais atrás. Sempre acho que tem alguma esquina que ainda não vi. Então, estou sempre procurando. Sou movida por essa vontade de ver tudo, aprender, curtir. Me envolvo muito com as coisas, sou apaixonada pelo que faço.

– Ao mesmo tempo, essas muitas Brunas mantêm um casamento de 16 anos. Qual a receita para conciliar tudo isso?

– Minha família é uma coisa supersegura, apesar de eu ser tão cigana. Nós somos artistas e vamos para onde o trabalho nos leva. Pode ser para Hong Kong, Bangkoc ou Belo Horizonte. Se lá estiver o trabalho, é para lá que vou. Não é ruim, eu gosto. Tem funcionado. O nosso filho, o Kim, tem 13 anos e somos superamigos. Temos muitos códigos particulares. Nós três podemos ficar horas conversando e ninguém vai entender nada. Vivemos num mundo muito especial. Moramos num apartamento de cobertura, em Los Angeles, com jardim e muito espaço.

– Como vão os estudos do casal nos Estados Unidos?

– Estudamos juntos e separados. E isso está sendo ótimo para nós. Eu e o Riccelli recebemos muitas informações sobre cinema. Sempre foi o meu sonho aprender mais coisas e poder utilizá-las no Brasil. Toda vez que venho aqui, acho que deixo um pouco do que aprendi.

– Quando bate a saudade, sente mais falta da caipirinha, da praia ou da feijoada?

– Da chuva. Mas nem vou falar nisso porque tem chovido tanto agora (na noite da entrevista caiu um temporal no Rio). Adoro o cheiro da terra, quando cai a chuva de verão. Morro de saudade! Sou uma pessoa que pára para ficar olhando o céu, a terra, o mar. Sou muito ligada à natureza. Sou capaz de largar tudo e tirar a roupa para entrar numa cachoeira ou dar um mergulho no mar. Minha ligação com o planeta é das melhores possíveis.

– Você enfrenta algum tipo de preconceito lá fora por ser brasileira?

– Não, graças a Deus. Nunca sofri nem nunca tive este tipo de sentimento em relação a ninguém. Essa palavra, felizmente, não faz parte da minha história, das minhas relações.

– Qual é a visão que seus colegas de curso têm do Brasil? Conhecem nosso cinema?

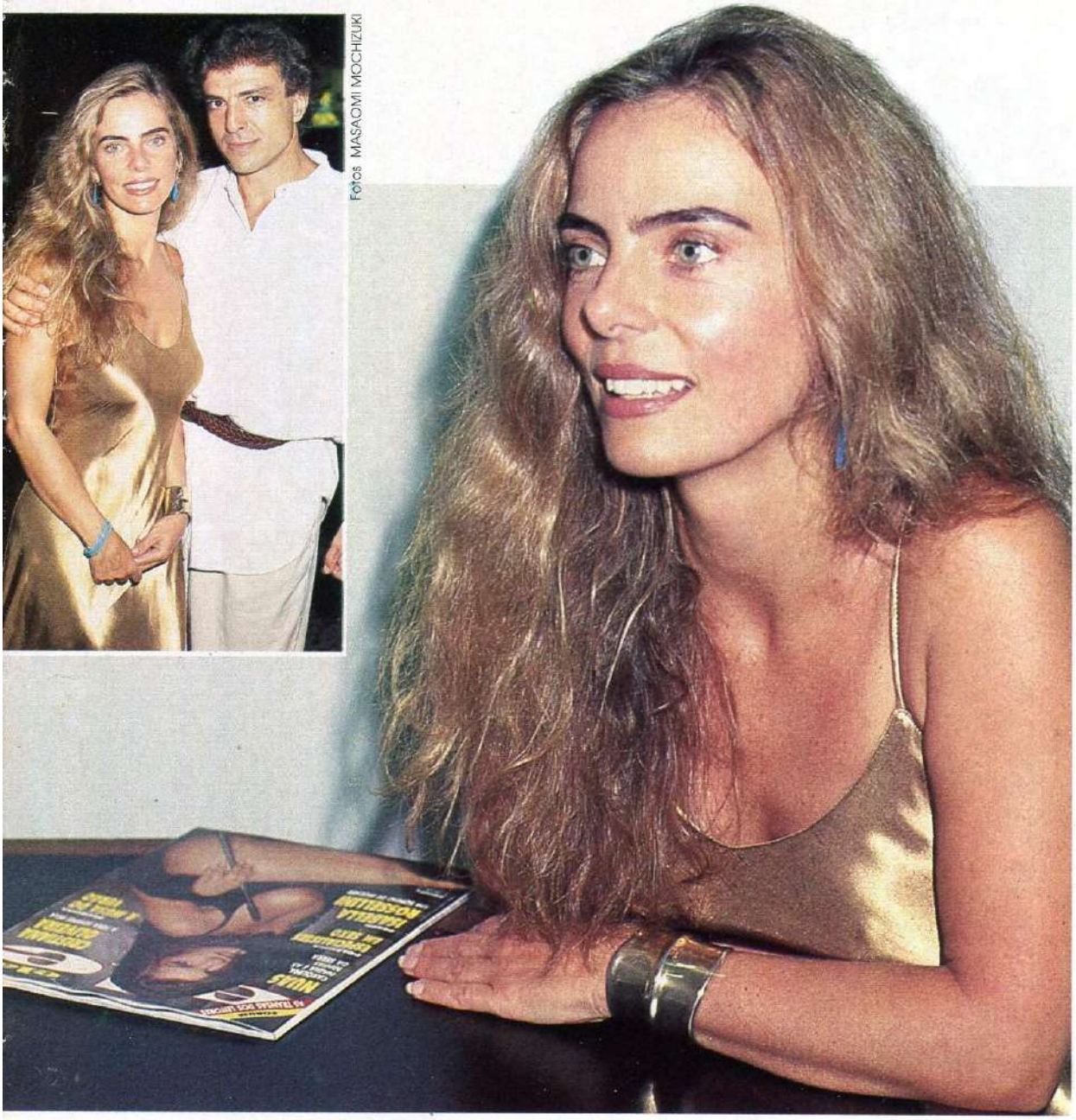
– Olha, infelizmente, conhecem muito pouco do Brasil. A gente quer explicar a

Foto LINO RODRIGUES

Foto JOÃO SILVA

Com o eterno galã Tarcísio Meira, em dois momentos, nas novelas *Roda de Fogo* (alto) e *De Corpo e Alma* (acima); e ao lado do marido Carlos Alberto Riccelli (alto à direita), colega do curso de cinema nos Estados Unidos, onde vivem com o único filho, Kim.

Fotos MASAOMI MOCHIZUKI



toda hora que maravilha é este país. E é uma nação tão rica de talento, de energia, de ginga, que é difícil traduzi-lo. 'Vocês precisam ver', eu digo. Faço a maior campanha pró-Brasil entre meus colegas. Morro de paixão por essa terra! Digo que eles têm que vir aqui para compreender nosso astral. Sentar numa praia, tomar caipirinha, ver aquele pôr-do-sol, para entender a energia que existe espontaneamente nas pessoas, no pobre e no rico. Se tirássemos a violência do Brasil, teríamos um paraíso na Terra.

– Quais são seus próximos planos?

– Estou trabalhando num filme, nos Estados Unidos, *The Best Revenge*, de Jim Becket, que deve estrear lá em junho, mas, ao mesmo tempo, não sei o que acontecerá depois. É engraçado que as pessoas, às vezes, virem para mim e falem: 'Ah, você é uma pessoa tão organizada, planeja tão bem a sua vida.' Outro dia, saiu uma reportagem que dizia: 'Ela é linda e sabe viver.' Como se eu planejasse tudo! Não planejo a vida, deixo fluir, vou seguindo, improvisando. Sou mais uma artista que vai com a malinha caminhando por aí, mambembe. Sou muito mais uma pessoa que vive intensamente, no fundo do meu ser, do que aquela que pára para planejar.

– E, no fim, dá certo?

– Dá, porque também sou uma pessoa de muita sorte, supersortuda.

– Já ganhou na loteria quantas vezes?

– Nunca, mas foi porque ainda não joguei (risos).

– E as entrevistas do programa, como vão? Você conversou com quem nesta temporada brasileira?

– Vão muito bem, obrigada. Fiz uma série de entrevistas e conversei com o pessoal da TV Manchete para fazer reformulações no programa. O *Gente de Expressão* ficou mais interessante com as mudanças na abertura, no clima, até porque gosto de trocar de pele. Vivo mudando! Nestas últimas entrevistas no Brasil, conversei com pessoas interessantes e mulheres bonitas que vão agradar em cheio aos leitores da ELE ELA, como Ornella Muti, Sônia Braga e Carla Camurati. Elas são inteligentes, lindas e *sexy*.

– Que entrevista ainda não fez e gostaria de ter feito?

– Tem milhões. O maravilhoso do *Gente de Expressão* é poder conversar com as pessoas mais interessantes do meu tempo. Isso é um privilégio. Puxa vida, durante esses três anos, tive a oportunidade de bater papo com gente tão brilhante, tão interessante, inteligente, em várias áreas, línguas e países! E, para quem escreve, como eu, isso é uma dádiva, um presente de Deus, um prêmio.

– Algumas pessoas acham que a Bruna repórter exagera na sedução ao entrevistar seus convidados.

– Não sinto isso de jeito nenhum. Acho até que é o contrário, sou uma pessoa discreta. Outro dia, estava vendo a reprise do programa com o Keith Richards, dos Rolling Stones, e percebi detalhes para as quais, na hora em que vo-

cê grava, não está nem aí. Vi que, num determinado momento, ele pára no meio da conversa, me olha sério e diz: 'Você é tão bonita!' E minha reação foi dizer um 'muito obrigada', abaixando o rosto e continuando com as perguntas. Fico supertímida numa situação dessa. Na verdade, tenho um lado quase que recatado na hora das entrevistas. O resto é coisa de leonina. O leão tem uma personalidade assim, catalisadora, envolvente mesmo. Mas, no geral, é o contrário. As pessoas falam: 'Ah, o cara te canta na entrevista.' Não é isso, o que ele faz é um elogio. Porém, sempre abaixo a cara e morro de vergonha.

– Excesso de timidez?

– Sou muito distraída. Se você me perguntar assim, de repente, o que menos gosto no meu corpo, não sei dizer.

– Isso deve ser difícil mesmo de enumerar.

– Não... (risos). Sério, se pudesse mudar essa história de distração! Sou distraída a ponto de esquecer bolsa em qualquer lugar, perco um par de óculos por semana. Não ponham nada na minha mão que vou largar por aí. Largo tudo em todo canto (jogando o bracelete na mesa). Quando faço novela ou uma minissérie, o pessoal da produção brinca comigo dizendo que isso é um caso raro. Todo mundo vai atrás de mim, catando tudo que deixo pelo caminho. E eu sempre digo: 'Não vou fazer mais isso.' Se você soubesse a quantidade de vezes que já esqueci a bolsa nas ruas de Los Angeles, não acreditaria. Desisti até de andar de bolsa.

– Guarda-chuva, então, nem conta.

– Ah, tomo chuva direto há muito tempo (risos).

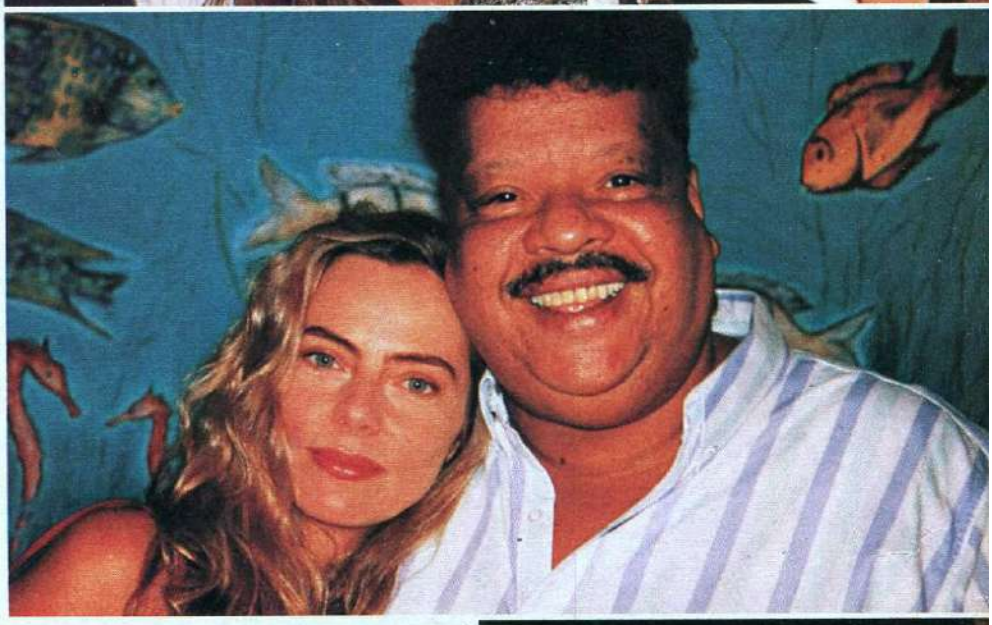
– Mas as cantadas na rua você percebe, não é?

– O Ri (Riccelli) costuma dizer que, para eu reparar numa cantada, a pessoa tem que chegar, me pegar pelos braços e dizer 'estou apaixonado por você', para eu poder compreender. Senão, nem noto. Acho que a pessoa está sendo gentil. As pessoas me elogiam muito, mas não vejo isso como paquera. Na minha cabeça, cantada é outra coisa, mas pode ser que eu não saiba o que seja uma realmente, *né*?

– E quando a azaração descamba para a baixaria?

– Não acontece isso, felizmente. Muitas vezes estou chegando a um aeroporto americano, e os caras da alfândega

Fotos MANCHETE IMAGENS



ficam me olhando. Nem sabem quem sou e acabam pedindo um autógrafo, porque me acham bonita. Já me acostumei, mas acho que isso não significa nada, só que você emana uma coisa boa que as pessoas captam e te devolvem também. É uma troca de energia. Sou apaixonada pelas pessoas, adoro! Tenho pouco tempo, mas gosto de conhecer gente, conversar. Até porque, se fosse diferente, não faria o que faço. Para escrever, você tem que conhecer as pessoas, gostar dos personagens. Para entrevistar, temos que ter curiosidade, querer saber mais da pessoa com quem conversamos. Como atriz, também: é necessário criar personalidades em cima de pessoas, que podem ser mulheres, homens, novos ou velhos. Meu trabalho é todo ligado a isso. Sou apaixonada por gente.

– Com todas essas atividades, sobra tempo para a poesia?

Foto ROSA DE LUCA

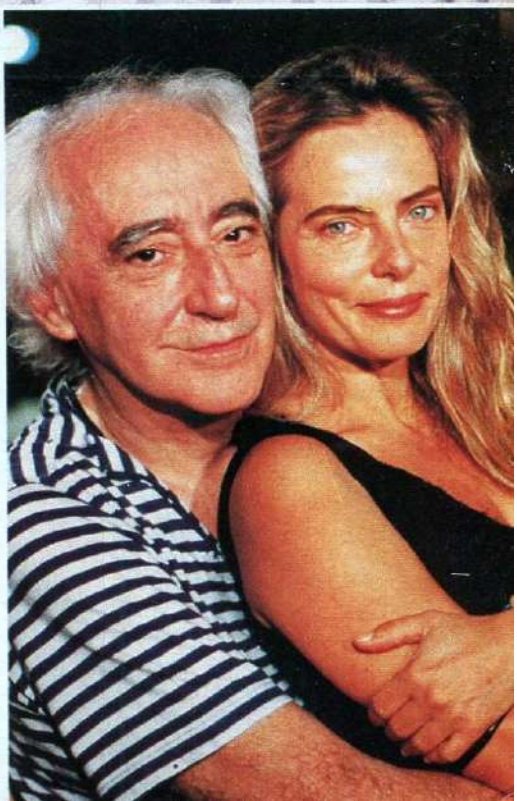
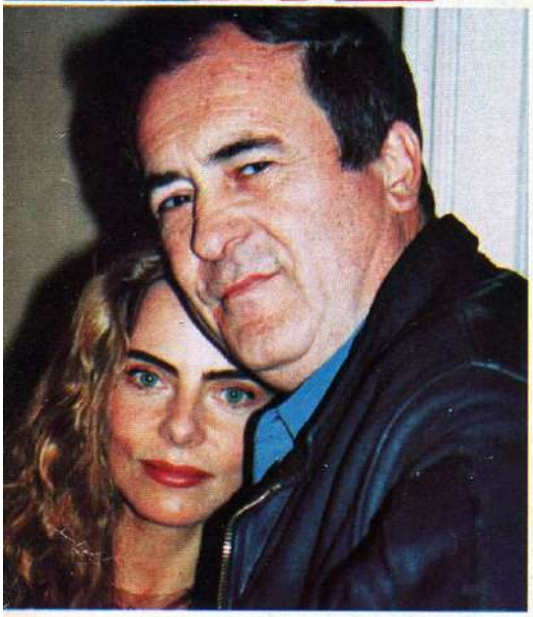


Foto RENATA NEVES



Nas fotos, o time de entrevistados do *Gente de Expressão*: o cineasta Bernardo Bertolucci (acima), o diretor Zé Celso Martinez Corrêa (ao lado), o cantor Tim Maia (acima, à esquerda), a colunista Joyce Pascowitch (no alto, à esquerda) e a jogadora Hortência (no alto, à direita).

– Sempre. Escrevo em qualquer lugar. Não tenho uma disciplina, até porque minha vida anda muito indisciplinada. Se não é num caderno, é no guardanapo, num pedaço de papel. Todo espaço serve para escrever o que vai pela cabeça.

– Depois de seis livros publicados, tem algum outro saindo da gaveta?

– Por enquanto não. Gosto de dar um tempo. Adoro reciclar, trazer novas informações para minha cabeça. Não gosto de repetir. Nem sucesso me interessa repetir. Como já disse, gosto do desafio, do novo, do desconhecido, do que eu não conheço ainda.

– E você mostra o que escreve aos amigos? Recita os poemas?

– Não, não guardo nada de cor. Às vezes mostro, às vezes não. Tenho muita coisa na gaveta. Nem sei se vou publicar. Há épocas em que jogo fora, dou uma limpada geral. Não quero mais isso, nem aquilo... De repente, tenho uns extremos. Paro e digo: chega. Tenho um espírito de reforma.

– Tem a ver com seu signo?

– Pode ser, sou Leão com Touro. Sempre quero fazer novas coisas. Isso me interessa. Em um dia, quero plantar umas árvores e, no outro, colher flores. Me estimula fazer várias atividades ao mesmo tempo.

– Pela segunda vez, primeiro em *Perigosas Peruas* e, mais recentemente, em *Pátria Minha*, você foi convidada a substituir Vera Fischer numa novela. Por que não se concretizou sua participação?

– Não era o momento. Falta tempo para qualquer outro projeto. Não consigo nem falar com você direito, *né*?

– Se a Vera não fosse um símbolo sexual como você, a história teria outro desfecho?

– A Vera é linda, excelente atriz. Acho que é impossível julgar alguém, julgar problemas pessoais. E não interessa por quais motivos foram provocados. Ninguém tem direito de meter o dedo nas feridas dos outros, sejam famosos ou não.

"O RI COSTUMA DIZER QUE, PARA EU REPARAR NUMA CANTADA, A PESSOA TEM QUE ME PEGAR PELO BRAÇO"

– O Mário Quintana dizia, num texto, que "*O poema é como uma bola de cristal/Se enxergares nele apenas o teu nariz, não culpes o mágico.*" Você se considera uma boa mágica?

– A gente faz tudo. Todo artista tem um pouco de truque na vida. Tem um quê de malabarismo, de mágico, improvisador. Quando tudo desmorona, ele está lá segurando os pratos em cima de um arame, montado numa bicicletinha. Somos todos assim. E artista que eu digo pode ser das mais diferentes funções. O cara pode ser, de repente, empresário ou médico. Acho que, no Brasil, a situação econômica, financeira e cultural faz com que o mercado de trabalho se desenvolva de uma maneira tão pequena, perto do potencial que temos, que obriga todo mundo a ser um pouco artista. Não tem jeito. Tem que aprender a trabalhar muito e a brincar também, porque senão você enlouquece. O país está assim e, no mês seguinte, pode estar assado. Para você dar conta, tem que ter um jogo de cintura que, às vezes, me sinto como o melhor jogador da Copa e eu falo 'uau!!!' (risos). Por outro lado, existe a história da magia, vendo a outra face do truque, que tem muito a ver com a cultura. Costumo dizer que não se pode viver dentro da civilização e fora da arte. Um país sempre será lembrado pelo trabalho de seus artistas, sua música, pintura, cinema, literatura.

– E onde funciona melhor a Bruna mágica?

– No momento lúdico da criação. Sou uma pessoa que é eternamente criança e que facilmente se deixa enganar. Meus amigos costumam brincar dizendo assim: 'Não fala isso que ela acredita.' Fico fascinada com o mundo da fábula, consciente de que a realidade também é excitante. Os filmes de Fellini são muito isso. Quando você perde essa ingenuidade, a vontade de descobrir novas faces do sonho, vira uma planta murcha. E isso não combina comigo.

PRAZERES

VÍDEO ERÓTICO
QUATRO BANQUETES PARA A SUA LIBIDO

O renomado diretor Francis Leroi está de volta, mais uma vez reacendendo a polêmica entre erotismo e pornografia. Os críticos, que se dividem quanto a questões como a diferença entre os dois e se ambos podem ser considerados formas de arte, terão mais um motivo para dor de cabeça com o filme *Erotismo À Flor da Pele*. Nele, Leroi ataca e confunde as opiniões mais arraigadas que estabelecem limites entre as duas formas.

Com *Erotismo À Flor da Pele*, Leroi conquistou cinco prêmios Hot D'or, consagrando a sua obra como o melhor vídeo da indústria erótica européia. Os prêmios alcançados foram: melhor cenário, melhor filme francês, melhor atriz estrangeira, melhor campanha promocional e prêmio especial dos videoclubes. Muito justa foi a escolha de Zara Whites como a melhor atriz estrangeira. Sua *performance* é *pra* lá de excitante.

No banco de um ponto de ônibus, uma linda jovem (Whites) encontra uma fita de vídeo esquecida propositalmente por um homem misterioso. Ao assistir à fita, que contém cenas de sexo explícito, ela é dominada por devaneios eróticos. A realidade cede espaço à fantasia, e Zara é aprisionada na fita de vídeo, na qual participa de diversas orgias sexuais, inclusive com pitadas de sadomasoquismo. No final, o homem misterioso deixa outra fita no mesmo banco, à espera de mais uma vítima.

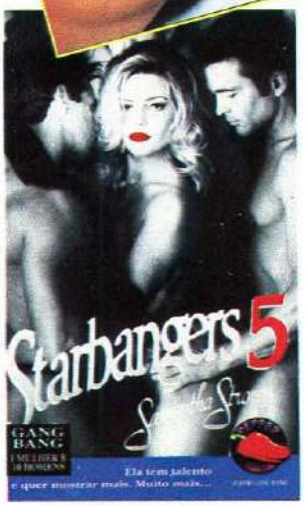
Sexo anal, dupla penetração e lesbianismo compõem o tempero deste lançamento da Vogue Erotic Home Video. No elenco estão Sunny MacKay, Noelle O'Hores, Charlène, Sophie, Christophe Clark, Richard Rouille, Franck Mazars e Yves Baillat. Apesar de não haver diálogos nem legendas, a compreensão do enredo e o prazer são garantidos. Duração: 96 minutos.

Outro lançamento que deixará os aficionados em vídeos eróticos completamente excitados é *Noite das Arábias e a Lâmpada Afrodisíaca*. O filme mostra a imperdível primeira cena de dupla penetração da superestrela Porsche Lynn. Quem nunca ouviu a história de *Aladin e a Lâmpada Maravilhosa*? Pois o diretor Jim Enright faz uma paródia deste conto das *Mil e Uma Noites* com muito erotismo e sagacidade. No enredo, dois detetives procuram a Lâmpada Afrodisíaca que realizará todos os seus desejos sexuais. Integram o elenco: Sierra, Lacey Rose, Melanie Moore, Cristina Dior, Jena Wells, Jonathan Morgan, Sean Michaels, Stephan St. Croix e Julian St. Jox. Alguns cenários da fita, que já foi premiada nos Estados Unidos, reproduzem haréns árabes. Distribuído pela Pepper Productions, o vídeo tem duração de 75 minutos.

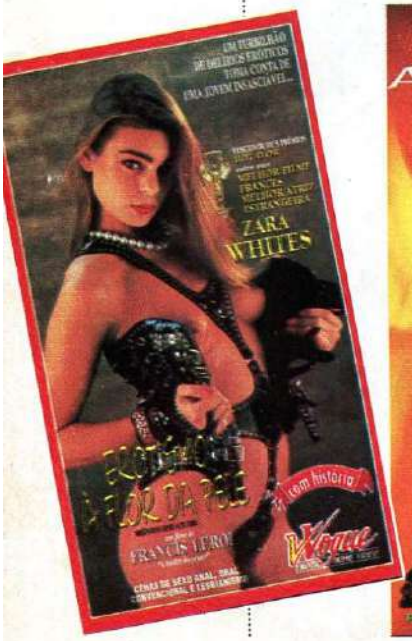
Também da Pepper Productions, está chegando ao mercado *Starbangers 5*. Sob a direção de John T. Bone, a megaestrela Samantha Strong realiza uma super-gang bang (uma mulher e vários homens) fazendo sexo simultaneamente com 10 homens. Ela dá conta de todos e ainda pede bis! No início e no final da fita são revelados os bastidores da produção com imagens do *making of*. Entre os atores que dividem a cena com Samantha estão Alex Sanders, Michel Ray, Peter North, Blake Palmer, Damian Zues e Sean Rider. Duração: 80 minutos.

John T. Bone, considerado o mestre da depravação, também assina a direção de *But Masters — Namoradas Infiéis*. O filme coloca *uma pulga atrás da orelha* dos homens que *põem a mão no fogo* pela fidelidade de suas namoradas. Bone mostra que, apesar de as mulheres jurarem lealdade, elas não se satisfazem com um só homem e aproveitam todas as oportunidades para trair seus namorados. O filme contém fortes cenas de sexo oral, anal em cinco posições e dupla penetração. Estão no elenco Tami Ann, Marilyn Matlin, Gasper, Bil Withrock, Jonathann Morgan e Jake Williams. Distribuído pela But Home Video, a fita tem 90 minutos de duração. Com estes lançamentos, só resta apertar o *play*, relaxar e...

Weber Lopes



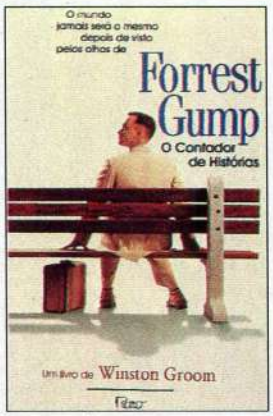
Zara Whites (abaixo) estrela um delicioso *sadomasô*; em *Noites das Arábias* (embaixo, à direita) a lâmpada de Aladin vira objeto do desejo; no alto, *But Masters* mostra a fundo a infidelidade feminina; e *Starbangers 5* traz uma mulher para dez homens.



LIVROS

FICÇÃO E RELATOS

MITOS, GÊNIOS E MOTOCICLETAS



Seria um romance de mais de 600 páginas, um "romance da maturidade", segundo definição do editor francês Robert Gallimard. Mas o autor, o argelino Albert Camus, morreu antes, num acidente de automóvel em janeiro de 1960, aos 46 anos. Por isso, *O Primeiro Homem* (Editora Nova Fronteira, 324 páginas, tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira) chega ao Brasil como um grande romance inacabado de Camus, Prêmio Nobel de Literatura de 1957 e autor de obras-primas como *O Estrangeiro* e *A Peste*.

Autobiográfico, *O Primeiro Homem* conta a história de Jacques Comery (*alter ego* do autor) em sua volta ao passado, na Argélia. Com seu estilo ao mesmo tempo direto e minucioso, com sensibilidade incomum para descrever cenários e estados de espírito, Camus recriou as ruas, o povo, os costumes, os conflitos da Argélia ainda sob o jugo francês mas já tomada pela comichão da liberdade. A saga de Jacques é uma história tensa de autoritarismo familiar (a avó tirânica e megera), de ausências (o pai morto depois da batalha de Marne), a alienação da mãe, uma mulher *anestesiada* pela vida, e seus próprios fantasmas. Para escrever o livro, Camus começou a tomar notas em 1951, com o intuito de escrever um romance sobre as mulheres, o amor e sua terra natal (ele nasceu em Mondovil, em 1913). Os manuscritos deste livro foram encontrados com o escritor, no carro destruído. Independente, Camus pertenceu à Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial, depois de ter sido expulso da Argélia em 1938, por denunciar a miséria, e editou o jornal clandestino *Combat*. Mas também denunciou os campos de concentração soviéticos da era stalinista e, por isso, rompeu com Jean-Paul Sartre e toda a esquerda francesa.

A biografia do ex-Presidente Itamar Franco (abaixo) é um dos bons lançamentos do mercado editorial e vem reparar algumas injustiças com o político recordista de popularidade.

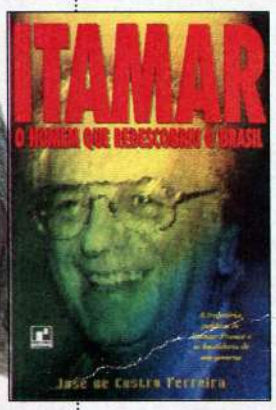


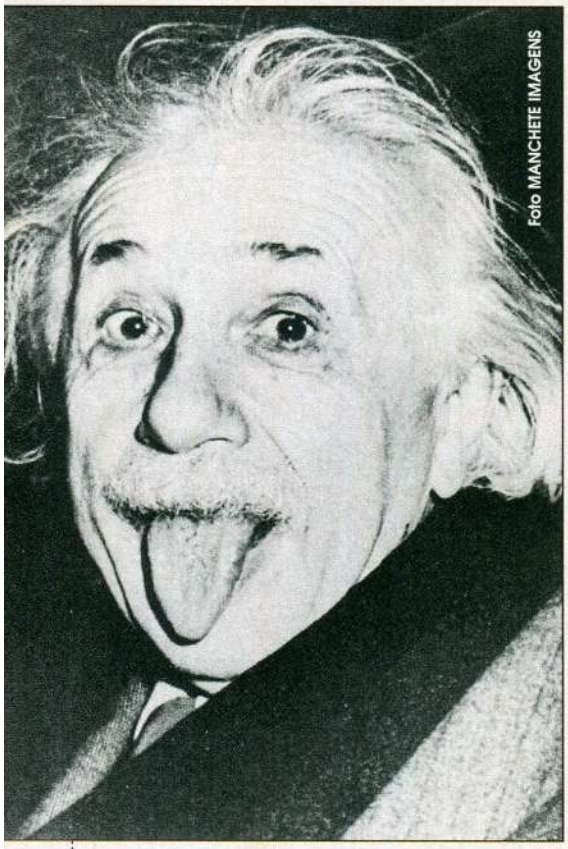
Foto SOLANO GOLDFARB

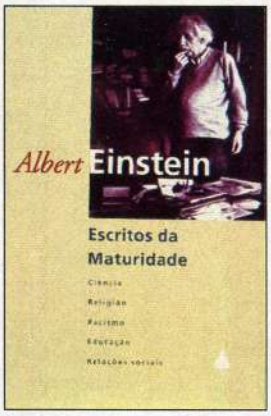
Boa leitura também é *Itamar: O Homem Que Redescobriu o Brasil* (Editora Record, 288 páginas mais encarte com 65 fotos), de José de Castro. Ex-consultor-geral da República e amigo de Itamar Franco há mais de 30 anos, José de Castro não fez, neste livro, ao contrário do que se poderia esperar, um elogio rasgado do ex-presidente brasileiro. Mas foi justo com o mineiro que devolveu ao país, após a aventura desastrada e rocambolesca do governo Collor, a dignidade e o sentimento de patriotismo e esperança – ao contrário de grande parte da imprensa, que sempre sucumbiu à tentação de ridicularizar o homem simples.

O livro refaz a trajetória política de Itamar, desde a tentativa fracassada de eleger-se vereador em Juiz de Fora, nos anos 50, até sua bem-sucedida passagem pela Presidência da República (com índices de popularidade recordes), fazendo inclusive seu sucessor, Fernando Henrique Cardoso. Casos de bastidor, análises políticas e muitas fotos da Era Itamar fazem deste um bom livro e mostram por que os chacoteiros de plantão acabaram ridicularizados pelo próprio sarcasmo ao ver a vitória deste presidente que nunca fez questão de parecer super-homem ou pai da nação.

Bobo mesmo era Forrest Gump, personagem de Winston Groom no livro *Forrest Gump – O Contador de Histórias* (Editora Rocco, 196 páginas, tradução de Ana Luísa Dantas Borges), que virou filme recordista em bilheteria, e indicado para 13 Oscars, e teve o protagonista encarnado nas telas por Tom Hanks. Forrest Gump, para quem ainda não viu o filme ou leu o livro, é um fictício jovem do interior dos Estados Unidos, de inteligência muito abaixo da média, que com pureza, patriotismo e uma vontade inabalável, acabou protagonizando fatos importantes da história americana, graças a sua incrível sorte. E o livro vai além do filme, contando passagens que foram cortadas pelo diretor Robert Zemeckis. Gump não é nenhum achado como personagem: parece uma mistura do Zelig de Woody Allen com o Gardener de Peter Sellers em *Muito Além o Jardim*. De qualquer forma, o livro é interessante.

Da pureza quase poética de Forrest Gump, viajamos ao Brasil do passado e chegamos a uma excelente coletânea, *Grandes Poemas do Romantismo Brasileiro* (Editora Nova Fronteira, 212 páginas, introdução e seleção de



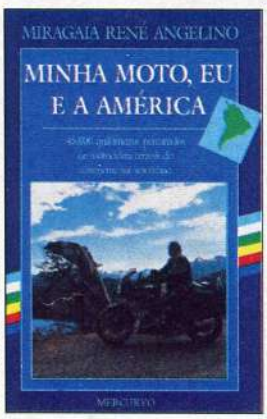


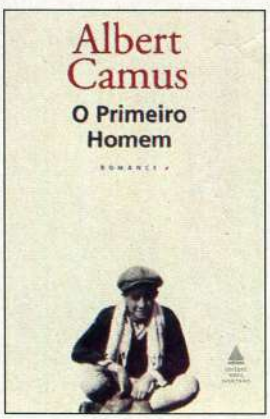
Einstein (à esquerda), o maior cientista do século, deixou sua marca também como ensaísta preocupado com as grandes questões sociais e religiosas.

Alexei Bueno). Incluindo 62 poemas de 14 dos maiores expoentes deste que foi nosso movimento literário mais importante antes do Modernismo, o livro contou com a sensibilidade e o conhecimento do poeta e tradutor Alexei Bueno. De vida quase sempre trágica (normalmente morriam cedo, como Álvares de Azevedo), os poetas românticos deixaram obras grandiosas, com poemas de um certo sentimentalismo mórbido e autopiedoso, passando depois, já em sua última fase (a dos *Condoreiros*, como eram chamados os românticos a partir de 1860), a uma maior preocupação social. O livro começa com o poema *Violetas*, de Cândido José de Araújo Viana, o Marquês de Sapucaí (1793-1875), um dos poucos a ter vida longa mas importância reduzida diante de outros nomes presentes nesta antologia, como Gonçalves de Magalhães (1811-1882), com seu *Napoleão em Waterloo*, e Gonçalves Dias (1823-1864), "o primeiro poeta realmente grande do nosso Romantismo", segundo Bueno, com sua *Canção do Exílio* e *I-juca-pirama*, entre outros. Mas é Álvares de Azevedo (1831-1852) o maior nome do livro, por sua obra densa e trágica (como sua vida). De nosso *rimbaud*, destaca-se o premonitório *Se Eu Morresse Amanhã* ("Quanta glória pressinto em meu futuro!/ Que aurora de porvir e que manhã!/ Eu perdera chorando essas coroas/ Se eu morresse amanhã!", diz a segunda estrofe). Sofrimento também é arte.

Serviço militar, o papel dos Estados Unidos no mundo, a guerra atômica, o socialismo democrático, Mahatma Gandhi etc. Estes são os temas de *Escritos da Maturidade* (Editora Nova Fronteira, 304 páginas, tradução de Maria Luiza C. de A. Borges). O autor? Não é nenhum político ou jornalista, mas o maior cientista do século, Albert Einstein! Ciência, claro, e religião também estão presentes neste livro de ensaios que abrangem o período de 1934 a 1950. Preocupado com questões éticas, humanista por formação, Einstein mostra nestes ensaios suas idéias sobre os rumos da ciência e sua influência nos destinos do mundo, e toca até num tema bastante polêmico para um imigrante (da Alemanha para os EUA) nos anos 50: o racismo e a violência contra o negro norte-americano. Surpreendente? Nem tanto. Einstein sempre foi pioneiro.

Pioneirismo mais ao gosto dos amantes da ação foi o do jornalista, fotógrafo, publicitário e advogado Miragaia René Angelino, o Gaia, que percorreu 10 países sul-americanos em 90 dias, de motocicleta, cobrindo uma extensão equivalente a mais de uma volta na Terra. Sua aventura está no livro *Minha Moto, Eu e a América* (Editora Mercuryo, 240 páginas), no qual ele narra as passagens por regiões selvagens (cordilheiras, geleiras, selvas), os contratempos com salteadores, narcotraficantes, animais selvagens, tempestades e revela lugares magníficos, como o Salto Angel, no Sul da Venezuela – a maior queda d'água do mundo, com 1.100 metros (!), que se transforma numa nuvem de pingos antes de alcançar o chão. O livro serve como guia para viajantes, pois possui mapas e dicas com novidades. Abra o livro e ponha o pé na estrada!





elle RECOMENDA

	O Jardim de Rama – de Arthur C. Clarke e Gentry Lee. Tradução de Barbara Heliodora. Editora Nova Fronteira, 434 páginas (Ficção Científica). Seqüência de *O Enigma de Rama* e *Encontro Com Rama*, narra a aparição de uma nova espaçonave misteriosa, Rama II, igual à imensa espaçonave que 80 anos antes (em 2130) assombrou a Terra, com cidades, campos e até um oceano em seu interior desabitado.	**Escrever** – de Marguerite Duras. Tradução de Rubens Figueiredo. Editora Rocco, 116 páginas (Relato Autobiográfico). Neste livro composto de cinco textos, como em uma espécie de auto-entrevista, Duras fala sobre seu trabalho de escritora e cineasta, exorciza seus fantasmas, discorre sobre suas obsessões culturais e políticas. *Escrever* esteve entre os mais vendidos na França.	**O Insólito Festim** – de Denise Emmer. Editora Nova Fronteira, 96 páginas (Romance). Com prefácio de Rachel de Queiroz, este livro marca a estréia da poetisa Denise Emmer como romancista. Na festa de aniversário de uma tal Princesinha, a narradora invisível circula entre os convidados – seres estranhos – expondo seus ritos e mitos sociais e o ideário *superficial-narcisista* de nossa época. É uma fábula *kitsch*, digamos assim.
ANDRÉ MACHADO	★★	★★	★
ARIADNE GUIMARÃES	★★	★★	★
JANIR HOLLANDA	★★	★★★	★
NEY REIS	★★★	★★★	★★
ROBERTO MUGGIATI	★	★★	★★

COTAÇÕES • RUIM ★REGULAR ★★BOM ★★★ÓTIMO

Ney Reis

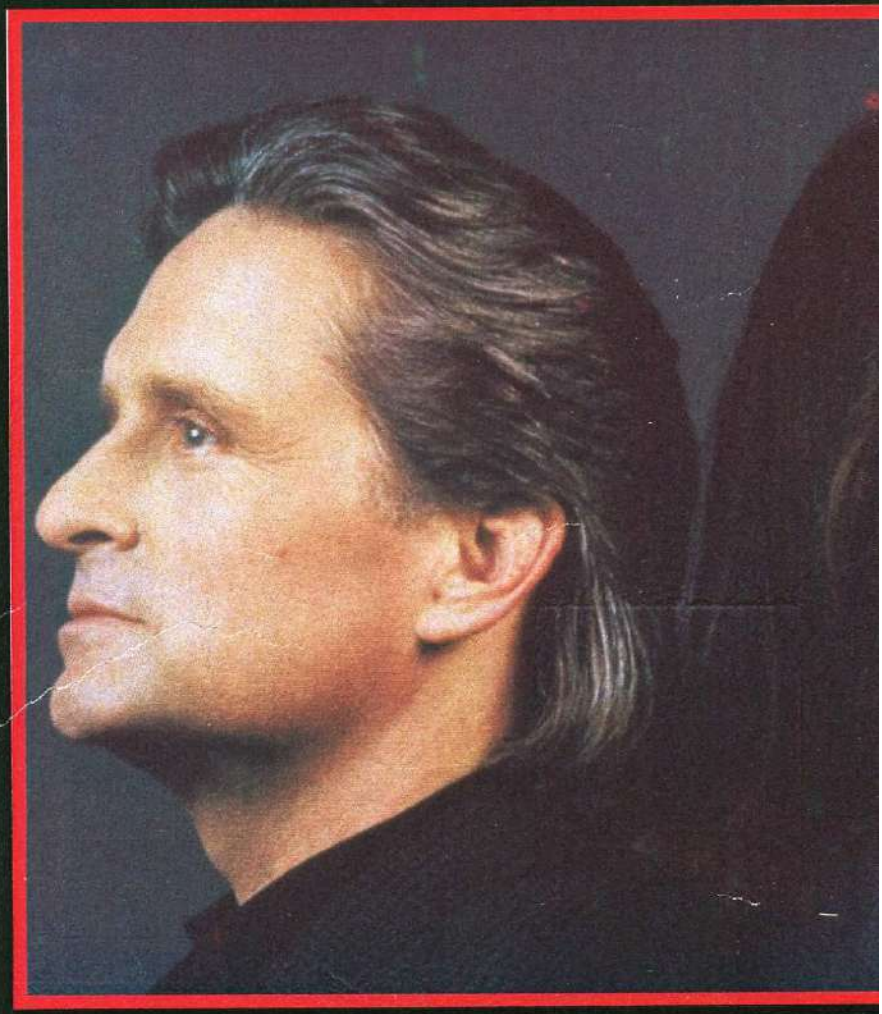
REPORTAGEM

ASS

HORA DE TRABALHAR... PAQUERAR! PORÉM, TODO O CUIDADO É POUCO

Antes restrito a fofocas banais ou levianas, o assédio sexual é mais um tema a deixar os limites da discrição para se transformar em histeria coletiva. Espalhou-se na propaganda boca a boca de filmes polêmicos, como o que estrelou a voluptuosa Demi Moore, e processos judiciais estranhíssimos, como o que nocauteou o voluntarioso Mike Tyson. O escândalo oculto – assim é tratado agora o bom e velho assédio ou a boa e velha cantada – já há algum tempo vem dando cadeia. Também pode implicar milionárias indenizações à vítima ou suposta vítima. Em alguns casos, não se sabe o que é pior: passar uma temporada atrás das grades ou ficar sem um real (ou dólar) no bolso. De um jeito ou de outro, o melhor é relaxar e gozar

Por ALEX CAMPOS



TRANSFORMADO em paranóia nos Estados Unidos, desde a condenação do pugilista Mike Tyson (finalmente libertado, como queria sua grande torcida), o assédio sexual e suas conseqüências têm provocado calafrios na sociedade moderna, contaminada pelos excessos conservadores e pela chatice politicamente correta. O pecado de Tyson foi convidar a modelo Desirée Washington, numa noite qualquer de 1991, para subir à suíte 606 do Hotel Canterbury, em Indianápolis.

ÉDIO SEXUAL

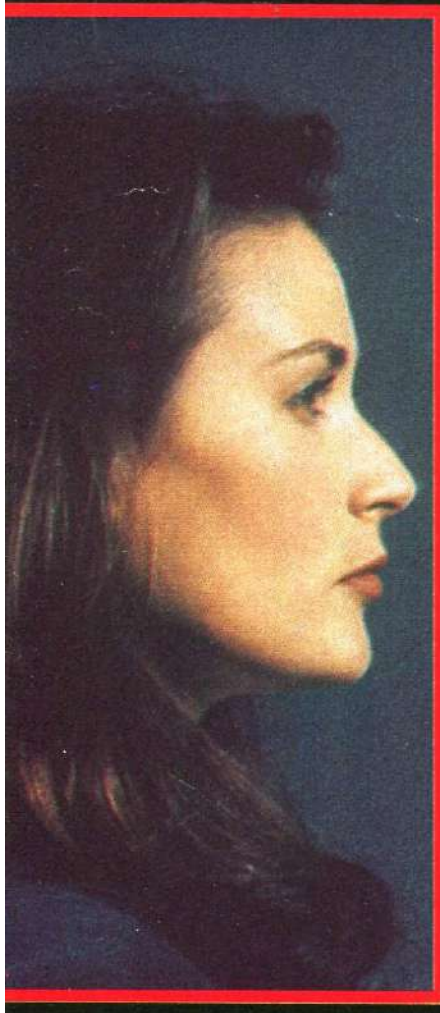


Foto BRIAN HAMILL – Warner Bros.

Na moda desde que ganhou projeção mundial no cinema, com Michael Douglas e Demi Moore (foto), o assédio sexual é, na verdade, um assunto mais antigo e menos sério do que se pensa.

Lá, ele planejava levar a moça *à lona* (consensualmente, claro), mas foi a modelo quem lhe aplicou um golpe fatal: fingiu-se de desentendida, tentou *tirar da reta* (parece que não tirou!) e acabou denunciando o lutador por molestamento e violações diversas – o mais duro *jab* sofrido pelo campeão. Levado ao tribunal, um ano depois, Tyson foi condenado a seis anos de reclusão (dos quais cumpriu a metade) na penitenciária de Plainfield. Ao voltar a respirar o ar puro da liberdade, o pugilista (atualmente convertido ao islamismo e rebatizado Malik Abdul Aziz) não resistiu à tentação de sustentar sua defesa. "Nunca assediei ou tentei violentar ninguém", jura *Malik Tyson*.

A queixa travestida de oportunismo também bateu às portas da Casa Branca e da Suprema Corte americana. A modelo Paula Jones foi a primeira de uma série a acusar o Presidente Bill Clinton de tê-la molestado sexualmente, na época em que ele governava o Estado do Arkansas. Depois, apareceu outra modelo... mais outra... e outra... até que veio das urnas a punição para *Billy The Dick* (como as mulheres diziam tratá-lo na intimidade!): embora nada o comprometesse de fato, Clinton sofreu nas últimas eleições a maior derrota de sua carreira política, perdendo o controle da maioria no Congresso.

Já Clarence Thomas, juiz da Suprema Corte, passou o maior sufoco de sua vida por causa de uma denúncia da ex-secretária Anita Hill. O magistrado teria brincado em serviço, bolinando a moça algumas vezes, logo nos sóbrios e respeitáveis salões e corredores da justiça. O *affair* chegou a ser tratado como um misto de questão de honra e assunto de Estado, rendendo tanto material para a imprensa que seria possível embrulhar todo o Planeta Terra somente com as páginas de jornais e revistas que se ocuparam do caso.

Seduzidos ao extremo pelos exageros, *chairmen* americanos de um sem-número de empresas estão orientando seus subordinados a evitar qualquer intimidade com colegas (eles ou elas) no ambiente de trabalho. Chegam a listar restrições esquisitas para que companheiros de sala não se tornem parceiros de quarto. Algumas (acredite se puder!) são inacreditáveis: "recomenda-se não chamar o(a)

MAIS UMA QUESTÃO DE PODER DO QUE SEDUÇÃO

colega para almoçar, a menos que o convite se estenda para mais uma ou duas pessoas"; "recomenda-se não trocar, através dos computadores, recados que possam resultar em interpretações dúbias ou libidinosas"; "recomenda-se não pôr as mãos, de forma maliciosa, nos ombros de um(a) colega, muito menos com abordagem pela retaguarda"; "recomenda-se não usar calças apertadas ou deixar os pêlos do peito à mostra"; "recomenda-se não usar saias curtas ou decotes ousados"...

Enfim, a explicação para tanto zelo e cautela: já passa de 10 milhões de dólares o montante de indenizações pagas por empresas americanas a funcionários que foram aos tribunais reclamar por molestamento. E, lamentavelmente, o que é ruim para os Estados Unidos é ruim para o Brasil. Também por aqui as delícias da paquera vêm redundando em interpretações e reações rígidas e risíveis.

Em Belo Horizonte (MG), o *trem* do assédio sexual atropelou a oficial de justiça Vera Lúcia Scarpone. Além de molestamento, ela foi acusada pelo comerciário Sebastião Vicente Filho por invasão de privacidade e outras perturbações pessoais. Um juiz da 4ª Vara de Justiça decidiu condená-la a dois anos de prisão, mas em regime aberto. "Ela é muito feia e persistente, por isso eu recusei", justifica Sebastião, cheio de razão. "Daí, ela começou a ir ao meu trabalho para fazer escândalo", conta. "Esse cara quer me difamar", reage Vera, uma fera. "Eu vou recorrer", avisa.

Em Brasília, o major PM Waldemir José dos Santos vem enfrentando a maior batalha de sua vida, há um ano, desde que foi denunciado por assédio a sua secretária, Rita Seixas Lopes. Agravantes da encrenca: ambos casados e ambos funcionários do Palácio do Buriti, residência oficial do governador do Distrito Federal. Ele diz que "tudo não passa de uma farsa". Ela diz que nunca viu "tanto cinismo".

Em Porto Alegre (RS), um dirigente do PT, Jones Budrys, foi levado às lideranças sob acusação de ter tentado corpo-a-corpo e alianças carnais uma dúzia de vezes com 12 companheiras. Todas consideraram a atitude uma infidelidade partidária e nenhuma abriu para ele o seu voto secreto. Elas o querem transferido agora para outro partido. "Que tal PQP?", propõe uma das aliadas aliciadas.

Se morasse no Rio, o petista gaúcho teria ainda mais dores de cabeça. É de autoria de outro petista, o deputado carioca Carlos Minc, a Lei estadual nº 1.886, que pune abusos e assédios sobre as mulheres. Dependendo da gravidade, o acusado pode pagar até 25 mil reais de multa – valor capaz de broxar o garanhão por um bom tempo. A *Lei da Cantada*, porém, foi letra morta no caso mais flagrante registrado desde a sua aprovação na Assembléia Legislativa: um presidente da República, de passagem pelo harém carioca, teve o topete de cantar uma repórter paulista... e casada. "Presidente, eu só quero uma entrevista", rugiu a *leonina* Flávia. Esse furo não viria a público se a conversa de Sua Excelência com a jornalista não tivesse sido captada por indiscretas linhas telefônicas da imprensa, essa instituição invejosa e ciumenta, que um dia chegou a fazer o chefe do governo se queixar de bloqueio psicológico.

Sempre jogando charme para seu eleitorado, Clinton vai às mulheres (abaixo); Paula Jones (abaixo, à direita) foi a primeira a denunciá-lo por assédio; Tyson (embaixo) foi parar na cadeia por causa de Desirée (de maiô).

Foto DOUG MINER – Sygma

Foto HARTMANN – Sygma

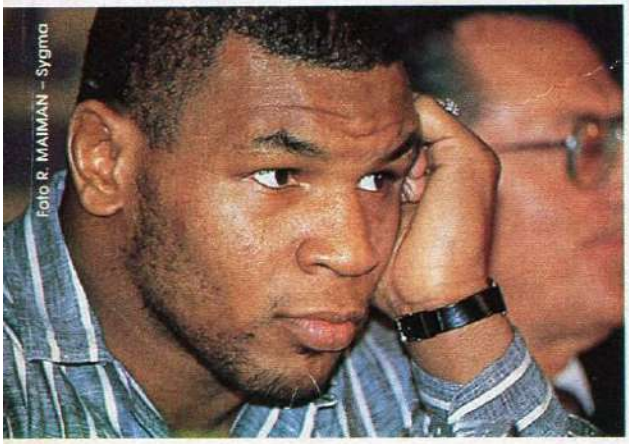


Foto R. MAIMAN – Sygma

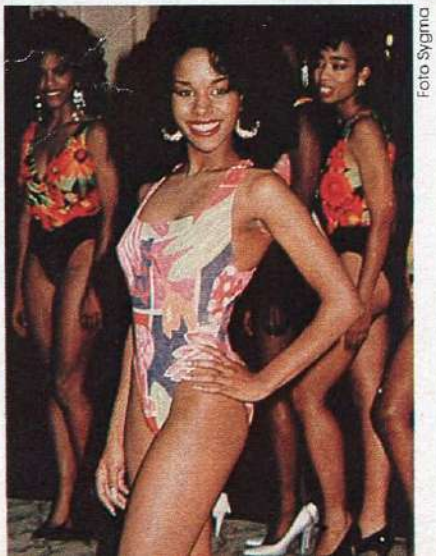


Foto Sygma

Foto MARCOS CORAZZA

Foto DANA FINEMAN – Sygma

Foto LES STONE – Sygma

Maria Elizabete (no alto, à esquerda) coordena a primeira pesquisa sobre assédio a secretárias; Rena (acima) e Sabino (ao lado) posam com seus advogados e riem à toa, após depositar indenizações milionárias em suas contas.

Freudianismos à parte, o Sindicato das Secretárias do Estado de São Paulo está desenvolvendo uma espécie de manual de comportamento visando a desestimular cantadas durante o expediente, principalmente por parte de chefes. "Homem ou mulher, chefe pressupõe poder", diz Maria Elizabete D'Elia, diretora de Comunicações, encarregada da elaboração do manual. "E, como temos visto, o poder é um estimulante do assédio", completa, concordando com o supersecretário americano Henry Kissinger, para quem "o poder é afrodisíaco".

As dicas preventivas devem tratar de generalidades, como conscientizar as secretárias de que "precisam se impor pela competência", e detalhes, que vão desde o "jeito adequado de se vestir" ao "modo de se dirigir e se postar" diante do patrão lascivo ou mesmo da patroa obscena. De acordo com Maria Elizabete, uma primeira parcial apontou que 30% das secretárias já foram assediadas direta ou indiretamente (este segundo caso é aquele em que a moça, solicitada para serviços de hora extra, acaba na *happy hour* de uma boate ou no *just in time* de um motel, não necessariamente por livre e espontânea vontade).

Esse patronato cheira a um bom-mocismo muito suspeito, para a americana Catharine MacKinnon. "São dois terços, mais de 60%, as americanas que já foram molestadas no trabalho", afirma. O percentual é provável, mas o problema de madame é a confiabilidade de suas palavras. Feminista ultra-radical (de carteirinha, certidão de nascimento e comprovante de vacinação), MacKinnon diz que, em seu modo de ver, "todas as relações sexuais são estupros" – o que, se fosse verdade, tornaria a vida uma orgia doentia, tediosa e sem graça.

O *thriller* chegou a tal ponto que a máxima dos gabinetes capitalistas ganhou projeção no escurinho do cinema, porém, com uma adulteração bem-vinda: hora de trabalhar... paquerar! Depois da prostituição de luxo (*Uma Linda Mulher*), do adultério casual (*Atração Fatal*) e do adultério consentido e remunerado (*Proposta Indecente*), o sexo na firma é a mais recente polêmica focalizada pelas lentes de Hollywood. O lado bom é que os enfoques dos cineastas, bastante liberais, ampliam muito as oportunidades de se discutir, sem mistério ou preconceito, um assunto que sempre fez parte da vida – agora, porém, tratado como mais um desconfortável tabu (digase) a ser saborosamente transgredido.

Em *Assédio Sexual*, baseado no livro *Disclosure*, de Michael Crichton, Demi Moore seduz Michael Douglas com muito charme, algum poder e nenhum pudor. Um dia, ela o chama a seu gabinete, provisionado com uma garrafa de vinho, e parte para o ataque. Inicialmente, ele topa, mas, antes do tremor final, se arrepende, pára tudo e deixa o servicinho extra inacabado. Possessa por ele não ter atingido seu ponto *G*, na hora *H*, no dia *D* (enfim, *P* da vida), ela jura vingança com todas as letras. A seqüência deixa evi-

Foto LEE CORKRAN – Sygma

Foto SÉRGIO DE SOUZA

Foto MARKEL-LIAISON – Gamma

Anita Hill, a secretária (acima), arruinou a reputação de Clarence Thomas, o juiz (ao lado); Kissinger (acima, à direita) já havia ensinado duas décadas atrás: "O poder é afrodisíaco"... mas como dói, poderia ter prevenido.

dente como o sentimento de culpa ou moral podem provocar desperdícios irreversíveis: Demi Moore é uma figura soberana e apetitosa, aquela que todas as mulheres sonham ser e todos os homens sonham ter... menos Michael Douglas, preocupado em agir sempre certinho, na linha.

Em *Oleanna*, de David Mamet, o assédio vira sexo verbal, sem chegar ao sexo oral, portanto, sem clímax. Um professor recebe queixas da aluna que tirou nota baixa, mas não se perturba. Depois de contestar, sem sucesso, a aluna começa a seduzir o professor e, em seguida, passa a acusá-lo por molestamento, ameaçando arruiná-lo. Nada demais se a história não saltasse da tela para a realidade. Trama parecida aconteceu de verdade na Fuller Elementary School, em Chicago (EUA). Aluna da quarta série, uma menininha de nove anos (cujo nome é protegido por sigilo) denunciou o professor Albert Thompson por tê-la "assediado sexualmente". O mestre sem carinho chegou a ser expulso do colégio, indiciado e preso; no entanto, escapou do julgamento porque descobriram que tudo não passava de uma travessura. A pestinha pagou um dólar a cada um dos colegas para serem cúmplices de sua versão. Thompson foi solto e logo abriu processo contra os pais da aluna e os donos da escola. Além de danos morais, ele alega prejuízos financeiros – no caso, com toda a razão.

De forma racional, igualmente, reagiram Rena Weeks ou Sabino Gutierrez. Em situações distintas, eles trocaram o *fairplay* por pilhas e mais pilhas de *verdinhas* cintilantes. Rena era secretária em um escritório da calorenta Califórnia. Num dia calorento do ano passado, seu chefe de mãos calorentas achou que poderia apalpar seus seios. Entrou numa fria. Rena considerou o gesto um atentando à sua individualidade, procurou um advogado e foi parar no tribunal. Saiu de lá com uma indenização saliente: sete milhões de dólares (*N.R.: não, leitor, você não leu errado e nem é conta de mentiroso*).

Sabino reagiu do mesmo modo inconformado, porque sua chefe o teria seduzido à força, e faturou um milhão de dólares. O processo mais recente, concluído há um mês, envolveu a indústria petroquímica Chevron. Quatro funcionárias do laboratório, na Califórnia, receberam juntas 2,2 milhões de dólares por causa de piadas, deboches e cartas anônimas enviadas de dentro da empresa por colegas brincalhões. São casos assustadores para qualquer um que trabalhe ao lado de uma pessoa exuberante, excitante, mas que não tenha grana para ressarcir uma presa queixosa. Portanto, se o tesão é muito, mas o dinheiro é pouco, todo cuidado é *muito pouco*.

Diferente dos Estados Unidos e da Europa – onde o assédio, em especial no trabalho, é amplamente regulamentado –, o Brasil não trata o assunto com tanto rigor, embora por aqui também existam meios legais para se enquadrar um *galã-grampeador* (aquele que *grampeia* mesmo qualquer uma

CÓDIGO PENAL JÁ PREVÊ PUNIÇÃO BEM RIGOROSA

que se aproxime) ou uma *gueixa-crachá* (aquela que se pendura em qualquer um com cargo superior, disposta a dar tudo de si... tudo). Os Artigos 214, 215 e 216 do Código Penal constituem um apelo sedutor para quem planeja uma retaliação cinematográfica contra uma investida indesejável. Tratam de *atentado ao pudor* ("constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ato libidinoso: pena de dois a sete anos de reclusão"), *posse sexual mediante fraude* ("ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude: pena de um a três anos de reclusão") e outras prevenções e advertências. O Artigo 483 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) determina que "quando o empregador ou seus prepostos praticarem ato lesivo à honra ou à boa fama... pode o empregado pleitear a rescisão do contrato". Se quiser ir mais longe, pode também exigir uma indenização extra por danos morais.

"Esses dispositivos não se referem restritamente a assédio sexual no escritório", esclarece o advogado Carlos Campos, 51 anos, com 30 de experiência em questões trabalhistas. "Mas servem para proteger trabalhadores, em particular, e cidadãos, em geral, de possíveis abusos que qualquer um, em qualquer lugar, tem o direito de não se submeter", conclui Campos, que atua nas áreas de Gerenciamento de Pessoal e de Recursos Humanos em uma empresa americana, com matriz em Chicago e filiais em várias grandes cidades do Brasil, incluindo Rio e São Paulo. Além da observação do advogado, há mais sinais de que o patrulhamento tende a aumentar. A comissão que estuda a reforma do Código Penal quer descrever o assédio sexual, mais enfaticamente, como crime. No plenário, a proposta deve encontrar resistências. "Tamanha seriedade soa a casuísmo, considerando que já existem propostas para se descriminalizar até mesmo o adultério e as drogas", adianta um deputado do PSDB fluminense, que não quer aparecer... ainda.

Sem preocupações forenses, a Editora Qualitymark largou na frente. Foi a primeira a lançar um livro dedicado ao assunto, intitulado *Assédio Sexual no Local de Trabalho*, das americanas Juliana Lightle e Elizabeth Doucet. Além de sugestões como "não olhar assim... não tocar aqui... não fazer assado... não encostar ali", as autoras dão informações que, se pudessem ser comprovadas, seriam de fato intrigantes. Baseado em estudos do governo americano, o livro destaca, por exemplo, que os assédios implicam perda de tempo e queda de produtividade ao ponto de provocar nos cofres públicos prejuízos em torno de 200 milhões de dólares. Dados como esse são determinados, sem que os leitores sejam informados sobre como foi possível contabilizá-los. É ainda mais patético quando se calcula que essa fortuna é suficiente para produzir uma centena de filmes pornográficos, com cenas de penetração anal, oral e até nasal – tarefas inimagináveis na repartição, onde o assédio é breve e sutil ou curto e grosso.

Fotos BRIAN HAMILL – Warner Bros.

No filme *Assédio Sexual*, Douglas, no papel de subordinado, não agiu com o mesmo instinto selvagem de antes ao receber uma proposta indecente de Demi, a patroa: cenas de desperdício explícito.

Por tudo o que se lê ou vê sobre assédio sexual, é possível perceber que há sempre outros interesses por trás do que se considera molestamento. A constatação mais próxima da realidade é novamente da porta-voz das secretárias paulistas: "O assédio ainda é mais uma questão de mito do que de abuso sexual", acredita Maria Elizabete D'Elia... e, felizmente, também acreditamos nós, d'ELE ELA...

MÚSICA

REGGAE & DJs PARA DANÇAR

No começo, eles se limitavam a selecionar e colocar os discos na vitrola. Nos anos 70, usando *mixers*, passaram a combinar faixas, emendando umas nas outras. No final dos 80, armados de *samplers*, puderam finalmente dar vazão completa a sua sanha participativa e começaram a interferir decisivamente em músicas gravadas por outros. Gostaram tanto que, hoje em dia, os DJs muitas vezes gravam seus próprios discos, compondo e arranjando como bem entendem. Um ingrediente, no entanto, permanece básico desde os primeiros tempos: seja lá o que for tocado, tem que ser muito dançante.

Discriminados pela crítica mas adorados pelos freqüentadores das pistas de dança, os disc-jóqueis ganham agora uma série especial. A *DJ Collection* da PolyGram reúne em oito CDs seleções feitas por DJs famosos – Lc Ambient, Easy Nylon, Ricardinho, José Roberto Mahr, Felipe Venâncio, Carlos Albuquerque e Dom Lula –, cada um dentro de suas preferências e especialidades. Uma coleção que, literalmente, vai fazer a festa.

Um dos ritmos preferidos por Albuquerque é o tema de outra série da PolyGram chamada *Reggae Greats*. Lá estão compilações de Jimmy Cliff, Burning Spear, Black Uhuru, Gregory Isaacs, Steel Pulse e Third World. Ideais para complementar a festa do parágrafo acima e manter o astral em alta.

A PolyGram lança duas coleções para sacudir: a *Reggae Greats* (abaixo), com Black Uhuru, Steel Pulse e Burning Spear, entre outros; e a *DJ Collection*, com LC Ambient (abaixo, à direita), Ricardinho (embaixo, à direita) e muito mais.

Fotos Divulgação

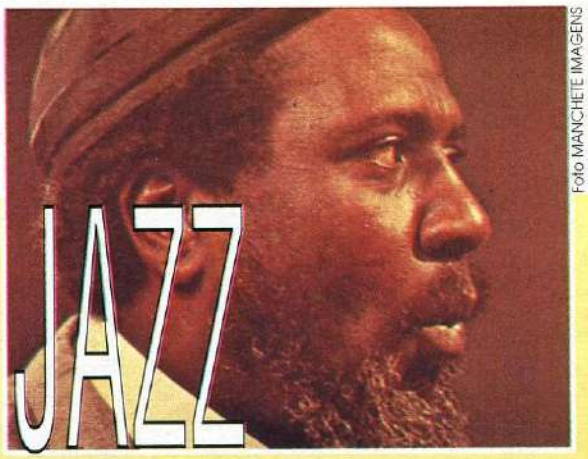


Foto MANCHETE IMAGENS

DOS VIRTUOSES AO EXPERIMENTALISMO

O destaque jazzístico do mês fica também com duas coletâneas. Thelonious Monk (foto acima): *The Complete Blue Note Recordings* e Bud Powell: *The Complete Blue Note and Roost Recordings* são duas caixas (com quatro CDs cada, pela EMI) que valem por dois dos melhores pianos de todos os tempos. Mestres no instrumento que congrega o marfim e o ébano, estes dois artistas são autênticos apóstolos do *jazz* e influenciaram – e ainda influenciam com suas obras – meio mundo. Na caixa de Powell, gravações históricas como as dos álbuns que gravou em 1957 e 58 acompanhado por Art Taylor (bateria), Paul Chambers (baixo) e Curtis Fuller (trombone), e que trazem as faixas *Blue Pearl* e *Bud on Bach*, entre outras tantas. Na de Monk – que faria este ano, se vivo, 78 anos –, além de composições que fizeram a mitologia do *jazz*, como *Round Midnight* e *Monk's Mood*, há participações de gênios como o baterista Art Blakey e o saxofonista John Coltrane.

Eletrizante e, às vezes, algo incômodo aos ouvidos menos habituados, o som de Ivo Perelman, saxofonista brasileiro radicado em Nova Iorque, chega im-

POP & ROCK MONSTROS E MUSAS

Dois grandes nomes estão de disco novo na praça. O primeiro é Stevie Wonder (foto à direita), que chega com o dançante *Conversation Peace* (PolyGram), uma aulinha de ritmo, voz e harmonia que muito *funkeiro/popeiro* deveria ouvir com a máxima atenção – e, certamente, com prazer. O segundo é Jon Anderson com *Change We Must* (EMI). O eterno vocalista do Yes é acompanhado

portado em dois novos CDs. O primeiro é *Man of The Forest* (GM Recordings), onde acompanhado por um time que inclui o percussionista Naná Vasconcelos ele passeia em improvisos e releituras de temas de Villa-Lobos. O segundo é *Soccer Land* (Ibeji, selo do próprio artista), com direito até a uma narração do gol do Brasil contra os EUA na Copa de 94. Aqui ele divide as trilhas somente com o baterista e percussionista José Eduardo Nazário (que costuma tocar com Egberto Gismonti e Hermeto Pascoal) e passeia sobre temas brasileiros como *A Tristeza do Jeca* e *Lampião de Gás* (esta última de Luiz Gonzaga), além de composições suas, com a mesma inspiração. Virtuoso e sem o menor escrúpulo melódico, ele experimenta e reinventa sobre nossos ritmos. Admirado pela crítica americana, Ivo Perelman é um de nossos maiores representantes no *jazz* atual.

MPB EM TRAJE DE GALA

COLETÂNEAS há muitas. É o tal negócio: a gravadora possui um grande arquivo, com gravações já lançadas de grandes nomes e, de tempos em tempos, faz uma compilação nova de *grandes sucessos*. De novo, mesmo, só as capas e, quando muito, um pequeno comentário na contracapa – isso porque, na maioria dos casos, nem mesmo informações sobre as músicas e datas apareciam. Com o advento do CD, então, relançar virou uma febre lucrativa na indústria do disco. E tome *novas* coletâneas.

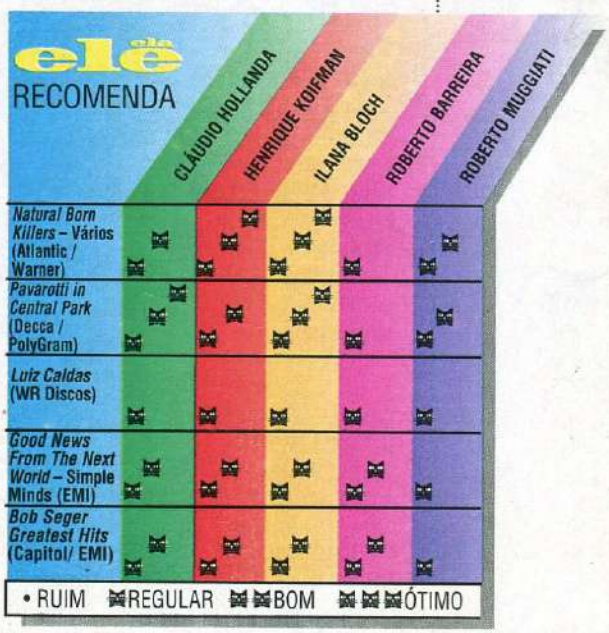
Só que agora, felizmente, a PolyGram resolveu inovar e lança uma autêntica jóia: a série *Grandes Nomes* – que inaugura com compilações das discografias de Chico Buarque, Gal Costa, Raul Seixas, Caetano Veloso e Elis Regina. Cada um ganhou uma embalagem com quatro CDs, contendo músicas selecionadas e comentadas – num belíssimo libreto incorporado ao pacote – por um crítico de renome. A caixa em formato de livro inclui ainda fotos de vários momentos das carreiras destes artistas e todo o texto pode ser lido em português ou inglês. Coisa fina. Uma ótima oportunidade para enriquecer, ao mesmo tempo, a cedeteca e a biblioteca.

Já que estamos nas plagas *emepebísticas*, recomendamos uma boa escutada em *Por Todos Os Cantos* (Vinil), trabalho de estréia como solista de Eudes Fraga. Parceiro há mais de 12 anos de gente como Zezé Motta, Cláudio Nucci, Márcio Montarroyos e outros, Eudes tem um belo registro vocal e compõe com sensibilidade. Buscando inspiração no folclore brasileiro – como na interessante *Espírito dos Afogados* e em *Puçangueira*, com participação da sanfona de Dominguinhos – ele segue uma linha de estética sonora que lembra o grupo Boca Livre, sem deixar de ser, no entanto, bem original.

A série *Grandes Nomes* (abaixo), da PolyGram, é um presentaço aos amantes da boa MPB; falando nela, um dos veteranos do *métier* estréia como solista: Eudes Fraga (abaixo, à esquerda), num trabalho finíssimo.

Foto ALEXANDRE CAMPBELL – Divulgação

luxuosamente pela London Chamber Academy em mais uma experiência de sua variada carreira – ele já gravou com nomes do instrumental como o grego Vangelis, sempre pesquisando novas sonoridades. O resultado, se não é muito diferente como promete o título (que quer dizer *mudar é preciso*), soa agradável. A voz aguda do anjo cinqüentão continua firme e precisa. Sem tanta fama, o Alphaville retoma a carreira – seu último disco, *Breathtaking Blue*, é de 1987 — com o excelente *Prostitute* (Warner). Feras na arte *pop* da melodia e dos arranjos vocais, eles não discriminam influências e vão do *reggae* ao *dance-rock*, passando por baladas caprichadas. Falando em capricho, a formosa Liz Phair está lançando seu segundo disco. *Whip-Smart* (Warner) é, nas palavras dela, "uma espécie de realização de um conto de fadas". Explica-se: ela é descendente de Maria Antonieta, foi educada num colégio interno da França para ser princesa e acabou reinando nas paradas de sucesso. Refinada como a antepassada, porém mais engajada, ela pode ter *perdido a cabeça*, mas achou o caminho da sonoridade.



Henrique Koifman

AUTOMÓVEIS

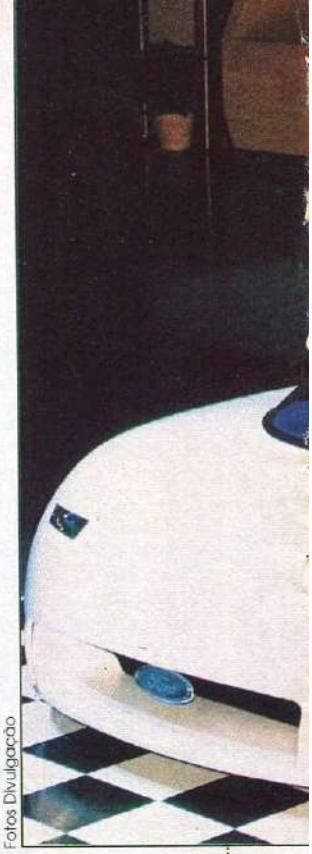
FORD GT90
DE VOLTA PARA O FUTURO

EM 1963, Henry Ford II resolveu que era necessário à Ford ter uma divisão que desse um pouco de *glamour* à marca. A solução foi uma oferta de compra da Ferrari, na época às voltas com seus eternos problemas de caixa, prontamente respondida pelo *commendatore* com um *"fate un cullo!"* (melhor não traduzirmos...). Totalmente emputecido com o que julgava ser uma audácia do bofe, o filho de Henry Ford decretou a *vendetta*: "Vamos fazer um carro para derrotá-los!"

Assim, graças ao capricho de um poderoso, nasceu um dos capítulos mais inesquecíveis da história do esporte motor: o Ford GT40. Apresentado no dia 1º de abril de 1964, o Dia da Mentira, ele ganhou este nome por causa de sua reduzida altura, somente 40 polegadas – ou um metro – da capota ao chão. Com o auxílio de Len Broadley, da fábrica de carros de corrida Lola, famosa até hoje na Fórmula Indy, o GT40 foi projetado em seis meses e posto em ordem de marcha, transformando-se no que viria a ser um dos mais famosos carros de corrida do mundo. Tinha um motor de 4,2 litros, 280 cavalos e levou dois anos para começar a vencer. Mas, quando começou, levou tudo que podia.

O início da fase vencedora só chegou em 1966, quando ganhou as 24 Horas de Daytona, 12 Horas de Sebring (ambas nos EUA) e as 24 Horas de Le Mans (França), a mais tradicional das corridas de longa duração. Esta vitória repetiu-se nos quatro anos seguintes, mostrando como a grana constrói coisas belas, inclusive revelando ao mundo como era possível fazer um carro que ganhava nas pistas equipado com um motor de rua, derrotando os poderosos Porsche e Ferrari projetados especialmente para as pistas de corrida, principalmente nas mãos de A.J. Foyt, o piloto que mais ganhou na Fórmula Indy. O resultado foi a vitória no Mundial de Marcas em 66, 67 e 68.

Agora que faz 30 anos do lançamento do GT40, a Ford traz à luz dos refletores seu legítimo descendente: o GT90. Carro conceitual gerado para combinar tecnologia avançada com traços do estilo do seu famoso antecessor, o GT90 tem tudo para impressionar os aficionados por supercarros: motor V12 de alumínio com quatro turbos (!), gerando a bagatela de 720 cavalos e tornando-o capaz de alcançar quase 360km/hora, tudo isso vestido com o mais especial bom gosto. A carroçaria, pintada com o branco tradicional dos carros americanos de corrida, é montada em fibra de carbono levíssima e fibra de vidro onde o custo alto desse material, de origem espacial, não é adequado. O chassi é feito em um tipo de colméia de alumínio com uma estrutura central de tubos de aço.



Fotos Divulgação

FIESTA VENDE BEM

Em seus primeiros dois meses no mercado, o Ford Fiesta vendeu bastante bem: 11.000 unidades. Sinal de que Udo Kruse, o ex-presidente da Ford, tinha razão. Faltava mesmo um Ford pequeno no mercado brasileiro...

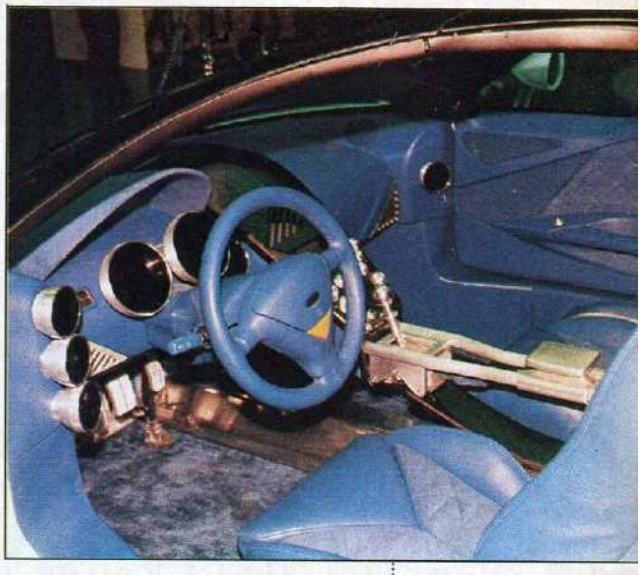
GM ESTENDE GARANTIA

Começa este mês uma nova forma de garantia para os Omega, Vectra, Calibra e Astra: são dois anos ou 50.000 quilômetros rodados, com direito ao Chevrolet Road Service sem qualquer custo adicional. A nova garantia é oferecida em todos os modelos zero quilômetro, inclusive aos 94/95 vendidos em 94.

CARTÃO DE CRÉDITO VOLKS

Seguindo o exemplo da Fiat, Ford e GM, a Volkswagen lançou seu cartão de crédito Visa associado à marca. O objetivo é permitir aos usuários do cartão obter um

O veterano da Fórmula Indy, A. J. Foyt, posa ao lado do GT90, versão atual do lendário GT40 (ao fundo, na foto à esquerda); abaixo, o confortável e sofisticado interior do bólido.



As linhas foram desenvolvidas em poderosos computadores gráficos, sempre lembrando o *design* do GT40, para envolverem os componentes mecânicos sem que acontecesse desperdício de espaço, com a cabina decorada na cor azul e revestida em couro, dotada de todos os recursos atuais como um som de 10 alto-falantes com CD, rádio e toca-fitas, ar-condicionado e o trio elétrico (espelho, tranca e vidro).

A usina de força do GT90 é uma verdadeira obra de arte: foram usados dois blocos do novo motor que equipa os netos do Landau, o Romeo V8. Esse motor de 4.600cc teve dois de seus cilindros cortados e os dois blocos soldados, completando um V12 de 6.000cc instalado longitudinalmente. Adicionou-se uma banda de pequenos turbos (quatro no total) que levam engenho a paroxismos de potência: zero a 100km/h em 3,6 segundos; 7,3 segundos para ir de zero a 160km/h; e 352km/h de velocidade final. O motor é central, com a tração dirigida às rodas traseiras por meio de uma caixa Ferguson de cinco marchas. Os pneus são 275/35ZR-18 na frente e, atrás, os imensos 355/30ZR-19.

Porém, o dado mais importante é que esse carro de sonho foi todo projetado para ser fabricado por menos de 100 mil dólares, o que poderá fazer dele o supercarro mais barato do mundo. Os McLaren e Bugatti da vida são cotados por mais de meio milhão de dólares e têm a mesma *performance*, mas, em questão de porrada pelo dólar investido, ninguém chega nem perto do GT90. É um carro que faz o que eles fazem, mas não custa o que eles custam. Fascinante.

bônus para a compra futura de um carro da linha VW, convertendo 5% de todas as compras em um desconto válido para a compra de um Volks novo. Além disso, o usuário ganha também o direito de uso do Volkservice, um pacote de serviços de assistência técnica e apoio ao dono do carro. O cartão está sendo distribuído aos compradores de veículos VW novos nas versões Volkscard e Volkscard Gold, e pode ser obtido em todas as revendas da marca. Como o serviço é associado ao Bradesco, há a possibilidade de fazer saques nos caixas automáticos e bancos associados, tanto no Brasil como no exterior.

O total dos bônus é limitado: 600 dólares no mínimo e 2.500 dólares máximos num período de três anos, valendo inclusive as compras no exterior. Caso o comprador adquira um carro popular (mais ou menos 8.000 dólares), o desconto significa quase 30% do valor do carro e ainda dá direito à próxima anuidade grátis. Para quem está decidido a comprar um carro de determinada marca, é um ótimo negócio.

José Rezende-Mahar

DERRIÉRE COM VOLUME

Bumbum caído, achatado ou magro já tem solução. A *derriére* lançada pela Du Loren faz pelo bumbum o que o *wonderbra volupté* faz pelos minisseios. Não tem espuma nem enchimento: o truque é o corte no *design*, permitindo que todo o bumbum se encontre num ponto central, dando volume. Ah, sim, a modelo da foto é Fernanda Motta, tem 22 anos e uma *derriére* que, na verdade, dispensa artifícios.

Foto EDSON ARAÚJO

DESCUBRA O ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE

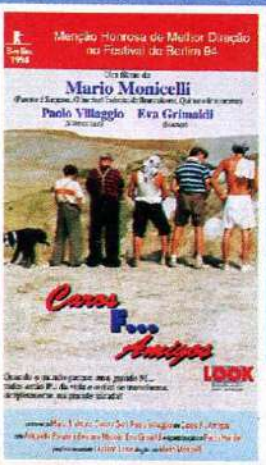
A Agência Holland organizou dois programas para o arquipélago de Cabo Verde. No primeiro pacote, o passageiro tem sete pernoites na Ilha do Sal. O mar transparente é apreciado por amantes do mergulho enquanto o vento atrai windsurfistas. Praticantes de *mountain bike* contam com trilhas para explorar a ilha. O preço do programa é de 1.180 dólares.

A outra alternativa inclui cinco pernoites na Ilha do Sal e dois em São Vicente, que, além de belas praias, possui paisagem insólita formada por vulcões extintos. Mindelo – a capital da Ilha de São Vicente (foto abaixo) – tem vida noturna intensa, repleta de bares com a boa música cabo-verdiana. Esta opção sai por 1.580 dólares, com vôos internos entre o arquipélago e duas excursões pelas ilhas. Nos pacotes estão incluídos passagens aéreas para a Ilha do Sal, traslados e acomodação em apartamento duplo. O pagamento pode ser parcelado em até 20 vezes. Informações pelo tel.: (011) 259-3808.

Foto MANCHETE IMAGENS

transformam em situações inusitadas.

• ***Caros F... Amigos*** **(*Cari Fottutissimi Amici*, Itália, 1994, Look Filmes) – Um ex-pugilista procura sentido para sua vida numa Itália devastada pela guerra. Em meio a tantas dificuldades, existe ainda a necessidade de comida e dinheiro, que ele pretende solucionar montando uma companhia itinerante de lutas de boxe. É assim que tem início uma das mais fantásticas formas de fazer da amizade e do riso a melhor maneira de recomeçar a vida.**



FAROESTE

• *Quatro Mulheres e Um Destino* (*Bad Girls*, EUA, 1994, Fox Vídeo) – Quatro supergatas estrelam este *western* feminino: Madeleine Stowe, Andie MacDowell, Drew Barrymore e Mary Stuart Masterson. As *bad girls* são prostitutas num cabaré barato. Entre foras-da-lei e perseguições de detetives, elas precisam fugir. A fuga termina quando elas se deparam com o bando de Kid, o mais temido pistoleiro do Oeste. Mas há o lado sensual do filme, com as garotas tomando banho de rio peladinhas. O vídeo, sem cortes, traz cenas não exibidas no cinema. Dá para imaginar o que vem por aí.

Antonio Carlos Lisboa

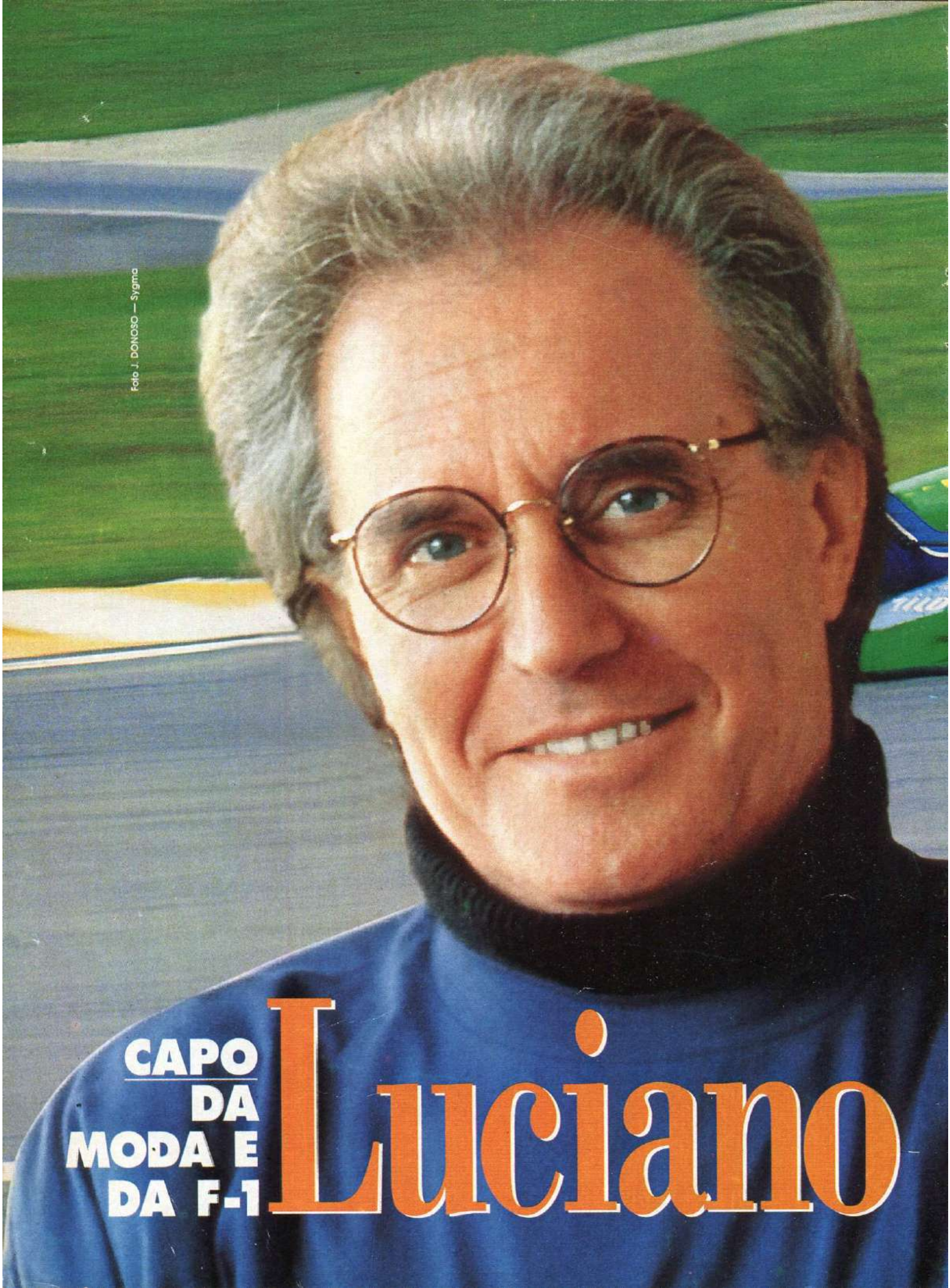


Foto J. DONOSO — Sygma

CAPO DA MODA E DA F-1 Luciano

PERFIL

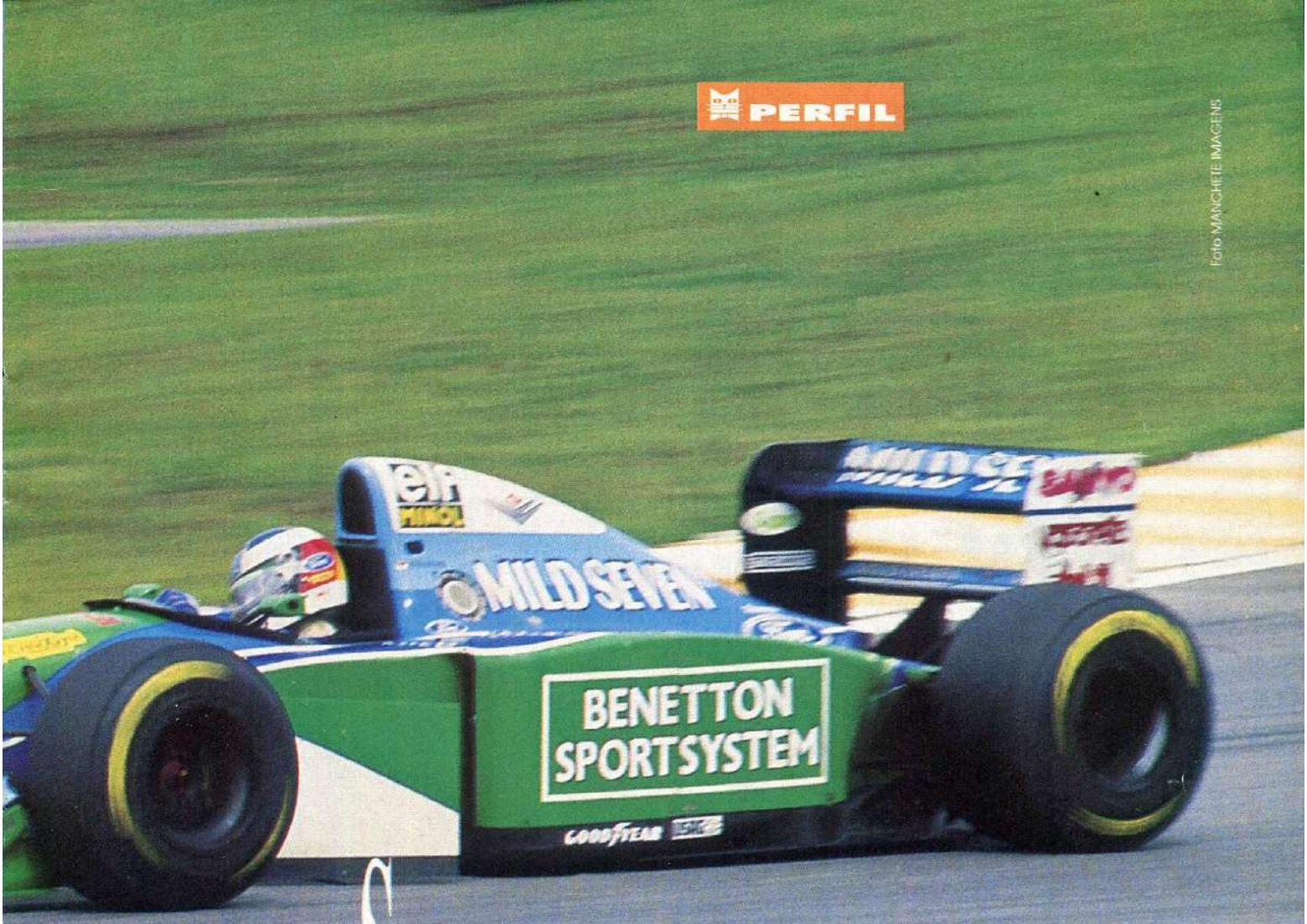


Foto MANCHETE IMAGENS

Benetton

SUCESSO. Se fosse possível definir em uma única palavra a vida do italiano Luciano Benetton, com certeza, seria essa. Além de sucesso, polêmica e desafio também são verbetes sob medida para este *capo* da moda e *chefão* da Fórmula-1. Dono da grife United Colors of Benetton e da escuderia que leva seu sobrenome no *circo* da F-1, Luciano tem conquistado o mundo com sua capacidade de descobrir o que o público quer ver ou vestir. Baseado no *feeling* (e na ousadia), o empresário fez de sua pequena confecção familiar um grande império industrial que, em 94, faturou 2,5 bilhões de dólares

Por TINA VIEIRA
Colaborou Alex Campos

"PRECISAMOS DEDICAR MAIS ENERGIA AO MUNDO, QUE ESTÁ MUDANDO COMO NUNCA"

No dia em que Luciano Benetton e seus irmãos inauguraram uma fábrica de roupas, em Treviso, em 1965, não imaginavam que aquela aventura empresarial atingisse o número de 7 mil lojas, espalhadas por cerca de 100 países, com fábricas na Itália, França, Espanha, Estados Unidos e Brasil. Para provar que ainda não perdeu o fôlego, aos 60 anos, o ex-entregador de pão, ex-vendedor de sanduíches, ex-jornaleiro e ex-senador da República está partindo para mais uma empreitada de peso: fabricar 5 milhões de relógios por ano e colocá-los à venda em 20 mil pontos, incluindo joalherias e lojas de departamentos.

O objetivo do empresário é conquistar o segundo lugar do mercado mundial dos relógios de moda, concorrendo com uma campeã de pulso, a Swatch. Para provar que entrou no negócio para vencer, Benetton acertou uma *joint-venture* com duas grandes fabricantes, a americana Timex e a alemã Junghans. O acordo garante uma base sólida para a produção e uma ampla distribuição mundial. Da associação, nasceu a Benetton Time, com sede em Luxemburgo que, somente este ano, planeja investir 100 milhões de dólares no mercado dos relógios. Quase metade dessa fortuna está sendo direcionada para mais uma aposta do *signore* Benetton: a revista *Colors*, de entretenimento e variedades. Para administrar as novas minas de ouro, o empresário italiano pretende impor a garra e a irreverência usadas na United Colors of Benetton, desde a sua fundação.

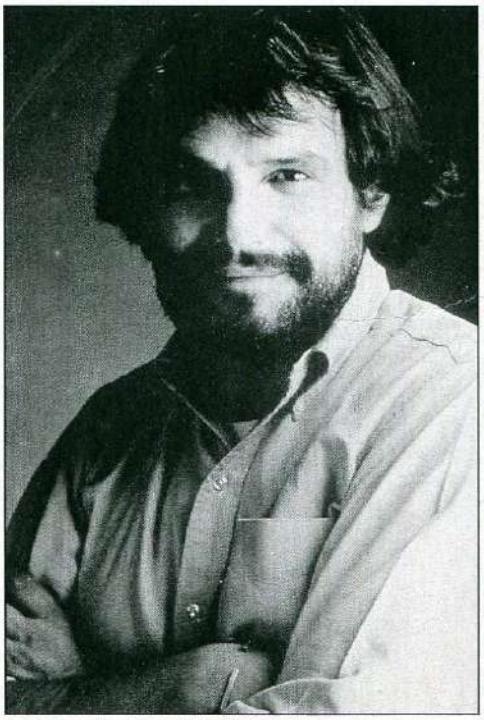


Foto MANCHETE IMAGENS

O fotógrafo Oliviero Toscani é o realizador dos delírios publicitários de *Dom* Luciano, cuja estratégia é radicalizar, escandalizar e faturar bilhões de dólares.

Foi de Luciano a iniciativa de produzir os pulôveres e meias de lã feitos pela irmã Giuliana. Ele enxergou na atividade uma chance de prosperidade para a família pobre da viúva Rosa e, junto com outros irmãos (Carlo e Gilberto), transformou as singelas peças manufaturadas por Giuliana em meio de vida e sustento. Na sede do grupo Benetton, em Treviso, a 40 quilômetros de Veneza, Luciano comanda seu império, conectado através de computadores com representantes e fabricantes de todo o mundo.

O empresário resolveu abandonar a política no ano passado, alegando preferir voltar a ser apenas um homem de negócios. Mas, quando eleito senador pelo Partido Republicano, Benetton fez questão de ressaltar a honestidade e a disposição para manter suas mãos limpas, longe das operações sinistras que levaram dezenas de magnatas aos tribunais e às prisões. "Os quase 9 mil votos que tive me foram dados por simpatia", esnobou. "Parece-me que hoje, e ainda por algum tempo, precisamos dedicar um pouco mais de energia ao mundo político, que está se transformando como nunca", repetia ele, para explicar sua incursão na rotina parlamentar, da qual, por fim, saiu ileso.

Essa determinação para mudar a ordem de tudo, sempre conquistando seu espaço no cenário mundial, o empresário tem explorado, e muito, em favor da Benetton. Em 93, sem pudores, Luciano chegou a posar nu para um anúncio publicitário do grupo, que pedia roupas para os pobres. Com o púbis tapado pela frase *Quero minha roupa*, Benetton radicalizou e escandalizou, deixando o público espantado ao ver até onde poderia ir sua audácia. A campanha fazia parte de um projeto de coleta de roupas para a Cruz Vermelha. "Não faço por amor ao escândalo, mas porque se a Benetton quer afirmar seus valores através de comportamentos bem definidos, me parece justo que eu me exponha na primeira pessoa", explicou na época. "Tenho que ser o primeiro a defender as causas que promovemos", prometeu.

A mesma ousadia ele usou quando, também em 93, visitou o presidente cubano Fidel Castro. Na ocasião, Lucia-

Foto J. DONOSO — Sygma

Luciano e a irmã Giuliana examinam alguns tecidos destinados à produção. Ainda hoje, o controle de qualidade da matéria-prima é feito pessoalmente por ele, considerado na família Benetton um misto de guru e patriarca.

no providenciou que Fidel aparecesse folheando uma revista com anúncio da Benetton. Mais tarde, a foto estava publicada no jornal francês *L'Humanité*. Para vender suas roupas, o *capo* da moda nunca enxergou limites mesmo. Por isso, contratou o fotógrafo publicitário Oliviero Toscani, que deu à grife a marca atual de irreverência e ousadia em todas as suas campanhas.

Órgãos sexuais, racismo, AIDS, guerra da Bósnia... pense em algum tema polêmico e lá estará um anúncio da Benetton, chocando o mundo em *outdoors*. Tudo, enfim, é bem pago. Em 94, a empresa gastou 80 milhões de dólares só com publicidade — sempre com teor delirante. Tem sido assim desde que a Benetton lançou, há uma década, o anúncio com a foto de um grupo de jovens louros, morenos e negros, que foi recusada por revistas da África do Sul. A partir de então, polêmica pouca é bobagem...

A falta de pudor já levou ao veto várias campanhas da grife italiana na imprensa mundial. Em 93, uma série de 58 fotos de órgãos sexuais de homens, mulheres e crianças escandalizou a Itália. Na França, onde o anúncio foi publicado pelo *Libération*, o choque foi o mesmo. Leitores de todo o país escreveram para o jornal manifestando protesto e indignação. Neste momento, aliás, Luciano pode estar ao telefone com o advogado da companhia na Alemanha, onde meia dúzia de detentores de *franchising* da Benetton deixaram de pagar suas franquias, ou com o advogado no Brasil, onde pequenos e médios comerciantes estão fechando suas lojas. Motivo (lá como cá): queixam-se de que o tom das propagandas, em alguns casos, tem implicado drástica redução das vendas – somente um desses queixosos está retendo, por represália, algo perto de 600 mil dólares. Muito dinheiro mesmo para *Dom* Luciano.

O avanço da AIDS também foi alvo da Benetton. Sob o argumento de alertar a população, o fotógrafo Toscani criou uma campanha baseada num mosaico de mais de mil rostos de diferentes nacionalidades. A palavra AIDS saltava do mosaico através de recursos gráficos. Não era a primeira vez que a empresa de Benetton tocava na ferida. Em 90, a grife já havia publicado anúncio mostrando tubos de sangue etiquetados com nomes de personalidades. Um dos maiores impactos já provocados pela ousadia de Benetton, sempre estimulado pelo atrevimento de Toscani, foi a foto de um portador do vírus morrendo no hospital.

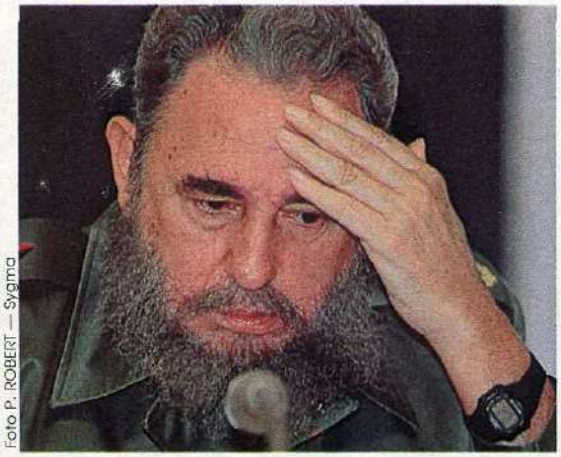


Foto P. ROBERT — Sygma

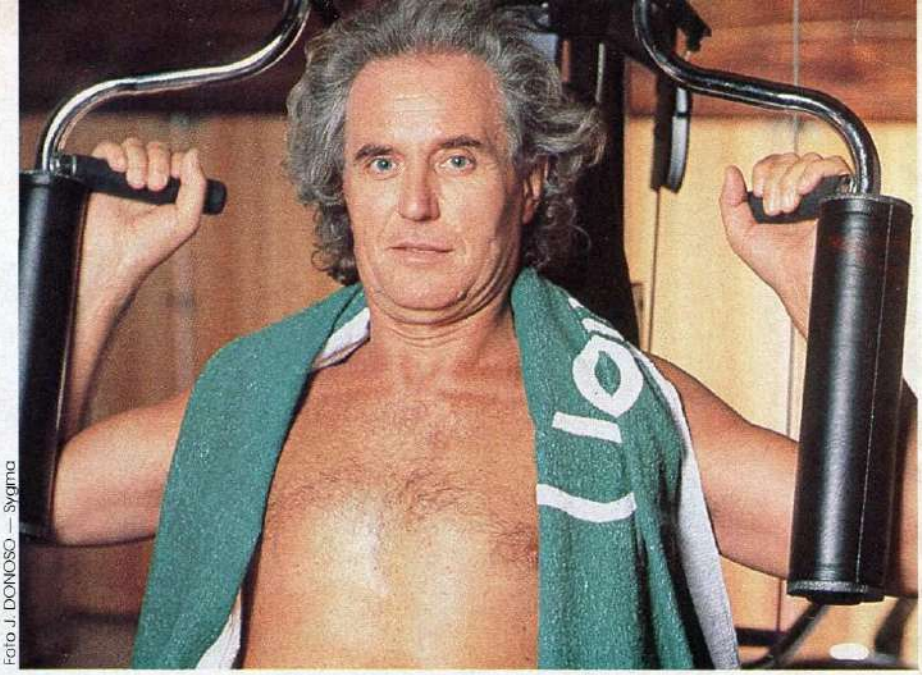


Foto J. DONOSO — Sygma

Foto J. DONOSO — Sygma

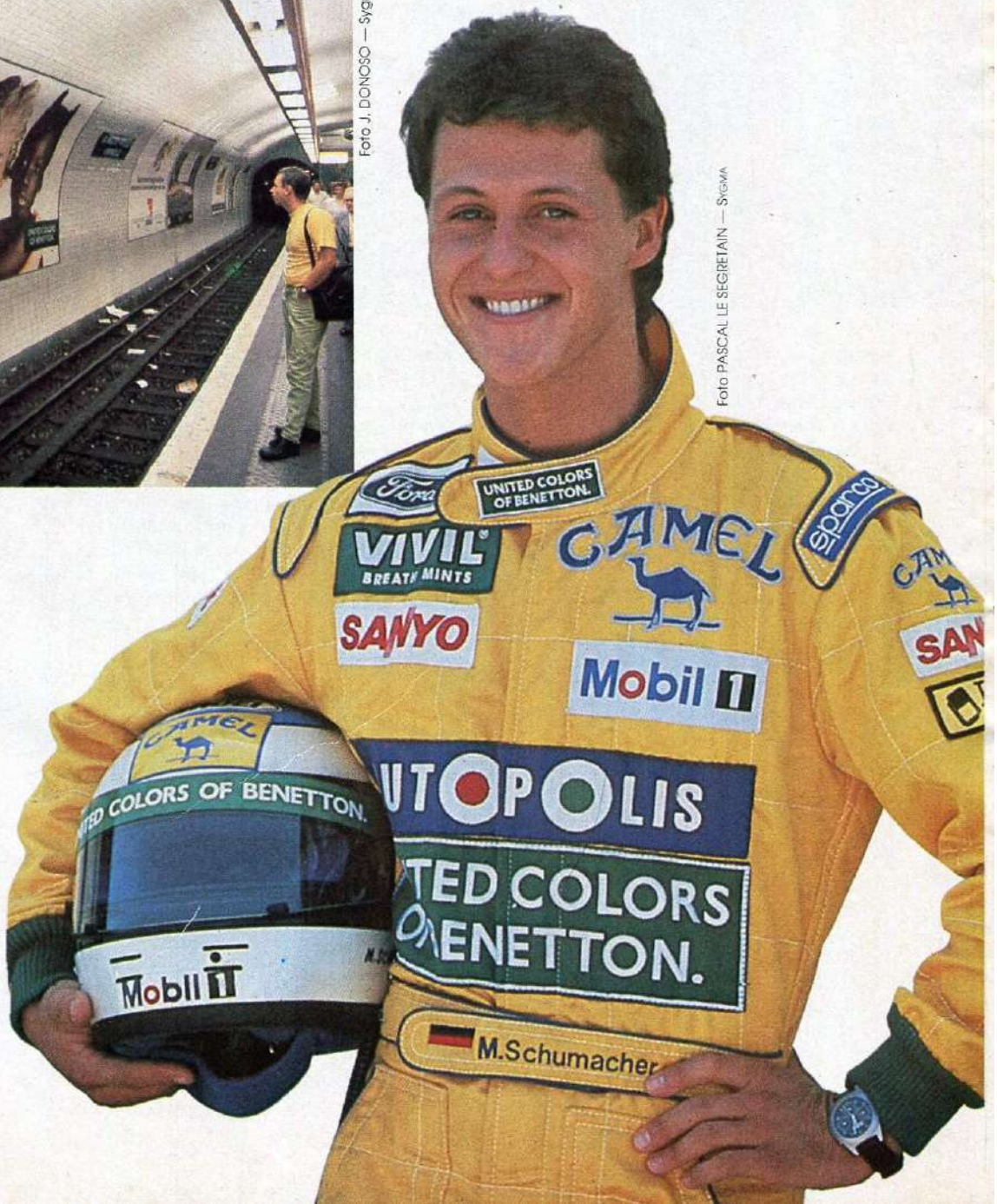


Foto PASCAL LE SEGRETAIN — Sygma

O vaidoso Luciano (alto, à direita) já utilizou até Fidel Castro (no alto) na publicidade da grife, que sempre desperta a curiosidade do público, em anúncios como este cartaz do metrô (acima) ou através da bem-sucedida carreira de seu melhor garoto-propaganda, o campeão de Fórmula-1 Schumacher (ao lado).

Os detratores da empresa acusam-na de sensacionalismo e de não medir esforços para vender roupas. O *chefão* não se perturba. "A polêmica é um conteúdo muito importante da publicidade, instiga o consumidor", justifica. "As campanhas geram polêmicas porque abordam temas atuais, questões fortes do dia-a-dia, como a mulher negra que amamenta uma criança branca", reafirmou em entrevista concedida em 91. Jornalista e cineasta, Arnaldo Jabor é um dos críticos da fórmula usada na publicidade da Benetton. "Denunciando a sociedade de consumo, a Benetton aumenta o consumo", escreveu ele, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*. "Criticando o mundo, a empresa o transforma na mais apetitosa das mercadorias: aquela que não deve ser comida", teorizou Jabor. Críticas à parte, ninguém pode negar que é quase impossível não dar uma olhadinha nos *outdoors* chamativos.

Mas Luciano Benetton não se contentou em chocar o mundo e ganhar milhões de dólares vendendo roupas. Também está envolvido, desde 83, com outro negócio tão rentável quanto charmoso: a Fórmula-1. E por que o automobilismo? "Porque o produto Benetton é objetivamente para jovens que têm uma correspondência muito forte com esportes de ação", responde o próprio Luciano. "Daí, quando tivemos que escolher um esporte de projeção mundial, é claro que o primeiro foi a F-1, pois é a competição mais vista em todo o mundo", conclui.

No início, a Benetton entrou com o patrocínio da Tyrrell. Em 85, montou sua própria equipe, na qual correram os brasileiros Nelson Piquet e Roberto Pupo Moreno. Em 94, a Benetton dominou finalmente as pistas com a conquista do campeonato mundial pelo alemão Michael Schumacher. O primeiro título (da equipe e do piloto) foi em uma temporada marcada por ilegalidades, protagonizadas pelo próprio *team* das cores unidas; disputas ferrenhas com a Williams, guiada pelo inglês Damon Hill; e tragédias inapeláveis, como as que resultaram na morte do austríaco Roland Ratzemberger e do *nosso* Ayrton Senna.

Calculado em 5 milhões de dólares, o investimento da Benetton na Fórmula-1 foi devidamente recompensado. Nem o próprio Luciano imaginava que acabaria com o cartel formado por Williams, McLaren e Ferrari. Em tom de soberba e deboche, que o identificam flagrantemente, o empresário comentou a devoção dos italianos pela Ferrari: "Nunca pensamos na escuderia em termos nacionais, mesmo porque a empresa é italiana, mas o motor é americano, os patrocinadores são japoneses, os técnicos ingleses... enfim é *united colors*", ironizou o novo *comendador* da F-1.

"A POLÊMICA É UM DADO IMPORTANTE, PORQUE SEMPRE VAI INSTIGAR O CONSUMIDOR"

Roberto Pupo Moreno (embaixo, à esquerda) e Nélson Piquet (abaixo) já defenderam a escuderia da Benetton, cuja campanha *contra a sociedade de consumo* é questionada pelo cineasta Arnaldo Jabor (embaixo, ao centro).

Foto MANCHETE IMAGENS

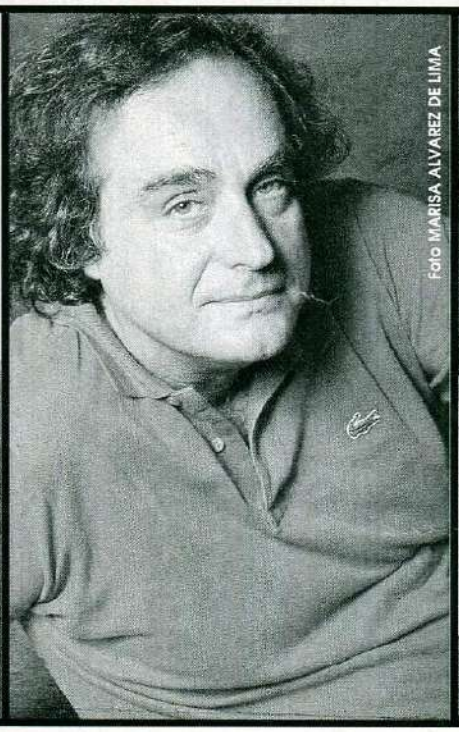


Foto MARISA ALVAREZ DE LIMA

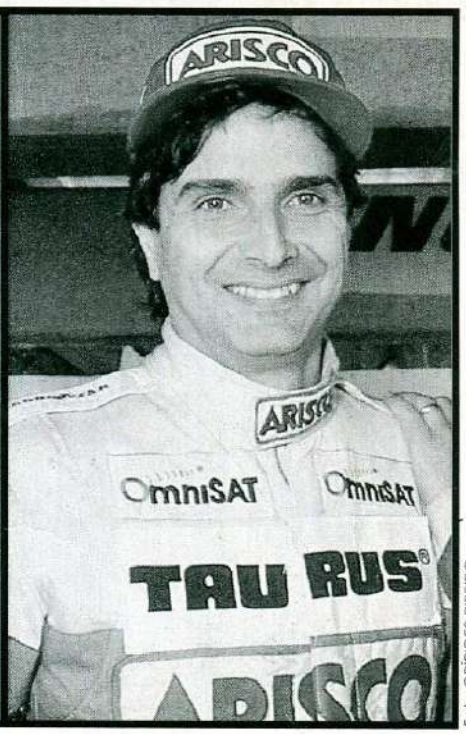


Foto ORIPIDES RIBEIRO

Foto Divulgação

O CHEFÃO DA MÚSICA

GRANDE vencedor do Grammy deste ano com a música *Streets of Philadelphia*, composta especialmente para o filme *Philadelphia*, o cantor e compositor BRUCE SPRINGSTEEN aproveitou o prêmio para lançar o álbum *Greatest Hits*. Com quatro faixas inéditas, o álbum traz os maiores sucessos do cantor de voz rouca. Entre eles, *Streets of Philadelphia*, claro, *Born in the USA*, *Glory Days* e *Dancing in the Dark*.

Foto PEDRO BORGERTH

DO ORIENTE PARA O SAMBA

CAPA da revista *Rio Samba e Carnaval* deste ano, a modelo ÂNGELA OLIVEIRA já batalhou muito fora do país, principalmente no Egito e no Japão. Pele perfeita, cabelos lisos e negros como seus olhos fizeram dela o manequim brasileiro de maior sucesso na Arábia Saudita para desfilar as luxuosas roupas femininas do mundo árabe. Mas o cachê atraente não foi suficiente para compensar a falta de liberdade nas ruas do Cairo. "É complicado, porque a mulher não pode andar sozinha; eu estava sempre acompanhada de um motorista, que fazia a segurança, e de uma outra mulher", conta.

FILHONA DE CAUBÓI

ALISON EASTWOOD, 20 anos, filha do *cowboy* Clint Eastwood, bateu as asinhas em busca de seu próprio caminho e deixou o papai muito orgulhoso. Alison debutou como modelo nas concorridas passarelas francesas ao lado de *top models* como Carla Bruni, Inês de La Fressange e Helena Christensen. Como se não bastasse, a lourinha tipicamente americana posou para a revista *Tatler*, a equivalente britânica da *Vanity Fair*. Por trás desse sucesso todo, em sua estréia como modelo, estão a mão da superagente Marilyn Gauthier e, é claro, o sobrenome famoso.

Foto Gamma

Foto EDSON ARAÚJO

ACUPUNTURA HIGH-TECH

FORMADA em medicina tradicional chinesa e ocidental, a doutora XU GUI QUING esteve no Rio para presidir o Seminário de Acupuntura Eletromagnética. Considerada uma autoridade no assunto, ela acompanhou o desenvolvimento do aparelho Hai Hua, utilizado neste tipo de terapia. Recomendado pela Unesco e com prêmios em feiras internacionais, o Hai Hua foi responsável pela recuperação do cônsul Yang Zi Yi, vítima de um AVC (acidente vascular cerebral). Segundo a doutora Xu, o tratamento com o aparelho equivale ao funcionamento simultâneo de 132 agulhas, é totalmente indolor e não tem contra-indicações.

AO *RAP* COM CARINHO

ELA ainda vai dar muito o que falar. Com apenas 16 anos, JANAÍNA já acumula prêmios de melhor intérprete e melhor música no Festivalday (que se realiza em Curitiba) de 93, abriu o especial *Som Brasil* de Fábio Júnior no ano passado e, este ano, lança seu álbum de estréia com a banda Ponto Crucial. Formada pelo DJ Gigio e o *rapper* Rinea, Ponto Crucial passeia pelo *rap*, *dance* e balada, com letras inspiradas no cotidiano. E Janaína, com sua voz aveludada, empresta um toque diferente ao *rap*, hoje dominado por vozes masculinas.

Foto Divulgação

DA CAMA *PARA* A FAMA

ELA detesta ser chamada de *porno star*, mas TRACY LORDS causa furor desde 1986, quando provocou escândalo ao ser acusada de aumentar a idade, de 16 para 18 anos, para estrelar produções pornográficas. Hoje, aos 26 anos, a loura sensual pôs de lado a fase de estripulias sexuais para posar de atriz num seriado bem família, o *Melrose Place*, exibido aqui pela TV Globo. "Ela tem talento", diz o produtor Darren Star. E isso não é tudo: Tracy está lançando o seu primeiro disco, *1.000 Fires*. Só falta o programa infantil...

Foto BLAKE LITTLE — Sygma

Behula Spencer

Foto LENA MUGGIATI

Depois de um período cambaleante na década de 60, com a explosão do *rock* em todo o mundo – quando muitos músicos americanos buscaram na Europa um mercado de trabalho –, a partir dos anos 80 o *jazz* reencontrou seu pleno caminho de sucesso e uma nova audiência ávida em ouvir e conhecer os seus sons. O sucesso do trompetista Wynton Marsalis estimulou muitos a tentarem uma carreira jazzística, quando até então a imensa maioria buscava na música *pop* o caminho para ganhar dinheiro. Os anos 90 estão sendo pródigos em novos talentos. Um panorama desses jovens *turcos* (uma alusão aos personagens da revolução cultural na Turquia, no início do século) permite uma avaliação dessa brilhante nova geração, que vem ganhando a admiração e o respeito da crítica e do público

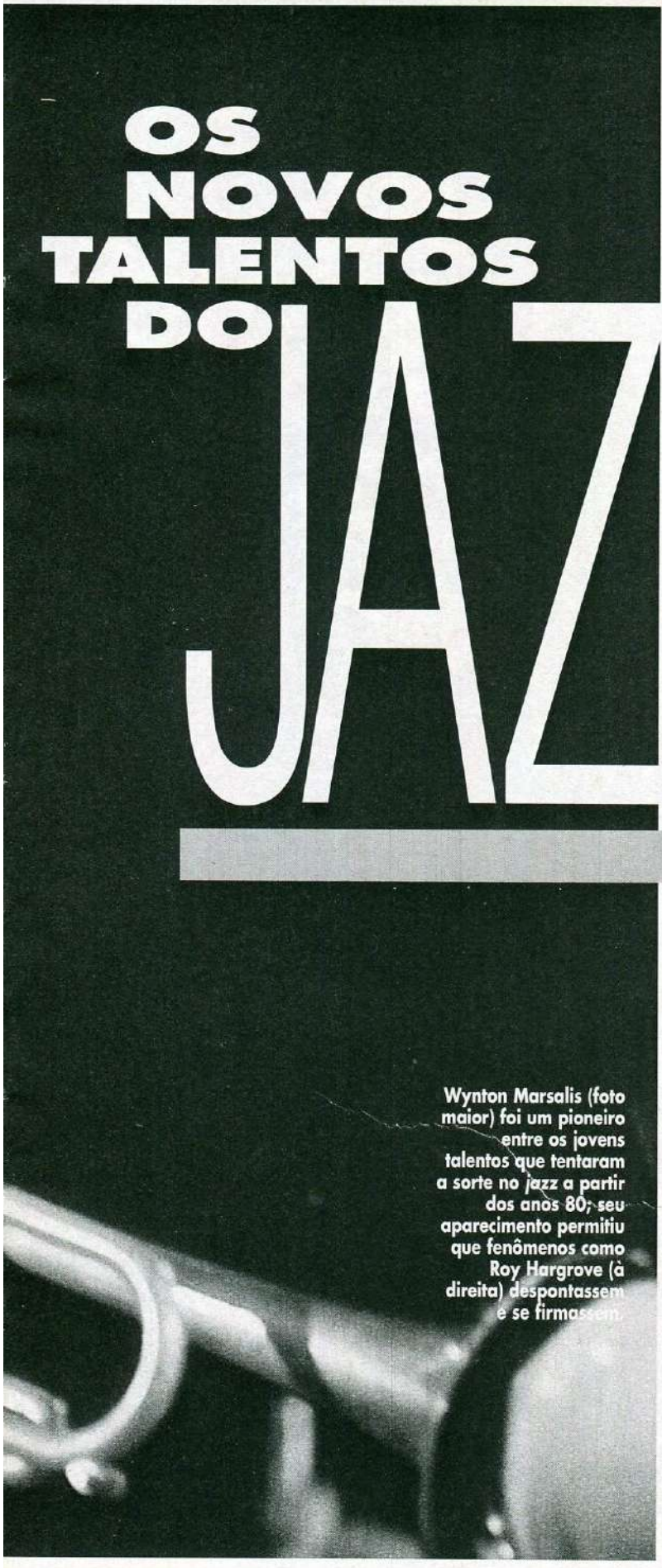
Por JOSÉ DOMINGOS RAFFAELLI

OS NOVOS TALENTOS DO JAZZ

HOUVE época em que o *jazz* era a música da juventude. Isso aconteceu entre meados dos anos 30, com as *big bands* em pleno reinado da Era do Swing, e os explosivos anos 60, quando surgiram os Beatles, que mudaram completamente o comportamento e as preferências musicais dos jovens. A bem da verdade, já nos anos 50 observou-se o primeiro indício de mudanças com Bill Haley e, principalmente, Elvis Presley, mas foram os rapazes de Liverpool que mudaram tudo.

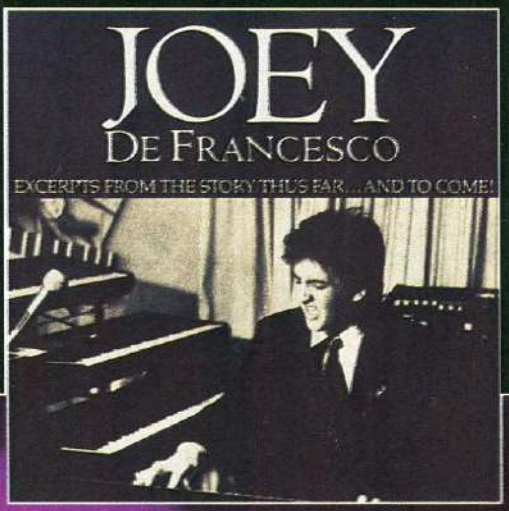
Entretanto, se a música *pop* continua reinando, ao menos parte dos jovens se volta para o *jazz* como música de interesse para ouvir e tocar. Estimulado pelo sucesso de Wynton Marsalis, de seu irmão, o saxofonista Branford Marsalis, e alguns discípulos dos dois, o número de jovens que seguem e buscam seguir a carreira de *jazzmen* atualmente é significativo. Outro fator de estímulo que contribui para aumentar o interesse é o ensino do *jazz* em mais de 500 escolas e universidades americanas. Atualmente, cerca de dois mil novos músicos chegam ao mercado de trabalho buscando um lugar nas bandas e orquestras americanas. Os últimos anos foram pródigos em novos talentos, alguns bem precoces, como o pianista Sergio Salvatore, de 13 anos, que vem causando verdadeiro furor nos círculos nova-iorquinos.

Um dos mais conhecidos e que já alcançou a fama é o saxofonista Joshua Redman, que causou o mesmo impacto de Wynton Marsalis na década de 80. Desconhecido até o início de 1993, aos 25 anos é a mais radiosa realidade do *jazz* de fim de século. Joshua é filho do também saxofonista Dewey Redman, que se tornou conhecido tocando com John Coltrane e o grupo Old And New Dreams. Joshua brilhou no Free Jazz Festival do ano passado e seus dis-



Wynton Marsalis (foto maior) foi um pioneiro entre os jovens talentos que tentaram a sorte no jazz a partir dos anos 80; seu aparecimento permitiu que fenômenos como Roy Hargrove (à direita) despontassem e se firmassem.

Foto Divulgação — Verve



Mark Whitfield (ao lado) destacou-se no Jazz Futures; Joey De Francesco (à direita, embaixo) é considerado por John McLaughlin "a maior revelação do *jazz* nos últimos tempos" enquanto Sergio Salvatore (canto direito), de apenas 13 anos, e Peter Delano (na página ao lado), uma *fera* desde os 15, assombram os colegas e críticos por sua técnica incomum ao piano. Abaixo, o trombonista Delfeayo Marsalis, que também é produtor das gravações dos irmãos e do pai.

Fotos Divulgação

cos *Joshua Redman*, *Wish*, *Swing Mood* confirmaram tudo o que se falou e escreveu sobre ele. Apontado como grande revelação por McCoy Tyner, Milt Jackson, Elvin Jones, Roy Haynes e tantos mais, tem tudo para ser o grande nome do *jazz* na última década do século.

O trompetista Roy Hargrove foi uma revelação precoce. Aos 17 anos, chamava atenção para o seu talento. Ele liderou o grupo apropriadamente denominado Jazz Futures, com Marlon Jordan (trompete), Tim Warfield (sax-tenor), Antonio Hart (sax-alto), Mark Whitfield (guitarra) e Benny Green (piano). Seus discos *Diamond in the Rough* e *Public Eye*, editados pelo selo Novus, e o mais recente *Roy Hargrove With The Tenors of Our Time*, para a Verve — o último na companhia dos saxofonistas Joe Henderson, Stanley Turrentine, Johnny Griffi, Branford Marsalis e Joshua Redman —, confirmam tratar-se de um músico brilhante que domina por completo seu instrumento e o idioma jazzístico.

Nicholas Payton, outro trompetista, é um seguidor de Wynton Marsalis. Interessado no *jazz* e sua história, estuda e toca o repertório de Jelly Roll Morton, King Oliver e Duke Ellington. Ainda pouco conhecido do público, tocou e gravou com Elvin Jones, Marcus Roberts e Peter Delano, entre outros.

Rian Kysor, também trompetista, aos 17 anos ganhou um concurso promovido pelo Thelonius Monk Institute, despertando o entusiasmo de veteranos como Clark Terry e Jon Faddis. Kysor vem gravando regularmente em grupos diversos, mas está faltando o impulso de uma grande gravadora para a carreira alcançar o destaque que o seu talento merece.

O baterista Jason Marsalis, de 18 anos, segue os passos dos irmãos Wynton, Branford e Delfeayo, mantendo a tradição da dinastia Marsalis. Influenciado por Jeff Watts, baterista que tocou com seus irmãos, participou de gravações com os membros da família, inclusive seu pai, o pianista Elis Marsalis.

O baixista Christian McBride brilhou no último *Free Jazz Festival* no quarteto de Joshua Redman. Egresso da banda de James Brown, o Rei do Soul, vem mostrando suas grandes qualidades. Em abril do ano passado, brilhou no concerto do 50º aniversário do selo Verve, no Carnegie Hall, num dueto com o veterano Ray Brown. A fama de Brown e os mais de 40 anos de diferença entre eles não intimidaram o jovem Christian. Reconhecendo o seu talento, a Verve lançará o primeiro CD em seu nome: *Gettin'to it*.

O organista Joey De Francesco é apontado por John McLaughlin como a maior revelação do *jazz* nos últimos tempos. Joey tem 24 anos e, desde os 18, grava para a Sony Music, mostrando ser um sucessor do mestre Jimmy Smith. Filho de um organista, também toca piano e trompete. Gravou com Miles Davis e Grover Washington Jr. Os discos *Part III* e *Live at The Five Spot*, lançados no Brasil, atestam sua categoria de emérito improvisador, dono de muito suingue e calor. Desde os 15 anos, Peter Delano impressiona a todos como um dos pianistas de maior técnica entre os novos. Seus dois trabalhos para a Verve também indicam que é um compositor de futuro. O último, *Bite of The Apple*, tem participações de Eddie Gomez, Gary Peacock, Victor Lewis e Gary Bartz. O baixista Ron Carter declarou que "vai demorar muito para aparecer outro pianista como Delano".

O BAIXISTA RON CARTER DECLAROU QUE "VAI DEMORAR MUITO PARA APARECER OUTRO PIANISTA COMO DELANO"

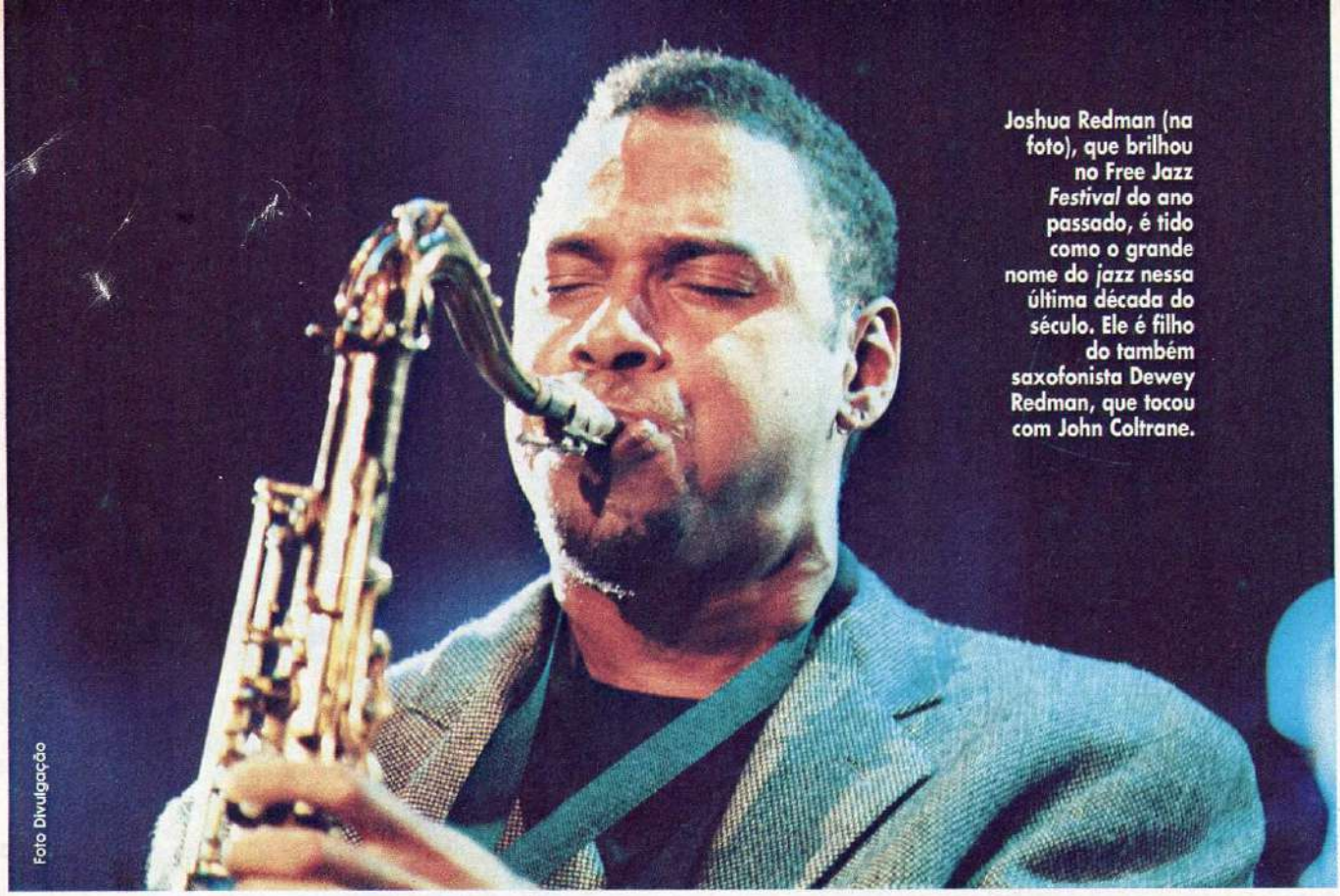
Irmão do flautista Kent Jordan, Marlon Jordan é outro trompetista da nova safra. Aos 18 anos, no primeiro disco, *For Only You*, aventurou-se pelo universo dos compositores, de Thelonious Monk a Wayne Shorter. Convenhamos, é um brutal desafio para qualquer iniciante. Seu segundo título, *Learsounds Returns*, confirmou que é um dos maiores talentos desta rica geração.

O saxofonista Antônio Hart, de 25 anos, apontado por Jackie McLean como um dos melhores surgidos nesta década, foi companheiro de Roy Hargrove desde a primeira hora nos Jazz Futures. Aos 22 anos, fez sua estréia promissora em *For The First Time*, revelando influências dos modernos, incluindo McLean, e dos velhos mestres Benny Carter e Johnny Hodges.

Philip Harper, trompetista que tocou com Art Blakey e Betty Carter, tem 29 anos, um pouco mais velho que os demais citados neste artigo. Ao lado do seu irmão Winard, três anos mais velho, gravou *The Harper Brothers* para a Verve. Influenciado por Clifford Brown e Lee Morgan, Philip segue a linha do *bebop* contemporâneo.

O saxofonista Antoine Roney, irmão do trompetista Wallace Roney, discípulo de Wayne Shorter, é um dos mais articulados da novíssima geração. Em *The Traveler*, seu primeiro disco lançado pela Muse, conta com a colaboração do seu irmão, do saxofonista James Spaulding, do pianista Jacky Terrason e do veterano baterista Louis Hayes.

O pianista Rodney Kendrick, que acompanhou a cantora Abbey Lincoln no *Free Jazz* de 1994, é outra grande promessa. Contratado pela Verve, gravou dois discos de excelente qualidade. No segundo, *Dance World Dance*, lançado pela etiqueta Gitanes, subsidiá-



Joshua Redman (na foto), que brilhou no Free Jazz *Festival* do ano passado, é tido como o grande nome do *jazz* nessa última década do século. Ele é filho do também saxofonista Dewey Redman, que tocou com John Coltrane.

Foto Divulgação

ria da Verve, agrupou em torno dele um grupo equilibrado, no qual atuam o veterano Arthur Blythe (sax-alto), Gracham Haynes (*cornet*, filho do baterista Roy Haynes) e Bheki Mselehu (sax-tenor).

O pianista Brad Meldhau, que tocou no Brasil com o saxofonista Chrystopher Hollyday, em 1991, é um articulado discípulo de Keith Jarrett e Bill Evans. Acompanhador emérito, tem sido incentivado a seguir carreira como líder, mas prefere continuar como *sideman* por mais dois ou três anos "para ganhar experiência e confiança". Há até pouco tempo, Brad integrava o quarteto de Joshua Redman, com quem gravou o magnífico CD *Swing Mood*, que na opinião de muitos conhecedores é uma obra-prima.

Outro membro da família Marsalis, o trombonista Delfeayo, que tocou no Brasil no *Free Jazz* de 1993, aos 28 anos já tem uma larga atividade — não somente no *jazz*, mas também como produtor de sessões de gravação dos irmãos e do pai. O estilo do trombone é inspirado em J.J. Johnson, mas com elementos do *jazz* contemporâneo. Delfeayo também é um compositor inspirado, como demonstrou no CD *Pontius Pilatos's Decision*, gravado para o selo Novus e editado no Brasil. Professor de música, é um estudioso do *jazz* e suas raízes, acumulando conhecimentos que refletem na música.

O garoto Sérgio Salvatore é o novo fenômeno do piano. Desde 1993, quando tinha 12 anos, corriam rumores sobre aquele menino que assombrava a todos com uma técnica estonteante. A gravadora GRP não perdeu tempo e o contratou. O primeiro disco, que tem o seu nome, foi um sucesso enorme entre os músicos. O segundo, *Tune Up*, também pela GRP, o encontrou na companhia de Chick Corea, Gary Burton, Randy e Michael Brecker, Dannie Gotlieb e outros. Sergio aprendeu a tocar e a gostar de *jazz* com o pai, o tecladista Luciano Salvatore, ex-aluno de Gary Burton. O repertório dele inclui *standards* como *Over The Rainbow*, *Blue Moom* e *Like Someone In Love*, e originais de *jazz* do quilate de *Footprints* e *Au Private*. Em agosto do ano passado, ele fez a estréia no Blue Note, de Nova Iorque, com cerca de 30 renomados pianistas na platéia, entre os quais Tommy Flanagan, Hank Jones, Kenny Barron e Billy Taylor, que ficaram literalmente extasiados com o que ouviram. Taylor escreveu no CD *Tune Up*: "O que chama a atenção em Sergio não é o fato de ser tão jovem, mas de ser tão bom. Ele desenvolveu um sentido de maturidade melódica, harmônica e rítmica. É imaginativo, criativo e sua obra é comparável à de pianistas bem mais experientes." Mal começando a vida, o garoto é uma sensação. Fica a pergunta: se Sergio Salvatore toca tudo isso com 13 anos, como tocará quando tiver 23 ou 33?

FICA A PERGUNTA: SE SALVATORE TOCA TUDO ISSO AOS 13 ANOS, COMO TOCARÁ QUANDO TIVER 23 OU 33?

Esta lista não pretende ser completa, mas a ela podemos acrescentar o pianista Benny Green, o saxofonista Herbert Harris, o baterista Lewis Nash e os músicos do *combo* de Wynton Marsalis (trombonista Wycliff Gordon, saxofonistas Wes Anderson e Todd Williams, pianista Eric Peter e baterista Herman Riley), mais conhecidos e com algum tempo de estrada. Eles se incluem nessa relação dos jovens *turcos* que mantêm acesa a chama do verdadeiro *jazz*, que está mais vivo do que nunca, a despeito dos *xiitas* que proclamam a sua morte e de alguns gaiatos que declaram "*jazz* já era".

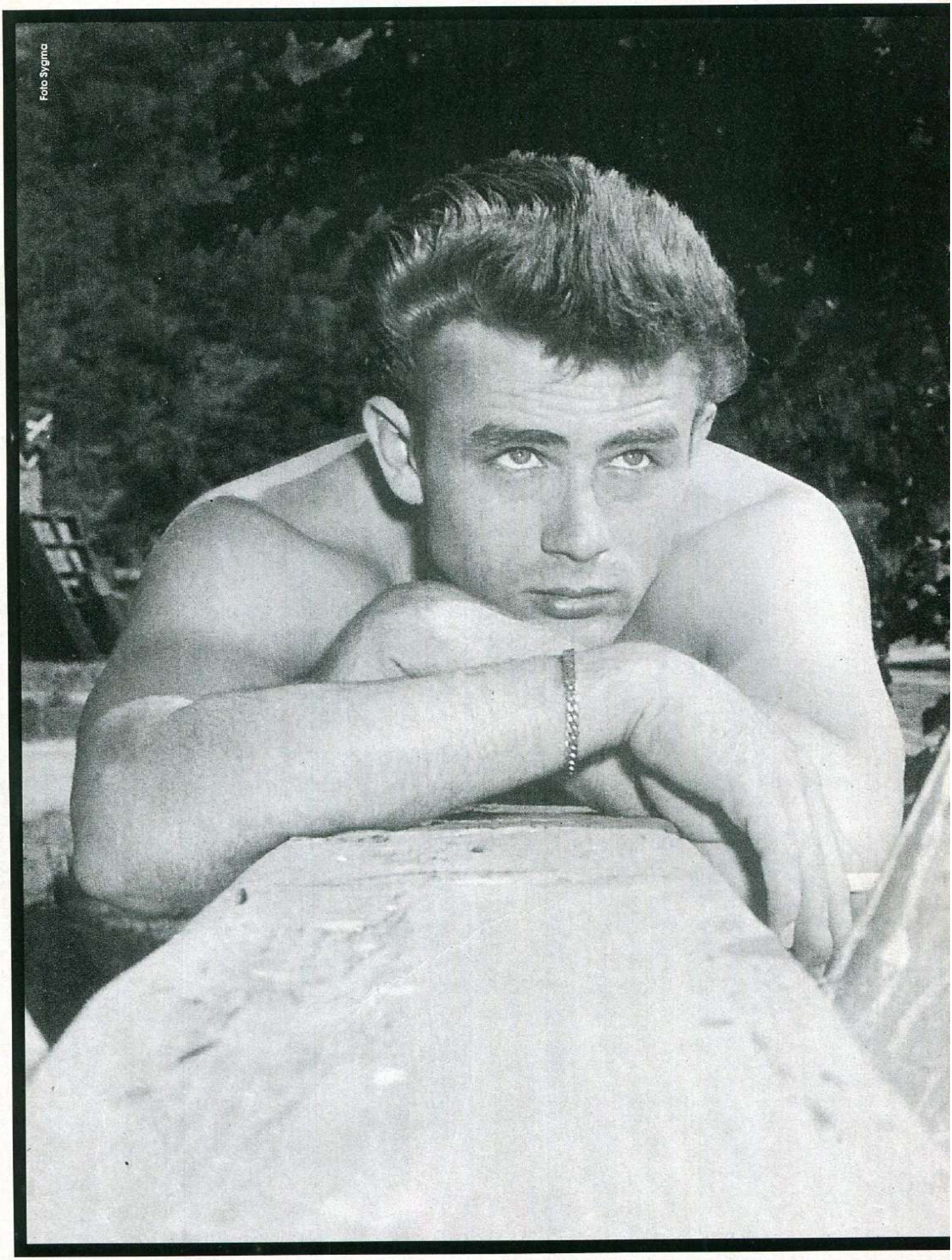


Foto Sygma

DOCUMENTO

A VIDA SECRETA DE JAMES DEAN

O mito da juventude rebelde era não só um ator carismático e uma personalidade agressiva, mas também um furacão sexual, em ambas as direções. Faz quarenta anos que James Byron Dean, aos 24 anos de idade, morreu instantaneamente dentro de um Porsche Spyder, numa estrada californiana, e novas biografias cada vez mais desnudam a lenda do meteórico galã de Hollywood – lenda esta que, no entanto, não pára de crescer

Por ANDRÉ MACHADO

JAMES DEAN

Masoquista, Dean pedia a seus parceiros que o queimassem com cigarros

A data: 30 de setembro de 1955. A hora: 17h55min. O lugar: rota 466, na Califórnia, no trecho entre Paso Robles e Salinas. Um Porsche 550 Spyder, prateado, ocupado por dois sonolentos jovens, dispara pelo asfalto a mais de 160 quilômetros por hora (ele poderia alcançar até 210km/h). O sol bate em cheio no rosto do motorista, um certo James Byron Dean, 24 anos, três filmes em Hollywood e duas peças na Broadway, a própria encarnação da geração do pós-guerra, sem rumo numa década estritamente moralista: rebelde, inquieto, confuso e agressivo.

Onde terminava o homem e começava o personagem? Provavelmente, nem Dean sabia. A estrada e a velocidade, agora, eram tudo o que importava – mesmo porque haveria uma corrida em Salinas, para onde ele se dirigia. Ao lado do ator, que sequer afivelara o cinto de segurança, cochilava o mecânico Rolf Weutherich, que cuidava pessoalmente do Porsche, uma das paixões de Dean. Rolf, mais tarde, se lembraria de ter ouvido o companheiro resmungar qualquer coisa como "aquele cara tem que nos ver". Referia-se a um Ford Sedan no cruzamento entre a 466 e a 41, que estava prestes a atravessar seu caminho. Dean não reduziu, o Ford dobrou direto. Um minuto depois, uma colisão terrível matava o ator instantaneamente, chegando a separar a cabeça do corpo. Rolf e o motorista do Ford sobreviveram miraculosamente.

Estava criado mais um mito cinematográfico. Hoje, quarenta anos depois, ainda se tenta entender o apelo de James Dean, um homem ambíguo, por vezes quase suicida, dado à bissexualidade, e masoquista a ponto de pedir que seus parceiros queimassem partes de seu corpo com pontas de cigarro, o que lhe valeu o apelido de *Cinzeiro*. E mais: um ator de altos e baixos.

Dele disse Elia Kazan, seu diretor em *Vidas Amargas*, que, ao contrário de Marlon Brando, um mestre da técnica, Dean ou conseguia um bom resultado numa cena, sem maiores instruções do diretor, ou dele não saía nada. Exemplo disso foi uma das cenas que rodou em *Assim Caminha a Humanidade*, dirigido por George Stevens. É quando a personagem de Elizabeth Taylor vai visitá-lo em sua nova casa, e ele lhe serve um chá, completamente envergonhado e louco de tesão por ela (que é a mulher de seu ex-patrão). A cena emite uma sensualidade magnética, mas Dean levou 15 *takes* para fazê-la. Em parte, por-

Foto Divulgação

Fotos MANCHETE IMAGENS

Foto Divulgação

Foto Divulgação

Dean (de óculos), no time de *baseball* da faculdade (foto no alto à esquerda) e, logo abaixo, o ator ao volante no dia e no carro de sua morte, de certa forma causada pela paixão pela velocidade, que lhe valia troféus automobilísticos (acima); ao lado, Ursula Andress, misto de amante e companheira de farras.

que uma multidão assistia às filmagens. Até que, depois da penúltima tentativa, o ator saiu da casa, parou em frente aos curiosos, abriu o zíper, botou o pênis para fora e urinou à vontade. Depois, voltou e filmou a cena de uma vez. Ficou perfeita.

James Dean nasceu em 1931 no estado americano de Indiana. Era descendente de uma família de *quakers* cujos primeiros membros haviam chegado ao estado em 1815, vindos do Kentucky. Os pais mimavam o pequeno Jimmy, e este venerava a mãe, que o ensinou a desenhar, apresentou-lhe os clássicos e estimulou-o a recitar poemas. Sua brincadeira preferida era o *wishing game*, em que ele escrevia num pedaço de papel o que desejava e punha-o sob o travesseiro. No dia seguinte, ela (que havia lido o papel enquanto ele dormia) fazia o possível para satisfazer o desejo do filho. O sonho acabou em 1940, quando a mãe de Dean descobriu que tinha câncer uterino num estágio avançado. No mesmo ano, ela morreu, e o pai, cheio de dívidas, mandou o garoto para a fazenda de dois tios, na cidadezinha de Fairmount.

Ele estava arrasado: a ausência da mãe fizera seu mundo desabar. Mas a vida junto à natureza, aos animais, lhe fez bem. Na escola, já adolescente, se destacava nas aulas de teatro: "Eu não quero ser um bom ator. Nem mesmo o melhor. Quero apenas ser grande, mas tão grande, que ninguém consiga me alcançar." Ao mesmo tempo, descobria a própria sexualidade, em duas direções. Namorava uma professora de ginástica e se sentia atraído pelo pastor e veterano de guerra James DeWeerd, que uma tarde o levou a passear de carro e, parando sob uma árvore, tirou a camisa e mostrou-lhe os ferimentos na barriga e no peito, causados por estilhaços, convidando-o a tocá-los. A bem dizer, foi este o primeiro contato homossexual de Dean. Foi DeWeerd também que lhe instilou o amor pela velocidade e pelo perigo.

Fotos Divulgação

Dean odiou filmar com Rock Hudson (no alto, de chapéu) por considerá-lo péssimo ator, mas foi Marlon Brando quem o esnobou, num gesto que Dean repetiria depois com Jack Nicholson (acima).

HOLLYWOOD era o destino natural do jovem, de modo que, em 1949, ele mudou-se para a Califórnia e matriculou-se no curso de arte dramática da UCLA. Morava então com um aspirante a escritor, Bill Bast, e passou a freqüentar os departamentos de elenco dos estúdios e as festas dos figurões da indústria. Os dois brigaram quando Dean roubou a namorada de Bast, e o ator foi morar com Roger Brackett, publicitário de 35 anos e homossexual, que lhe abriu as portas dos estúdios. A essa altura, Dean já nada tinha de inocente, e os novos contatos arranjaram-lhe pontas em alguns filmes, como *Baionetas Caladas* e *Sinfonia Prateada*. Conta Paul Alexander, autor da mais recente biografia do ator, *Boulevard of Broken Dreams*, que ele era promíscuo e se gabava de ter recebido *fellatio* de cinco grandes figuras em Hollywood – e nenhuma delas era mulher. Segundo Paul, Dean era capaz de convidar para transar de imediato alguém que o atraísse, mesmo no meio de uma festa; gostava de ser possuído pelo bailarino com que certa vez dividiu um apartamento; e há no livro uma foto que o mostra masturbando-se no alto de uma árvore.

Ao mesmo tempo, tinha casos com mulheres. Uma delas foi Barbara Hutton, herdeira milionária do patrimônio das lojas Woolworth. Na biografia *Little Lost Boy*, de Joe Hyams, aparece um trecho do diário de Barbara. Ela conta que, tarde da noite de um sábado, Dean estava em sua casa, completamente bêbado, e convidou-o a ficar. Os dois deitaram-se juntos, ele tirou a roupa, e transaram duas vezes. Mas ela ficou intrigada, porque Dean não parava de falar de homens, aventuras, masculinidade...

A Cidade dos Sonhos não parecia, naquele momento, oferecer muito ao ator; assim, ele voou para Nova Iorque e entrou para o Actor's Studio, onde protagonizou uma história curiosa. Vestiu um sobre-

tudo, pôs óculos de lentes grossas e subiu ao tablado, procurando imitar um homem caminhando a esmo pelas ruas da metrópole. De repente, tirou um canivete do sobretudo, abriu-o e passou a lâmina no pulso. O sangue começou a escorrer – e a colega de classe, Shelley Winters, assustada com o realismo da cena, apressou-se a socorrê-lo. Dean, espantado, riu.

A vida na Grande Maçã, a princípio, foi tão frustrante quanto a de Hollywood. Dividia um apartamento sórdido com dois outros artistas e conseguiu apenas pequenos papéis na televisão (inclusive um em que vivia um jovem assassino, desarmado pelo bom moço Ronald Reagan; a cena em que Dean aponta o revólver para ele fez furor quando Reagan era presidente dos EUA, na década passada – algumas línguas ferinas opinaram que Dean não deveria ter desperdiçado a chance).

Até que apareceu uma boa oportunidade: na versão para o teatro da obra *O Imoralista*, de André Gide, ele viveria Moktir, um adolescente que tenta seduzir o patrão, Michel. A dança sensual que o ator realizava no palco da Broadway valeu-lhe um Tony e chamou a atenção de Elia Kazan: Dean era tudo de que ele precisava para sua produção de *Vidas Amargas*. Estava dado o primeiro passo para o meteórico estrelato do ator.

Ele, uma vez de volta a Hollywood, continuou saindo com mulheres e homens. Conta Kenneth Anger, autor de *Hollywood Babylon*, que cintos, cor-

Foto Divulgação

O diretor Nicholas Ray estimulou os improvisos de Dean em *Juventude Transviada* (acima); mas Elia Kazan, que o dirigiu em *Vidas Amargas* (abaixo, à esquerda), considerava-o irregular e imprevisível dentro de um estúdio (abaixo).

Foto Divulgação

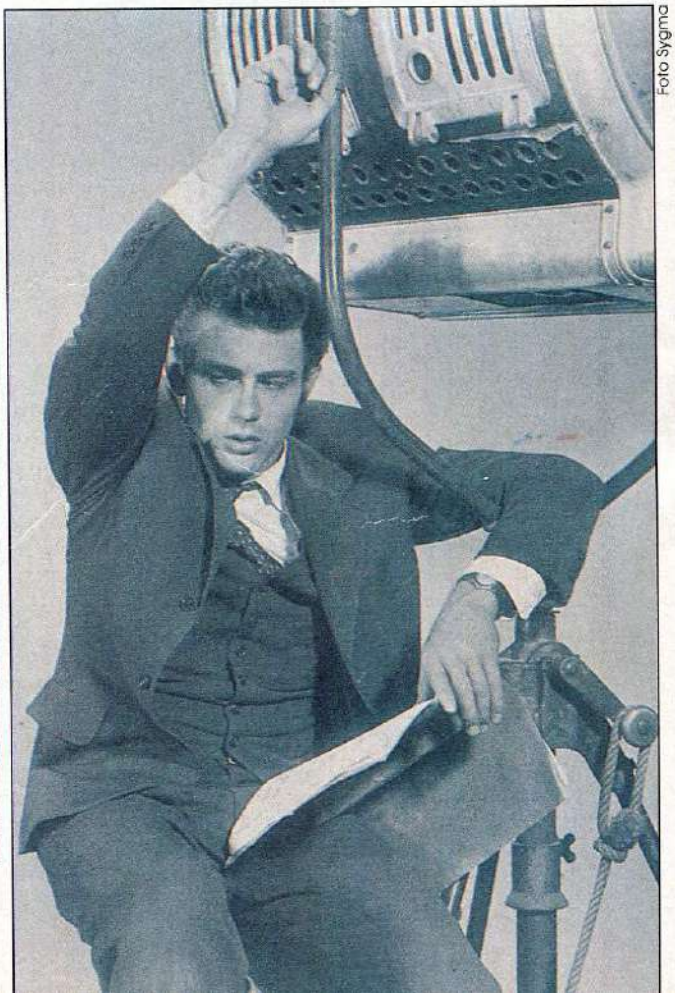


Foto Sygma

JAMES DEAN

Para alguns, seu romance com Pier Angeli não passava de farsa promocional

rentes, botas, tapas e, é claro, cigarros acesos eram ingredientes fundamentais em suas transas. Morou com notórios homossexuais como os atores Dick Davalos, Jack Simmons e Clifton Webb (o genial crítico-narrador do clássico *noir Laura*, de Otto Preminger). Sendo assim, onde fica a fulminante paixão que teria vivido com a atriz Pier Angeli? Para Paul Alexander, autor de *Boulevard...*, foi tudo uma armação da Warner; mas, quase vinte anos depois da morte do ator, Pier declarou (pouco antes de morrer de uma *overdose* de barbitúricos, não se sabe até hoje se acidental) que ele fora o único homem que realmente amara, e que sonhava com Dean constantemente.

O namoro dos dois teve algo de trágico: a mãe da atriz, que não gostava nem dos modos daquele moço, nem do fato de Dean não ser católico, tudo fez para separá-los. O gostinho do proibido aumentou o tesão e eles passaram a se encontrar às escondidas, numa cabana na praia. Nem tudo eram rosas; consta que Dean dava seus tapas (e beijos) na amada. De qualquer modo, a família jogou duro e ela acabou se casando com o cantor Vic Damone. No dia da cerimônia, o ator apareceu de moto em frente à igreja e, ao ver os noivos saírem, fez cantar os pneus e fugiu em disparada.

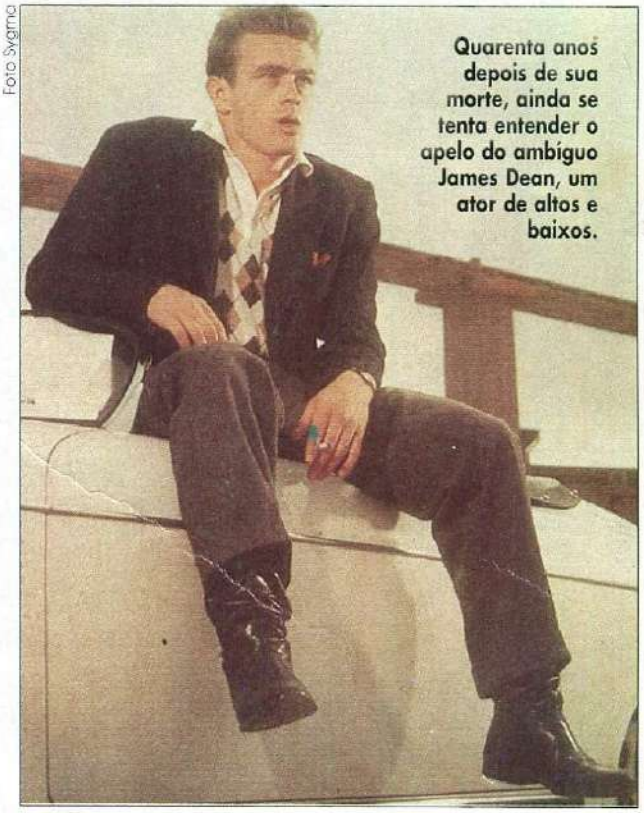
OUTRAS mulheres surgiram em sua vida, como Ursula Andress, eterna companheira de farras, e a cantora negra Eartha Kitt. Mas o que Dean parecia não conseguir encontrar era sua própria identidade (não por acaso, seu jeito desprotegido hipnotizou milhares de fãs pelo mundo, o que talvez explique a duração do mito). Entre os ídolos do ator estava Marlon Brando, que originara o *filão rebelde* no cinema. Mas, quando Brando visitou o *set* de *Vidas Amargas*, deu uma bela esnobada em Dean e chegou a sugerir que ele procurasse um psiquiatra. Dean não aprendeu a lição e repetiu a dose, esnobando o iniciante Jack Nicholson.

Dos três filmes que protagonizou, as filmagens de *Juventude Transviada* foram as mais instigantes. Para começar, a fita seria em preto-e-branco, e quando o estúdio mudou de idéia o elenco teve de gravar tudo de novo. Dean e Sal Mineo improvisavam bastante, sendo estimulados pelo diretor Nicholas Ray – a cena inicial na delegacia é um claro exemplo, em que as risadas e boa parte dos gestos não estavam no roteiro. Na cena em que beija Natalie Wood, Dean aproveitou um intervalo para contar-lhe uma piada obscena. O filme só estreou em 1956, depois de sua morte, e foi um grande sucesso. Mas há uma espécie de maldição associada a ele. Para se ter uma idéia, os três protagonistas morreram tragicamente: Dean, no acidente com o Porsche; Mineo, assassinado na garagem do prédio onde morava em 1971 (estava com 37 anos); e Natalie Wood, afogada durante um passeio noturno de iate em 1983.

Já *Assim Caminha a Humanidade* não foi um filme tão tranqüilo de fazer. O diretor George Stevens usou de marcação cerrada sobre o rebelde contumaz, e este se aborreceu bastante. Ficou amigo de Elizabeth Taylor, mas odiava Rock Hudson, que considerava um péssimo ator (ele estava certo, com o perdão dos fãs). No fim, o próprio Stevens reconheceu que as cenas de Dean eram o que de melhor havia na longa fita. Seu discurso final, sozinho no salão de banquete, completamente bêbado, foi um grande momento. O que nem todos sabem é que a voz do personagem Jett Rink, no filme, não é a de James Dean. Ele morreu antes de poder dublar suas cenas, e o colega Nick Adams o fez em seu lugar.

Quarenta anos depois, ficou mesmo a lenda. O diretor Des McAnuff, que ganhou um Tony ao montar *Tommy* na Broadway, vai contar sua história num filme produzido pela Warner e estrelado pelo ator Leonardo DiCaprio. Afinal, como reza o lema, *that's entertainment*.

Foto Sygma



Quarenta anos depois de sua morte, ainda se tenta entender o apelo do ambíguo James Dean, um ator de altos e baixos.

CULTURA

100 ANOS DE CINEMA

Foto MANCHETE IMAGENS

GLORIA SWANSON

Foto SUNSET BOULEVARD – Sygma

BETTE DAVIS e ERROL FLYNN

Fotos Metro-Goldwin-Mayer – Divulgação

HEDY LAMARR e SPENCER TRACY

Foto MANCHETE IMAGENS

INGRID BERGMAN

Há 100 anos, nasceu uma nova religião, atraindo multidões para comungarem em seus templos imersos na semi-escuridão. A única luz que varava o espaço esparramava o mundo numa tela. Gente como a gente pôde sentir o gostinho de virar bandido, mocinho e enfrentar milhares de obstáculos até alcançar o *The End*, fosse ele bom ou ruim. Aos trancos e barrancos, *a maior diversão* deixou de ser uma mera moda passageira. O cinema, apesar de centenário, ainda é uma cartola sem fundo de onde vários magos continuam sacando surpresas encantadoras, aterrorizantes e hilárias. 1995 é apenas uma pausa para retomar o fôlego. Não demora muito e recomeça a contagem regressiva para uma nova celebração coletiva – daqui a 100 anos

Por MOISÉS LIPORAGE

Foto Sygma

BRIGITTE BARDOT

Foto MANCHETE IMAGENS

PAUL NEWMAN

Foto Paramount Pictures — Divulgação

ROBERT DE NIRO

Foto Gamma

GRETA GARBO

Foto MANCHETE IMAGENS

MACK SWAIN e CHARLIE CHAPLIN

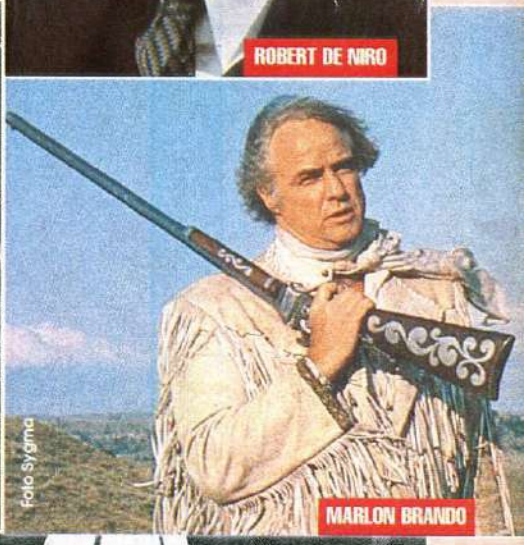


Foto Sygma

MARLON BRANDO

Foto Sygma

BOB HOPKINS e ROGER RABBIT

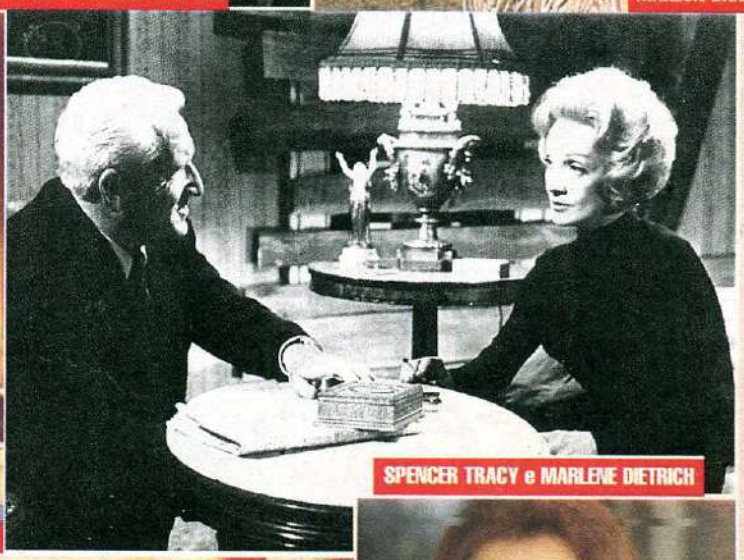


Foto MANCHETE IMAGENS

SPENCER TRACY e MARLENE DIETRICH

Foto MANCHETE IMAGENS

CLARK GABLE e MARILYN MONROE

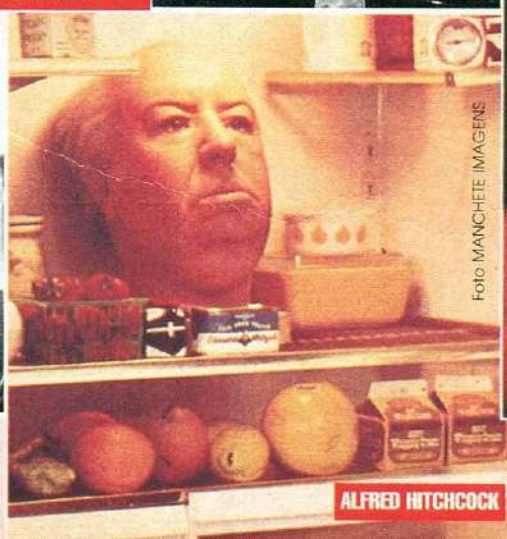


Foto MANCHETE IMAGENS

ALFRED HITCHCOCK

Foto MANCHETE IMAGENS

SOPHIA LOREN

100 ANOS DE CINEMA

As primeiras imagens da história do cinema foram obtidas pelos irmãos alemães Max e Emil Skladanowsk dois meses antes dos Lumière – eram seqüências de um malabarista e de um canguru boxeador, exibidas em novembro de 1895, no teatro de variedades Wintergarten. Mas não é essa data nem esse evento que entraram definitivamente para a história. Consta para a posteridade que, em 28 de dezembro de 1895, os irmãos Lumière, químicos, industriais e inventores, apresentaram aos parisienses sua mais nova descoberta: o cinema. Para os franceses, eles merecem os créditos. Para os americanos, a invenção cabe a Edison, que, antes dos Lumière, produzira pequenos espetáculos para o seu *kinetoscope*.

Embora tenha sido possível projetar os filmes primitivos de Edison em tela normal de cinema, foram os Lumière os primeiros a apresentarem um espetáculo como o cinema tem sido desde 1895. A um franco o ingresso, o Cinematographe Lumière exibiu naquele ano *A Saída das Fábricas Lumière*. A primeira platéia era de 35 pessoas e a lotação foi esgotada.

A princípio, seus filmes eram documentários sobre a vida da época, assim como apresentações de circo, teatro de variedades, peças teatrais etc. De curiosidade científica, o cinema passou a ser visto como um grande negócio e, na segunda década do século XX, ganhou o *status* de arte.

A lanterna mágica, capaz de projetar imagens fixas, já era conhecida no Egito dos faraós e em todas as épocas a questão da projeção de imagens esquentou a cabeça de gente de gabarito comprovado como Roger Bacon, Leonardo da Vinci etc.

Oficialmente, a história dos precursores do cinema começa no século XVII, com o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601–1680), construtor da primeira lanterna mágica dos tempos modernos, a partir da câmara escura do napolitano Giovanni Battista della Porta (1538–1615), que havia sido acusado de feitiçaria justamente por sua descoberta. O matemático dinamarquês Wangenstein, em 1660, exibiu em Roma uma lanterna mágica que empregava luz artificial em vez da solar.

A invenção da fotografia preparou o caminho para que o cinema viesse a surgir da combinação da lanterna mágica com as imagens fixadas em filme. O verdadeiro espetáculo cinematográfico nasceu com Georges Meliès. Ele fabricou um aparelho análogo ao dos Lumière e, em 1896, transferiu sua experiência de ilusionista para a tela. À custa de truques e de uma imaginação que enteixava no mesmo homem um mágico e um poeta, afastou o cinema do terreno da mera realidade fotografada.

O filme mais célebre de Meliès foi *Viagem à Lua* (1902). Ele já apresentava alguns achados técnicos: um platô coordenava a subida e a descida do palco, sugerindo a inclinação da Lua. Também vemos efeitos de desaparecimento obtidos com a alternância da câmera ligada e desligada. Cenas fotografadas sobre fundo escuro, em dupla exposição para a seqüência do sonho com supostos habitantes da Lua. Mas ainda não havia movimento de câmera, montagens, muito menos conflitos psicológicos.

Foto SUNSET BOULEVARD — Sygma

As principais linhas de evolução do cinema ganham novo relevo em 1913, com o aparecimento de *Cabiria*, a monumental obra de Giovanni Pastrone (sob o pseudônimo de Piero Fosco) com a colaboração de Gabrielle D'Annunzio – este filme consagrou o gênero espetacular-histórico e influenciou Griffith.

OS ASTROS E ESTRELAS

EM um rápido vôo pela constelação cinematográfica, podemos pinçar alguns dos nomes que mais cintilaram e outros que ainda continuam brilhando no firmamento do nosso imaginário.

Cary Grant revelou-se um especialista em comédias sofisticadas. **Errol Flynn** ainda é o melhor Robin Hood do cinema e **Fred Astaire** o melhor dançarino. **Gary Cooper** personificou o homem americano (hoje, quem ocupa seu posto é **Kevin Costner**). **Clark Gable** foi o rei de Hollywood e **Humphrey Bogart** celebrizou-se como o anti-herói moderno, cínico e desiludido.

James Dean entrou para a história como o maior mito masculino do cinema, talvez devido a sua morte no auge da fama. **Marlon Brando**, tido como o pai de todos os atores do cinema, foi um dos precursores do estilo naturalista de interpretação – via Actors Studio. **John Wayne** é até hoje o herói machão por excelência. **Laurence Olivier** foi o maior ator shakespeariano das telas. **Paul Newman**, um dos grandes astros de Hollywood, é símbolo sexual desde os anos 50, quando começou a seguir as pegadas de James Dean e Marlon Brando. **Spencer Tracy** é considerado por muitos como o ator dos atores e o maior de todos os tempos no cinema.

Foto L. DE RAEMY – Sygma

NASTASSJA KINSKI

Foto EVA SERENY — Sygma

MERYL STREEP

Já **Robert De Niro** simboliza a complexidade do homem americano moderno, introspectivo, rico em nuances. Ao lado de **Al Pacino**, **Dustin Hoffman** e **Jack Nicholson**, é tido como um dos poucos mitos pós-Brando. **Harrison Ford** foi Han Solo, Indiana Jones e o caçador de andróides (em *Blade Runner*, de Ridley Scott, de 1982); precisa mais? É a encarnação da aventura e da virilidade perdida dos tempos de Errol Flynn e, mais recentemente, **Steve McQueen**. **Richard Gere** não é um grande ator, mas é um dos símbolos sexuais dos anos 80. **Mel Gibson** – a *máquina mortífera* – foi eleito certa vez o *homem mais sexy do mundo* pela imprensa americana. **Tom Cruise** conseguiu ser o astro que foi mais longe do grupo de atores adolescentes lançados em filmes como *Vidas Sem Rumo* (1983), de Francis Ford Coppola.

Entre as estrelas e musas, **Audrey Hepburn** sintetiza o charme e a elegância dos anos 50 e 60. Sem nenhum parentesco com Audrey, **Katharine Hepburn** não chegou ao patamar de mito como Garbo e nem futucou a libido dos homens como Marilyn, mas arrebatou o posto de melhor atriz americana na opinião da Academia de Hollywood

Foto L' Illustration – Sygma

No canto esquerdo, Elizabeth Taylor nos anos 50 e, abaixo, Jack Nicholson – dois dos maiores nomes do cinema, invenção dos irmãos Lumière (ao lado) que tem em *Intolerância* (à direita) um dos maiores clássicos.

Foto MAUREEN LAMBRAY – Sygma

Foto MANCHETE IMAGENS

Durante a Primeira Guerra Mundial, o cinema expandiu-se de forma extraordinária nos EUA, com Mack Sennett, fundador da comédia americana, Chaplin e Cecil B. DeMille. Sobretudo com Griffith, que organizou as bases da linguagem cinematográfica universal em *O Nascimento de Uma Nação* (1914–1915) e *Intolerance* (1916). Foi o primeiro a recorrer dramaticamente ao *close*, aos movimentos de câmera e à montagem paralela. Chaplin (*Em Busca do Ouro*, de 1925, e *O Circo*, de 1928) celebrizou-se com o personagem Carlitos, o vagabundo com bengala, chapéu-coco, calças largas e sapatos de palhaço.

Com o fim da guerra, Abel Gance tornou-se um dos diretores mais promissores da França – introduziu a grande novidade do Polyvision, precursor do Cinemarama, com tela tríplice para mostrar seu *Napoleon* (1927) e foi o primeiro a usar som estereofônico, pelo sistema Perspective.

Na URSS, Serguei Eisenstein (*Encouraçado Potemkin*, de 1925) e Vsevolod Pudovkin (*Mãe*, de 1926) contribuíram tanto no terreno prático quanto no teórico, com uma estética da montagem muito bem articulada (seleção e coordenação das cenas filmadas). Eisenstein utilizou sua teoria da montagem na famosa seqüência das escadarias de Odessa, imitada/citada a torto e a direito até hoje – vide Brian De Palma em *Os Intocáveis* (1987).

Os primeiros filmes de horror amadurecidos vieram do cinema alemão, no período pré-guerra que, revivendo o espírito soturno das histórias de E.T.A. Hoffmann, com linhas sobrenaturais e questões demoníacas, abriram caminho para a essência do movimento expressionista. O pontapé inicial veio em 1919, com *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene e, continuando com a metáfora, Fritz Lang, com *Metrópolis* (1926), também bateu um bolão. O expressionismo foi uma erupção num país varado por contradições socioeconômico-políticas intensificadas no período entre as guerras. Mais do que espelhar a crise através de temas mórbidos como a loucura e a morte, utilizando distorções, cenários tortuosos, ênfase no claro e escuro em uma utilização primorosa da contraposição luz e sombra, o

DE TODOS OS TEMPOS

(quatro Oscars e oito indicações). Manteve um relacionamento amoroso e profissional duradouro com Spencer Tracy – apesar de ele ser casado – até a morte do ator. **Jean Harlow**, loura platinada, notabilizou-se como a primeira *vamp* a virar heroína no cinema nos anos 30. Personificou mulheres fortes e influenciou tremendamente Marilyn Monroe. **Mae West** foi considerada uma sátira sexual do cinema, *vulgar com muita classe*.

Marilyn Monroe é o mito mais popular das telas. Apesar de todo cunho erótico de sua *persona* cinematográfica, ela não tinha a imagem de mulher fatal de uma **Marlene Dietrich** ou de deboche como Mae West. Também transmitia algo infantil e desprotegido. **Ava Gardner** chegou a ser chamada de "o animal mais bonito do mundo" pelo poeta Jean Cocteau. **Brigitte Bardot** apareceu em cenas de nudez ousadíssimas para a época em *E Deus Criou a Mulher* (1956). **Catherine Deneuve**, *loura gelada* em *A Bela da Tarde*, *Repulsa ao Sexo* e *Fome de Viver*, já foi comparada a Greta Garbo. Outra *loura gelada* foi **Grace Kelly**, a atriz favorita de Alfred Hitchcock, com quem trabalhou em três filmes. "É gelo que queima nas mãos", diria o mestre do suspense. **Ingrid Bergman** foi, segundo uma frase publicitária, "o maior produto de exportação da Suécia desde Greta Garbo".

Elizabeth Taylor é a última da grande safra da fábrica de sonhos de Hollywood. Também notabilizou-se por sua grande coleção de maridos – casou duas vezes com o ator Richard Burton. Apareceu nua em *Cleópatra* (1963), um fracasso grandiloqüente. **Rita Hayworth**, a Deusa do Amor dos anos 40, viveu mulheres vulneráveis e glamourosas. "A maioria dos homens se apaixona por Gilda mas acordam comigo", confessou. A italiana **Sophia Loren** – "Tudo o que você vê, eu devo ao macarrão" – é dona de uma beleza exuberante. **Bette Davis**, a Rainha de Hollywood, disse certa vez que nenhuma maquilagem do mundo conseguiria transformá-la numa Jean Harlow. Como aconteceu com **Gloria Swanson**, a *persona* de Bette Davis sempre determinou a escolha de seus papéis. **Greta Garbo** alimentou a eternidade de sua imagem com a reclusão voluntária em 1941. Sua rival foi Marlene Dietrich, que chegou a declarar: "As pernas não são tão bonitas, apenas sei o que fazer com elas."

Meryl Streep é uma das mais respeitadas atrizes do cinema contemporâneo. Seu domínio da técnica e da emoção só tem equivalência em **Glenn Close** (seguidora da tradição Bette Davis na composição de megeras), com quem contracenou em *A Casa dos Espíritos* (1994). Correndo por outra vereda, **Kathleen Turner** notabilizou-se pelo temperamento forte, obstinação, ousadia. A francesa **Isabelle Adjani** passeia sua sensualidade explosiva entre a inocência e a vulgaridade. **Kim Basinger**, mais símbolo sexual do que atriz, junto a **Ursula Andress**, foi a única *bond girl* a se tornar famosa. **Nastassja Kinski** tem beleza e sensualidade a toda prova. **Michelle Pfeiffer** cantando e deslizando num vestido colante em *Susie e os Baker Boys* (1989), de Steve Kloves ou lambendo o Batman como a Mulher-Gato, é, depois da **Sharon Stone** de *Instinto Selvagem*, a encarnação mais felina dos últimos fotogramas. **Demi Moore** progrediu de assediada por uma proposta indecente a sexualmente agressiva e predadora de homens. Ela, como Tom Cruise, foi a única que chegou mais longe daquela galera *teen*, surgida em filmes como *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* (1985). **(M. L.)**

expressionismo previu o nazismo.

No dia 6 de outubro de 1927, o cinema falou pela primeira vez publicamente – foi a estréia de *O Cantor de Jazz* (mais cantado do que propriamente falado numa seqüência com Al Jolson). Em 1928, quase a totalidade da produção de Hollywood já era falada. Em 1930, todos os grandes centros estavam aparelhados para isso.

A descoberta do som, exatamente quando a imagem silenciosa alcançara o máximo de expressividade, constituía um retrocesso artístico, segundo os maiores críticos e cineastas, entre os quais René Clair e Charles Chaplin. O último, inimigo da voz, fez dois filmes praticamente mudos em pleno regime dos *talkies*: *Luzes da Cidade* (1931) e *Tempos Modernos* (1936).

Nessa fase de mudanças radicais, ainda apareceram obras de pureza visual como: *Aleluia* (1929), de King Vidor; *O Anjo Azul* (1930), de Josef von Sternberg; *Sob os Telhados de Paris* (1930), de René Clair; *Sem Novidade no Front* (1931), de Lewis Milestone; *M, o Vampiro de Dusseldorf* (1932), de Fritz Lang.

O som trouxe novos gêneros, como o filme musical, logo um dos mais populares: *Broadway Melody*, a série de Fred Astaire–Ginger Rogers. Filmes de gângsteres: *Scarface* (1932), de Howard Hawks e *O Fugitivo* (1932), de Mervin Leroy. As comédias de Ernst Lubitsch: *Sócios no Amor* (1933), *Ninotchka* (1939); de Howard Hawks: *Suprema Conquista* (1934), *Levada da Breca* (1938); de Frank Capra: *Aconteceu Naquela Noite* (1934). A Academia de Hollywood, fundada em 1927, começou a distribuir os prêmios do Oscar, o mais antigo, cobiçado e popular do mundo.

A cor preocupou os cineastas desde o começo. Alguns pioneiros produziram filmes coloridos à mão; muitos procuraram dar maior expressividade a certas cenas por intermédio da *viragem* – processo químico que permite imagens monocromáticas (cenas noturnas em azul, diurnas em amarelo, incêndios em vermelho). Só na metade da década de 30 é que se tornou possível a produção de filmes coloridos em base industrial, principalmente no cinema americano, disseminando-se diversos sistemas: Technicolor, Eastmancolor etc. Os grandes cineastas americanos do período que vai do advento do som à Segunda Guerra Mundial são, além dos já citados: John Ford (*O Delator*, de 1935, *No Tempo das Diligências*, de 1939, e *Vinhas da Ira*, de 1949); Josef von Sternberg (*Marrocos*, de 1930, *A Vênus Loura*, de 1932) e William Wyler (*O Morro dos Ventos Uivantes*, de 1939).

OUTROS cineastas que brilharam nos EUA: John Houston, Billy Wilder, Elia Kazan (que foi o descobridor de Marlon Brando, James Dean e criador do Actors Studio), com *Uma Rua Chamada Pecado* (1951), *Sindicato dos Ladrões* (1954) e *Vidas Amargas* (1955). De George Stevens, destaca-se *Gunga Din* (1939). De Joseph L. Mankiewicz, *A Malvada* (1950) e *Júlio César* (1953).

Foto FIROOZ ZAHEDI – Warner Bros.

Foi um grande período industrial e artístico para Hollywood, facilitado pelo declínio do cinema alemão após a ascensão de Hitler e pelas hesitações e deficiências na divulgação do cinema russo. A Alemanha, além de desfalcada de seus maiores valores (alguns haviam morrido e outros fugiram: Pabst para a França, Fritz Lang para Hollywood), enveredava por um cinema político-panfletário. Na URSS, Eisenstein só pôde realizar um filme até a guerra, *Cavaleiros de Ferro* (1938) e Pudovkin decaiu. Na Itália, houve a construção dos estúdios de Cinecittá e do Centro Sperimentale, preparando o terreno para a explosão do pós-guerra. A Inglaterra brilha apenas com Alexander Korda ou com diretores como Anthony Asquith e Alfred Hitchcock, este partindo para Hollywood em 1940. Em Viena, Max Ophuls faz *Liebelei* (1932). O tchecoslovaco Gustav Machaty apresenta *Êxtase* (1933), sua obra-prima.

É da França o segundo melhor cinema do período: Jean Vigo (*L'Atalante*, de 1934), Jacques Feyder e seu *La Kermesse Héroique* (1935), Jean Renoir e Julien Duvivier, todos superados no *realismo poético* francês por Marcel Carné (*Cais de Sombras*, de 1938, e *Trágico Amanhecer*, de 1939).

A Segunda Guerra Mundial não impediu a realização de alguns dos filmes mais expressivos do cinema norte-americano: *Cidadão Kane* (1941), *Soberba* (1942), ambos de Orson Welles, um dos grandes prodígios do cinema. Diretor, roteirista e ator, obteve a consagração já em seu filme de estréia, o citado *Cidadão Kane*. Ainda nos EUA: *Como Era Verde o Meu Vale* (1941), de John Ford, e *Suspeita* (1941), de Hitchcock, o mestre do suspense, um dos mais bem-sucedidos cineastas da história.

Vários europeus emigrados ou foragidos prosseguiram filmando na América: Lang, Renoir e Duvivier. E homens como Ford, Capra e Houston seguiram para o *front*, a fim

Foto MANCHETE IMAGENS

Foto Paramount Pictures — Divulgação

Ao lado, Glenn Ford com Rita Hayworth em *Gilda* e, acima, Al Pacino em *O Poderoso Chefão III*; no alto, Jodie Foster e Richard Gere em *Sommersby*.

de realizar documentários de guerra. Na França ocupada, Carné pôde realizar duas fitas importantes: *Os Visitantes da Noite* (1942) e *Boulevard do Crime* (1945). Henri-Georges Clousot fez *A Sombra do Pavor* (1943), interditado pelas autoridades de Vichy. Formaram-se, entre outros diretores, Jacques Becker e René Clement. Na Itália, Alessandro Blasetti fez *O Coração Manda* (1942) e no mesmo ano Luchino Visconti estreou com *Ossessione*. Na Rússia, Eisenstein realiza a primeira parte da trilogia *Ivan, o Terrível* (1944), mas morreu antes de terminar a última.

Terminada a guerra, logo em 1945 surge o movimento *neo-realista* com o filme *Roma, Cidade Aberta*, de Roberto Rossellini, uma dramática evocação da Resistência Italiana sob a ocupação nazista. Um ano depois, o mesmo Rossellini dirigiu *Paisà*, seis quadros da guerra, também fortemente expressivos da realidade italiana. Outros filmes clássicos do neo-realismo foram *Sciuscià* (1946), de Vittorio De Sica e Cesare Zavattini; *Il Bandito* (1946) de Alberto Lattuada; *Ladrões de Bicicleta* (1948), de De Sica, e *La Terra Trema* (1948), de Visconti. Os filmes neo-realistas eram geralmente feitos com pouco dinheiro, deficiência suprida pela representação da realidade e pela identificação com os sentimentos do povo. Era comum que os diretores abrissem mão da utilização de estúdios e atores profissionais. Com o neo-realismo, o cinema italiano se expandiu e conseguiu prestígio. O movimento declinou por volta de 1952, sendo substituído pela fantasia e simbolismo, como nos filmes de Fellini.

Foto Orion Pictures — Divulgação

Kevin Costner (acima) é o sucessor de Gary Cooper, o astro que melhor personificou o homem americano, mas não tem o *sex appeal* de Mel Gibson, Richard Gere ou Tom Cruise.

No Japão, fizeram escola Akira Kurosawa (*Rashomon*, de 1950, e *Os Sete Samurais*, de 1954) e Kenji Mizoguchi (*Contos da Lua Vaga Após a Chuva*, de 1954). Na Suécia, Ingmar Bergman firmou-se como um dos maiores nomes do cinema, *descoberto* entre 1955 e 1957. No fim do período 50–60, na Polônia, Andrzej Wajda exercitou-se em *Kanal* (1952) e *Cinzas e Diamantes* (1958). Do pós-guerra em diante, Hollywood e França só tiveram a Itália como rival no mercado e no plano artístico.

Na França, a *Nouvelle Vague*, ou Nova Onda, levou para trás das câmeras nomes de respeito que até então só haviam se dedicado à crítica. Segundo a cartilha da *nouvelle*, o cinema deveria ser algo tão flexível e pessoal como o ato de escrever. Em 1959, a po-

EROTISMO

A seguir, uma lista dos filmes e cenas mais excitantes desse primeiro século de cinema.

• Luis Buñuel, em *O Cão Andaluz* (1928), Jean Vigo, em *A Propos de Nice* (1930), são dois gênios do cinema pioneiros na exibição de seios femininos.

• Erich Von Stroheim era chamado de *menestrel sexomaníaco*, já lá pelos idos dos anos 20. Em *A Marcha Nupcial* (1928), chegou a contratar uma prostituta especializada em sadismo para uma seqüência do filme.

• Louise Brooks e Anna Geschwitz protagonizaram a primeira cena de *lesbian chic* do cinema em *A Caixa de Pandora* (1928), de G. W. Pabst.

• Em *Êxtase* (1933), temos Hedy Lamarr aos 16 anos tomando banho nua em um lago. O título original do filme seria singelo: *Sinfonia do Amor*. Reza a lenda que o nome foi substituído porque o público parisiense, durante a exibição, gritava: "Êxtase! Êxtase!"

• Louis Malle causou tremenda sensação ao encenar uma insinuação de *cunnilingus* em *Os Amantes* (1958), acolhida com sofreguidão por Jeanne Moreau.

• *O Último Tango Em Paris* (1972), de Bernardo Bertolucci, transformou-se em um clássico. Marlon Brando e Maria Schneider se engalfinham em todos os cômodos de um apartamento vazio. O clímax é a cena de sodomia na manteiga, com Marlon Brando besuntando a retaguarda de Maria Schneider.

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS

CORPO EM EVIDÊNCIA

Fotos Divulgação

• *A História de O* (1976), de Just Jaeckin, é um clássico do sadomasoquismo. É erotismo *chic*, mas assistimos a um compêndio de torturas e taras de fazer corar o célebre Marquês de Sade.

• O primeiro filme de arte a ter cenas de sexo explícito foi *O Império dos Sentidos* (1976), de Nagisa Oshima. O diretor respondeu a um processo no Japão, acusado de *obscenidade*.

• A fronteira entre o filme de arte e o pornô se desfez com *Calígula* (1980), de Tinto Brass. Intermináveis orgias culminam na bacanal onde as mulheres dos poderosos são obrigadas a cederem aos caprichos sexuais da ralé. Só figurantes participam das cenas de sexo explícito.

• *O Destino Bate à Sua Porta* (1981), de Bob Rafelson, tem Jack Nicholson jogando Jessica Lange sobre uma mesa, pulando em cima dela e os dois rolando na farinha. Antológico.

• *O Diabo no Corpo* (1986), de Marco Bellocchio, causou muita polêmica. Mas a felação que Maruschka Detmers aplica no rapaz é fotografada com uma iluminação de bom gosto – apenas ousadia do diretor e dos intérpretes.

• Em *9 e 1/2 Semanas de Amor* (1986), de Adrian Lyne, um elegante desconhecido consegue tudo o que quer e o que não quer de uma louraça bem-sucedida. Mas a verdade é que, apesar de toda aquela química, nos bastidores Mickey Rourke e Kim Basinger se odiavam.

• Diz-se que a ninfeta Jane March apressou-se a perder a virgindade com seu namorado para estar apta às cenas de sexo com o colega de trabalho Tony Leung, em *O Amante* (1993), de Jean-Jacques Annaud. Tudo pela arte!

• A loura cavalgando o amante, de repente saca um furador de gelo e o golpeia repetidas vezes; a cruzada e descruzada de pernas de Sharon Stone; a curra de Michael Douglas sobre a namorada Jeanne Tripplehorn... Estes são apenas alguns momentos memoráveis de *Instinto Selvagem* (1992), de Paul Verhoeven. Houve boato de que Douglas e Stone tivessem confundido realidade e ficção. "Fomos até onde um homem e uma mulher podem ir", declarou Stone.

• Seis cenas de *Corpo em Evidência*, com Madonna e Willem Dafoe, tiveram que ser cortadas para que o filme de Uli Edel fosse liberado para maiores de 16 anos. O banho de cera fervendo da loura em Dafoe é desaconselhável aos mais sensíveis. **(M. L.)**

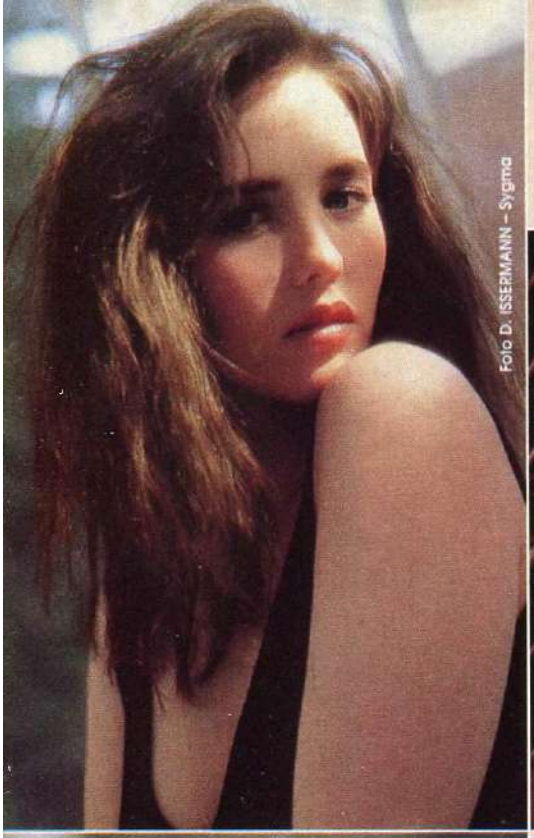


Foto D. ISSERMANN – Sygma

Abaixo, *O Exterminador do Futuro II*, que combina atores reais e animação de objetos; ao lado, a linda Isabelle Adjani e, logo abaixo, o galã Mel Gibson.

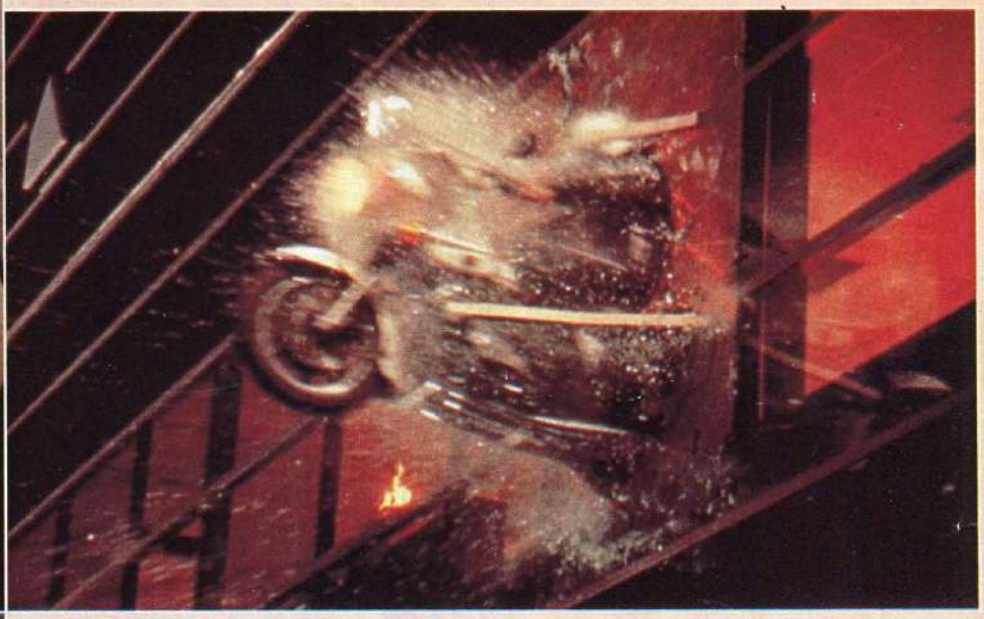


Foto Sygma

Foto DAVID JAMES – Sygma

Graças à Industrial, Light & Magic, tivemos aqueles vôos rasantes dos caças rebeldes sobre a Estrela da Morte, em *Guerra nas Estrelas* (1977), de George Lucas. Mas a primeira seqüência de computação gráfica realizada pela IM&L foi a da transformação da superfície de um planeta em *Jornada nas Estrelas II – A Ira de Khan* (1982), de Nicholas Meyer.

O Último Guerreiro das Estrelas (1984), de Nick Castle, exibiu cenas de batalha espacial inteiramente geradas por computador. Já o divertido *Uma Cilada Para Roger Rabbit* (1988), de Robert Zemeckis, promoveu uma interação entre desenhos e pessoas reais sem precedentes.

O Segredo do Abismo (1989) e *O Exterminador do Futuro II* (1991), ambos de James Cameron, combinaram animação de objetos tridimensionais (com direito a metamorfoses de imagem) e atores reais de uma forma até então inimaginável. *Tron* (1982), de Steven Lisberger, já dava uma boa idéia do que seria um universo digital por excelência, mas *O Passageiro do Futuro* (1992), de Brett Leonard, explorou mais fundo o mundo da realidade virtual, prenunciando uma nova era: a do filme inteiramente produzido por computador. Aqui foram 20 minutos de cenas realizadas em computação gráfica e, dando um passo além dos desenhos de Walt Disney, os responsáveis pelos efeitos desse filme recriaram movimentos humanos com atores sintéticos. Steven Spielberg (diretor de *E.T., o Extraterrestre*, de 1982), com seu *Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros*, de 1993, no qual dinossauros espantosamente *reais* são criados por computação, também antecipou o futuro.

GÃO DA REALIDADE

Duarte ganhar a Palma de Ouro de Melhor Filme com *O Pagador de Promessas*. Fernanda Torres também foi premiada em Cannes, como Melhor Atriz de 1986 pelo filme *Eu Sei Que Vou Te Amar*, de Arnaldo Jabor.

Não se pode esquecer o movimento do Cinema Novo, surgido em meados dos anos 50 e influenciado pela *Nouvelle Vague*. Seus expoentes projetaram sobre a tela as *estéticas da fome* e *do lixo*, respectivamente, recortadas sobre um painel cultural no qual surgiam outras *atitudes* e linguagens radicais: o Tropicalismo, o Teatro do Oprimido, o teatro da agressão deflagrado pelo grupo Oficina etc. Pode-se apontar como marco inicial desse movimento o filme *Rio, 40 Graus*, rodado em 55 por Nélson Pereira dos Santos. Os membros do grupo *cinemanovista* eram entusiastas da *nouvelle vague* francesa. O grande nome do movimento, além de Nélson, foi Gláuber Rocha, diretor de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963), *Terra em Transe* (1966) e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1968).

Foto ALEXANDRE FONSECA – Divulgação

CARLOS VEREZA (CENTRO) EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*

Alguns dos melhores filmes dos anos 80 foram: *Pixote, a Lei do Mais Fraco* (1981), de Hector Babenco; *Bye Bye Brasil* (1981), de Carlos Diegues, e *Memórias do Cárcere* (1983), de Nélson Pereira dos Santos. Recentemente, nosso cinema ressurgiu das cinzas, após o *incêndio* provocado pelo governo Collor. Os destaques são: *Lamarca* (1994), de Sérgio Rezende; *Carlota Joaquina – Princesa do Brazil* (1994), de Carla Camurati, e *Veja Esta Canção* (1994), de Carlos Diegues.

CONSUMO

◀A coleção de CD-ROM ganha segurança especial quando é guardada neste simpático estojo. Oferecendo proteção térmica e estática, o equipamento conserva a vida dos CDs e, conseqüentemente, a do computador. Ele pode ser encontrado na NewCo Office.

Bonito e leve, o radiogravador CFD 970 da Sony é uma boa pedida para quem não gosta de se separar da música em viagens ou passeios. Importado, o equipamento está à venda nas lojas World Dreams, em cores descontraídas. ▼

◀Na hora de apertar o cinto, também não pode faltar elegância e bom gosto. Em cores discretas, esses modelos em couro são da Fasolo e podem ser achados nas melhores lojas de roupas e acessórios masculinos do país. Nas fivelas dos cintos, o dourado predomina e dá o tom.

Óculos escuros em vários tons e armações sofisticadas, como esses aí do lado, são o forte da Optique Latin. Ideais para enfrentar a claridade com estilo e personalidade. ▼

▲Um acessório bem escolhido reforça o visual de qualquer pessoa. As sandálias, sapatos e carteiras em couro da Swains são provas concretas disso. É só escolher e usar, de dia ou de noite, em qualquer lugar.

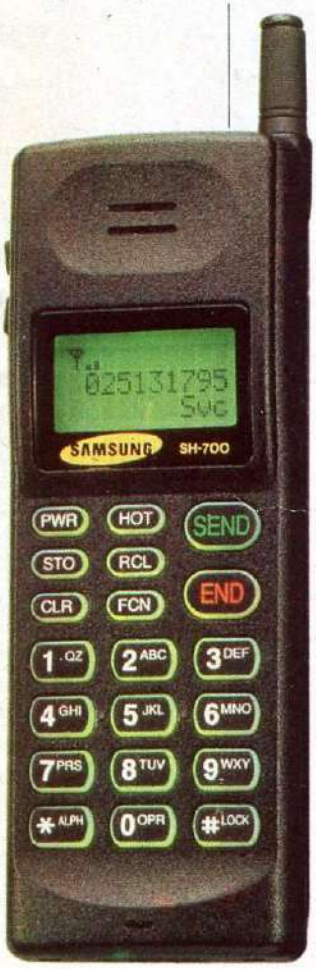
Por RENATO GUIMA
Fotos WAGNER ALMEIDA, EDMILSON SALDANHA e Divulgação; Produção RITA FURTADO

ENDEREÇOS: NewCo Office (Barra Free Shopping, Av. das Américas, 4.666, loja B 213, tel.: 533-3221, Rio de Janeiro); World Dreams (Rio Sul, segundo piso, tel.: 280-3996, Rio de Janeiro); Swains (São Conrado Fashion Mall, loja 215-B, tel.: 322-0757, Rio d

▲Café expresso ou *cappuccino*? Isso não é problema para quem dispõe dessa cafeteira importada, com capacidade para oito xícaras. Na World Dreams.

▲Agora, na hora de fazer as malas para uma viagem internacional, você pode levar os cartões telefônicos pré-pagos da Sprint. Com eles é possível fazer ligações para o Brasil a partir de 26 países a custos menores. A Ronam Internacional está credenciando 500 agências de viagem para a distribuição dos cartões.

▲Na Páscoa ou depois dela, chocolate sempre cai bem na hora de agradar a musa. Em formato de coelho, coração, meia-lua, entre outros, a Ciocolatini oferece bombons caseiros recheados com trufas, em simpáticas embalagens de papel corrugado.



Esse é um fax portátil e ▲ sem fio que permite o envio de mensagens através de qualquer telefone, em casa ou na rua. Distribuído no Brasil pela RPS Informática, o HandiFax 1000 tem, ainda, funções de agenda eletrônica e máquina de calcular.

◀A Brasif Electronics traz para o mercado o celular SH-700, da coreana Samsung. Com 16,5cm de altura, o telefone é leve e prático, possuindo um *bip* que indica a duração da chamada a cada minuto. Já a tecla HOT aciona um número para emergências ou um que seja muito utilizado pelo dono do celular.

Quem pensa em acoplar os poderes de um fax ao computador dispõe dos *fax modem* da USRobotics, com capacidade máxima para 28.800 ou 14.400 *bytes* de informação. Também na NewCo Office.

Janeiro); Optique Latin (Rua Visconde de Pirajá, 365, lojas 5 e 6, tel.: 287-8697, Rio de Janeiro); Ronam Internacional (tel.: 011-67-5230); Ciocolatini (tel.: 021-228-2385); RPS Informática (tel.: 011-851-5151) e Brasif Electronics (DDG: 0800-21-0900).

Foto EDSON ARAUJO

CINCO MINUTOS COM

Djavan

Por BEHULA SPENCER e SIMONE MAGNO

Por conta do seu 11º disco *Novena*, Djavan chega aos palcos do Rio em maio, depois de uma turnê costa a costa pelos Estados Unidos. Aos 45 anos, curiosamente, uma das faixas do disco traz na música *Avô* a parceria com a filha Flávia Virgínia, 22 anos, um tema que enfrenta uma barreira existencial do cantor e compositor. "Avô? Eu? Imagina!", reage. Considerado um cantor original da MPB, mesmo pelo hermético público americano, ele se situa na faixa ame ou odeie. Na realidade, muito mais para o ame pelo seu público, pela família e pela multidão de amigos e admiradores, que vêem nesse alagoano uma figura doce e um talento ímpar. Nesta entrevista, o menino pobre, criado numa Maceió (AL) ainda rural, revela a dificuldade que foi lidar com o sucesso e suas conseqüências, sem perder o rumo, o prumo e a unidade familiar

NOS seus trabalhos você sempre foi movido por um sentimento, uma idéia específica. No atual, qual foi a motivação?

– Eu vinha trabalhando com banda grande há muito tempo e queria fazer um disco em que o instrumental fosse reduzido, com piano acústico, baixo, bateria. Essa foi a grande motivação. Fiz esse disco envolvido com a atmosfera rural porque eu estava no sítio todos os finais de semana, e ele me remeteu ao meu passado em Maceió. Na minha infância, Maceió era ainda rural. Por isso, ele se chama *Novena*, uma lembrança bastante clara do meu passado.

– Como alagoano, de que maneira você viu o governo Collor e a atuação dos políticos de Alagoas?

– Sinceramente, não foi uma coisa surpreendente, porque eu já conhecia o passado do Collor. Já sabia o que tinham sido suas administrações como prefeito, como governador, a história da sua família. E sabia que reinava a irresponsabilidade, a inexperiência. Enfim, sabia que o Brasil não podia se dar bem com uma pessoa daquela.

– Você votou no Lula nas últimas eleições?

– Votei, mas confesso que o Brasil nunca teve um presidente com tantas possibilidades como o Fernando Henrique, que é um homem inteligente, me parece digno e *tá* com a faca e o queijo na mão. Não quero dizer que vai ser fácil, porque o Brasil precisa realmente desmontar uma atitude política desgastada, viciada, corrupta. É difícil para qualquer presidente.

– Antes do sucesso, você vinha de uma família bem pobre. Um artista com esse perfil teria hoje as mesmas oportunidades?

– Acho que oportunidades acontecem para qualquer um, em qualquer época. Você precisa ter sorte, observar as oportunidades e canalizá-las de maneira positiva. Por outro lado, fazer uma carreira como eu fiz, nos tempos atuais, é bem mais difícil. Gravadoras, por exemplo, já não investem no talento como antes. O investimento, hoje, é em cima de um retorno imediato.

CINCO MINUTOS COM

DJAVAN

Agora, sempre é possível romper esse esquema, porque talento nunca vai deixar de existir.

– E em relação aos seus três filhos, que são músicos, você acha que eles terão dificuldades?

– A minha filha Flávia compõe, canta, toca piano. O Max toca guitarra e o João, bateria. Por serem meus filhos, há uma cobrança maior. Mas acho que eles estão aí *pra* lutar, e sabem dessa dificuldade. O que sempre foi dito a eles é que o importante é fazer o que se gosta, da melhor maneira possível. Hoje, grande parte das pessoas está infeliz, porque está na profissão errada.

– Como foi se casar aos 21 anos, ter filhos logo em seguida e permanecer casado até hoje?

– Sempre tive uma vida muito atribulada, correndo muito. Nasceu o primeiro filho e logo viemos *pro* Rio sem conhecer ninguém, lutando muito. Eu não pude absorver isso (*a paternidade*) de maneira mais detida, estava sempre trabalhando. Hoje, sei que o resultado foi maravilhoso, porque tenho um ótimo relacionamento com meus filhos.

– E como você manteve o casamento esses anos todos, viajando e sendo assediado por mulheres? Aliás, costumam dizer que você tem alta cotação entre as mulheres...

– Não sei, é?

– Sabe sim...

– Acho que o grande mérito é da minha mulher, porque ela criou os filhos, cuidou da casa, ajudou na minha vida, na minha carreira. Se não fosse a pessoa que é, talvez não estivéssemos casados há 23 anos. É muito tempo, não é?

– Principalmente pelo fato de vocês terem casado tão jovens. Às vezes, a relação não sobrevive à imaturidade, não é?

– Lógico. É por isso que digo que o grande mérito deve ser dela, porque ela segurou essa onda com inteligência esse tempo todo. Viajei muito, lutei muito, todo o êxito da minha vida eu devo a essa união bem-sucedida. É importante ter uma pessoa para dividir. Agora, é evidente que nosso casamento teve problemas, desgastes, dificuldades, como todos os casamentos longos. Mas o saldo é realmente positivo.

– Você chegou a se desestruturar quando começou o sucesso?

– Ah, tive várias fases difíceis na minha vida. O sucesso é uma coisa complicada. Por mais que você o espere e o aguarde, é sempre surpreendente, avassalador. E desestrutura mesmo. Tive dificuldade para me manter íntegro no casamento, com as pessoas com quem me relacionava, porque você se transforma completamente e, sobretudo, transforma a vida à sua volta, a família, os amigos. Eles sofrem uma transformação muito maior do que você mesmo.

– Isso foi em que período?

– Entre 81 e 83 ou 84. Foi difícil, porque você trabalha demais, de maneira desordenada, faz muita coisa que não deveria, você não tem o controle total da sua vida, da sua carreira, da sua família. Ter uma família sólida, como eu tenho, ajuda muito. Você precisa também de lucidez, calma, paciência. O sucesso traz mil experiências. Hoje, me considero independente e, a meu ver, isso é ser livre, fazer o que você quer, na hora que você quer e como você deseja.

"O sucesso é sempre avassalador; eu tive dificuldades de me manter íntegro no casamento"

– Isso tem a ver com o fato de você ficar dois anos sem gravar, entre um disco e outro?

– Não. Ficar dois anos sem gravar obedece a um jeito de ser. É o que preciso para fazer bem. Não posso fazer um disco quando a gravadora deseja que eu faça. Esse *timing* tem que ser dado por mim. Isso é uma conquista que vem com o tempo.

– Por outro lado, o Roberto Carlos faz um disco todo ano.

– Isso é uma loucura, mas é o tal negócio: tem pessoas que conseguem encontrar a felicidade dentro de um esquema como esse. Eu não consigo. Preciso viajar, já me habituei a viajar o Brasil inteiro, o mundo inteiro. Isso me dá felicidade.

– Você diz viajar fazendo *shows*?

– Lógico, fazendo *shows*. Graças a Deus tenho espaço para cantar no mundo inteiro, e não posso deixar de fazer isso, é uma coisa que me alegra. E, para que possa fazer sem sacrifício, é preciso que eu tenha tempo. Não posso fazer isso se tiver que gravar todo ano.

– As pessoas o consideram uma pessoa muito doce. Você se acha assim?

– Não sei se sou uma pessoa muito doce. Me acho um homem de sorte, tenho uma profissão linda e posso trabalhar e viver dela. E,

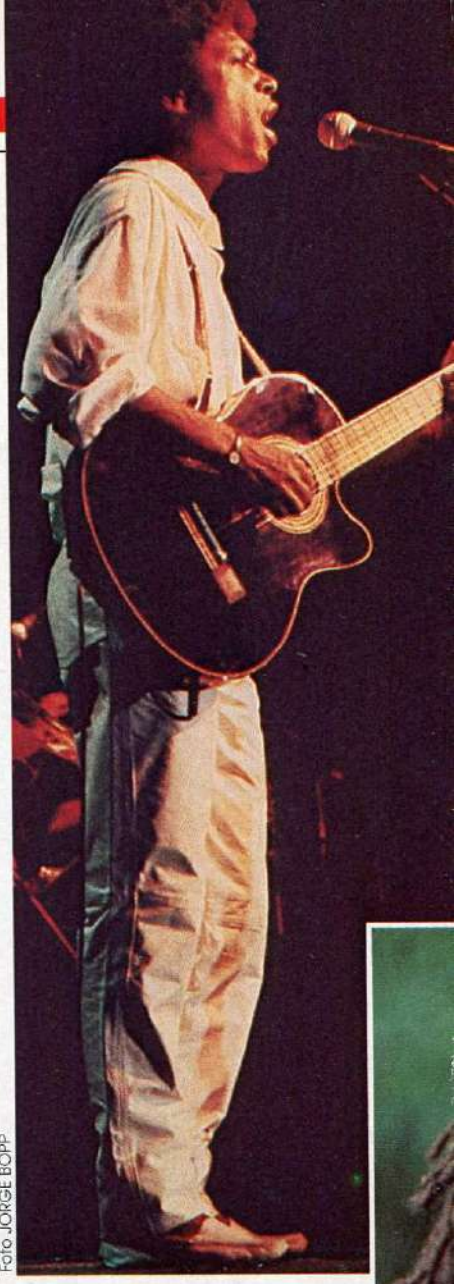


Foto JORGE BOPP

Djavan entrou para o primeiro time da MPB no início dos anos 80, reforçando o *escrete* de Chico Buarque e Caetano (acima, à direita, com ele na gravação de *A Luz do Mundo*, em 91), entre outros; aos 45 anos, ele se sente ainda jovem, "com tudo no lugar" e só grava discos de dois em dois anos: "Preciso viajar", justifica.

Foto SOLANO GOLDFARB

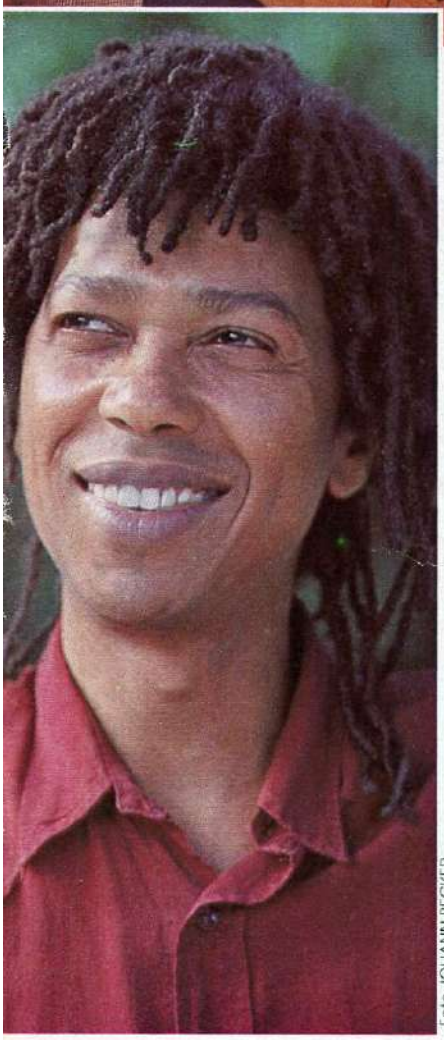


Foto JOHANN BECKER

pôxa, tive inteligência para conviver com naturalidade e simplicidade com tudo isso. A doçura talvez venha da minha formação, da coisa do nordestino, da minha mãe...

– Você sempre se refere à sua mãe como uma pessoa fantástica...

– É, minha mãe, dentro daquela pobreza em que a gente vivia, me ensinou coisas lindas da vida. E não tinha amargor. Fui um garoto muito feliz. Não tive pai – ele morreu quando eu tinha três anos – e minha mãe foi responsável por minha formação. A minha vida era boa. Esse é o segredo. É muito difícil você não ter nada e, de uma hora para outra, ter tudo. Imagina você viver numa miséria terrível – estou falando de uma maneira geral – e de repente ganhar na loteria. Você não faz idéia do número de pessoas que já passaram por isso e se deram mal.

– E o projeto de fazer um livro de poemas?

– Não sei se seria de poemas ou de histórias, um romance, um livro de crônicas, enfim, acho que eu deveria usar melhor o meu tempo.

– Mas você escreve habitualmente?

– Não habitualmente. De vez em quando, escrevo coisas que vou guardando, deixando *pra* lá e acho que usar melhor o meu tempo seria organizar um livro com esse material. Há momentos na vida em que questiono muito o fato de estar usando minha capacidade de maneira indevida e às vezes isso chega a me incomodar. Eu penso: "Pôxa, acho que estou gastando a minha vida mal." Acho que só compor, cantar, tocar, é muito pouco.

– E a sua carreira no exterior, como está?

– Faço uma turnê regularmente pela Europa e Estados Unidos e agora os compromissos estão aumentando, já que estou colocando a América Latina nesse circuito, coisa que não fazia. Aliás, no segundo semestre do ano passado fui, pela primeira vez, a Buenos Aires, Caracas e Montevidéu. Imagine, tenho esse tempo todo de carreira e as pessoas me perguntavam: "Por que, depois de 15 anos, só agora você aparece?" Isso foi uma falha minha. No meu caso, por exemplo, sempre priorizei a Europa, os Estados Unidos e o Japão. Aí, lancei um disco em espanhol, através da Espanha, para toda a América Latina. Exatamente para fazer um primeiro contato.

– E no Brasil, quando vai fazer o *show* do seu novo disco?

– Primeiro, faço uma série nos Estados Unidos. Estréio aqui a partir de maio. Não sei ainda se no Canecão ou no Metropolitan.

– Seus discos vendem bem nos Estados Unidos e na Europa?

– Vendem. Para um artista de língua estrangeira, vendem bem. O meu público, lá, se interessa por música brasileira, por ser uma música original. Por exemplo, é difícil, nos Estados Unidos, que tem um público mais fechado que o europeu e o japonês, você formar um público nitidamente americano. Agora, acontece que, por a música brasileira ser uma música sofisticada, que tem melodia e harmonia interessantes, começa a agradar cada vez mais ao americano.

– Com dois filhos adultos, já pensou na possibilidade de ser avô?

– Não penso muito nessa coisa do avô, é uma barreira que ainda preciso vencer. Ainda *tô* naquela coisa do pai, me considero muito novo para ser avô. Não que ser avô signifique ser velho, mas significa ter um tipo de maturidade, não sei se estou preparado. Eu tive que transpor algumas barreiras – primeiro, quando fiz 20 anos; a segunda vez foi quando tive meu primeiro filho e, a terceira, quando fiz 30 anos. A tal crise dos 40 eu não tive, mas acho que a próxima é ser avô.

– Não adianta, não é, a gente alia a figura do avô a uma pessoa mais velha, aposentada...

– Claro, claro, o Chico Buarque costuma dizer que avô não vende disco. Imagina! Sou um homem de 45 anos e não me sinto velho. Fico pensando: tenho o corpo de uma pessoa jovem, *tá* tudo no lugar, direitinho (risos), não posso me achar velho.

– Mas tem paranóia de envelhecer?

– Não, não tenho não. Mesmo porque sei que estou envelhecendo, mas muito bem. Tenho lucidez sobre as coisas, como se tivesse menos idade, a mesma saúde, o mesmo corpo. Posso te garantir que tenho o mesmo corpo (risos). E a mesma cabeça, com uma vantagem enorme: sei muito mais coisas do que eu sabia aos 30. O poder de discernimento que você tem aos 45 anos é providencial.

CLICHÊS SEX

BOBAGENS NA ERA DA DITADURA ESTÉTICA

UMAS não dão chance aos baixinhos, outras adoram brutamontes, outras acham que senhores casando com adolescentes é um escândalo e que homem feio não combina com mulher bonita... E por aí vai! Francamente, essa mania de restringir e censurar as opções na vida é uma grande bobagem. Demonstra falta de generosidade, experiência, senso de humor e até inteligência. Tem razão a linda escritora e feminista americana Naomi Wolf: vivemos uma estúpida ditadura estética

Por NEY REIS

Foto CIRÍPIDES RIBEIRO

Foto HÉLIO MOTTA

Alexia (ao lado) discrimina baixinhos como Mick Jagger (alto à direita) e Paul Newman (canto direito), enquanto Monique Evans (ao centro) tem uma queda por eles; para Naomi Wolf (acima) vivemos numa *ditadura da beleza*.

Foto R. GALELLA – Sygma

Foto PEDRO BOTELHO

Foto N. TULLY – Sygma

Foto Gorman/Gamma – Liaison

Johnny Depp (à esquerda) tem uma tatuagem no braço direito em homenagem a sua ex-mulher, a *mignon* Winona Ryder (à direita); casado com a modelo Kate Moss, Depp é outro pequeno galã que seria barrado no *dream team* de Alexia, a *minelli* das modelos...

Foto BLAKE LITTLE – Sygma

MUITAS PESSOAS SE PRENDEM A SEUS RÍGIDOS PADRÕES FÍSICOS E SÃO INFELIZES

"BAIXINHO, comigo, não tem vez. Eu só gosto de homem alto", disse, há algumas semanas, a modelo e dublê de atriz Alexia Deschamps, respondendo a uma *enquête* de jornal sobre a nova dupla de ídolos dos times cariocas Flamengo e Fluminense, o pequeno gênio Romário ou o impetuoso e boa-pinta Renato Gaúcho. Às vésperas de mais um Fla x Flu, Alexia votou em Renato por seu porte físico. Nada de extraordinário nos dias de hoje. Mas houve quem surpreendesse. "Eu prefiro Romário. Apesar de ser alta, tenho um fraco por baixinhos", devolveu a também modelo Monique Evans, escolhendo o craque da Gávea. Quem tem razão? Ou melhor, quem tem bom gosto?

Cá entre nós, algumas pessoas empobrecem muito suas vidas – inclusive sexuais – por causa de preconceitos bobos, disfarçados de preferências estéticas, perdendo excelentes oportunidades de prazer, felicidade, divertimento, enfim, deixando de viver bons momentos. Em tempos de *ditadura estética*, como bem definiu a feminista americana Naomi Wolf (uma morena alta, de belos olhos verdes e rosto irretocável), muitas pessoas se prendem a rígidos padrões físicos e, enredadas em seus próprios *sex clichês*, não sabem por que a felicidade não bate às suas portas.

SEX CLICHÊS

Claro que todo mundo pode ter suas fantasias e preferências, mas a vida nos reserva muitas surpresas e não deveríamos desprezá-las. Imagine se o septuagenário ator e mito sexual de várias gerações Paul Newman – que uma recente reportagem provou ter apenas 1,68m de altura – resolvesse abordar Alexia Deschamps (que sua esposa há 35 anos, Joanne Woodward, não nos leia). Será que ela recusaria?

Notório baixinho, o Príncipe Rainier, de Mônaco, foi e ainda é um dos homens mais invejados deste século por ter desposado, nos anos 50, a então atriz Grace Kelly, preferida do diretor Alfred Hitchcock (estrela de *Janela Indiscreta*, por exemplo) e um dos mais belos rostos do cinema de todos os tempos. O falecido xá do Irã, Reza Pahlevi, outro homem *verticalmente prejudicado* (para usar uma expressão em voga entre os politicamente corretos), também foi um marido sortudo de duas beldades, as imperatrizes Soraya (de quem se separou por ela não ter conseguido lhe dar um filho varão) e Farah Diba.

O roqueiro Mick Jagger, nosso conhecido (aliás, que saudades daquele *show* dos Rolling Stones no Maracanã!), apesar de só ter 1,75m de altura, o que é pouco para os padrões internacionais, conquistou corações como quem troca de roupa no camarim – da louraça Marianne Faithfull, sua primeira mulher, à louraça Jerry Hall, a atual *patroa*, passando pela nicaragüense Bianca Macias, a segundona, e pela modelo Carla Bruni, a *outra*. Dizem que mesmo alguns homens não resistiram ao seu charme e furor sexual: Eric Clapton e David Bowie, dois *superstars* da música, teriam sido seduzidos por *sua majestade satânica*.

Preferências como a da modelo Alexia nos fazem lembrar a gafe futebolística proferida pelo técnico Rubens Minelli, nos anos 70, no auge do tal futebol-força. O então técnico do Internacional (que tinha Falcão, Carpeggiani, Caçapava, Figueroa e companhia), cotadíssimo para assumir a Seleção Brasileira, afirmou que, em seu escrete, não jogaria ninguém com menos de 1,75m. O problema é que alguns dos maiores gênios dos gramados de todos os tempos nunca atingiram tal estatura: Pelé (1,72m), Zico (1,72m), Garrincha (1,68m), Maradona (1,66m) e Romário (1,68m) são exemplos de feras que Minelli barraria... Dá para entender por que, depois desta declaração, o técnico deixou de ser cotado para dirigir o escrete canarinho.

E o que falar dos baixinhos Tom Cruise e Johnny Depp, dois ídolos de Hollywood que agradam em cheio às moças de todo o planeta? Monique

Sônia Braga (acima) seria barrada numa escola de samba; Julia Roberts (canto direito) chocou ao casar-se com Lovett (embaixo, ao centro); Jerry Lee Lewis (abaixo, de óculos) escandalizou os EUA ao casar-se com uma ninfeta e o mesmo aconteceu com Bill Wyman (acima, à direita, com a namorada). *A Época da Inocência* (ao lado) retrata as imposições sociais.

Foto D. FINEMAN – Sygma

Foto TERRY O'NEILL – Sygma

Foto Divulgação

Foto MALIGNON / LIAISON – Gamma

Foto B. NATION – Sygma

Foto DAVID ROSE – Sygma

VOCÊ RECUSARIA A MORENINHA WINONA RYDER SÓ PORQUE ELA MEDE 1,50m?

Evans, com sua experiência de vida e inteligência, certamente não faria vista grossa aos dois, assim como não recusaria (e nunca recusou) *gatos* de dois metros de altura. A graça está na diversidade, não acha?

Você, caro leitor, recusaria a *mignon* Wynona Rider (atriz de *A Época da Inocência* e *Drácula de Bram Stoker*, entre outros filmes) só porque a moreninha mede apenas 1,50m? Tem gente que nem tomaria conhecimento desta que foi considerada pela veterana Lauren Bacall "a melhor atriz de sua geração", além de ter um rostinho falsamente angelical. Um detalhe significativo: o mesmo Johnny Depp, citado há pouco, tem uma tatuagem com o nome de Wynona... No seu ombro! *Wynona For Ever* é o texto da tal tatuagem que, por sinal, deve estar incomodando a modelo Kate Moss, atual companheira de Depp.

SEX CLICHÊS

O pior é que ainda tem gente achando que tamanho é documento. Um conhecido jornalista carioca, ao organizar uma ala para a escola de samba Tradição, no último carnaval, foi taxativo: "Mulher com menos de 1,70m de altura não entra!" Fico só imaginando – num exercício de puro deleite – o ilustre colega barrando beldades como Nastassja Kinski, Wynona Rider, Michelle Pfeiffer, Kate Moss, Cheryll Ladd, Rachel Welch, Sônia Braga, Carla Marins, Isabela Garcia, Bruna Lombardi, Glória Pires, Maitê Proença, Cláudia Ohana ou Regininha Poltergeist... Sem falar nas gatinhas ainda desconhecidas que, diariamente, deixam boquiabertos os redatores de ELE ELA ao adentrarem o *gramado* desta revista. Vai ver, a feiosa seleção brasileira de basquete teria mais chances com o jornalista e chefe de ala...

O preconceito racial também tem a sua parte nessa história de gostos excludentes, digamos assim. País de racismo velado, não-assumido, o Brasil – falso paraíso multirracial – deveria aprender a despir-se desse segregacionismo não-declarado com os milhares de turistas, ou gringos, que aqui desembarcam para curtir suas férias, se deslumbram com as brasileiras e acabam se casando com vistosas mulatas ou negras. Aqui, entretanto, basta um negro famoso casar-se com uma loura para espocarem acusações do tipo: "ela está com ele por dinheiro" ou "esse crioulo ficou besta". Nos bastidores, sempre circularam máximas que dizem: "as louras adoram os *negões*" ou "os homens sonham com as louras mas se casam com as morenas". Pára-choque de caminhão perde...

Voltando ao roqueiro David Bowie, já citado como tendo sido caso de Mick Jagger, ele é casado há anos com a vistosa modelo somali Imã (que espera um filho seu para breve), uma das mais famosas e bem-pagas do mundo da alta-costura e que agora lança uma linha de cosméticos para mulheres negras, já que está beirando os 40 anos e começam a escassear os bons convites para desfiles e fotos de publicidade. Aliás, essa *dead line* para as modelos veteranas reproduz a prevenção de certas pessoas com a meia-idade. Bobagem: gatas como a própria Imã e as atrizes Isabella Rossellini (43 anos), Isabelle Adjani (39) e Kim Basinger (40) botam por terra qualquer resistência, mesmo do mais empedernido garotão típico da Zona Sul, aquele que só gosta de ninfetas douradas e *lôraburras*.

Indo pelo caminho oposto, o ex-*rolling stone* Bill Wyman protagonizou, há tempos, um escândalo na mídia mundial por ter-se envolvido – e casado – com uma ninfeta de 13 anos! Décadas antes, o pianista Jerry Lee Lewis, trintão, escandalizava a sociedade americana (e mundial) ao se casar com uma prima também de 13 anos – por sinal, a garota foi interpretada no cinema pela baixinha Wynona Rider, contracenando com Dennis Quaid, em *A Fera do Rock*, filme que conta a história de Lewis, do apogeu à decadência causada, em grande parte, por seu rumoroso casamento.

Preconceito é mesmo um problema eterno. A modelo americana Anna-Ni-

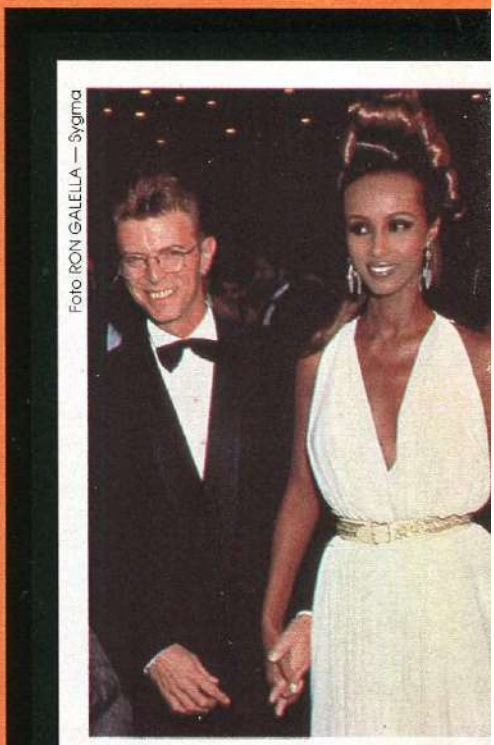


Foto RON GALELLA — Sygma

David Bowie e Imã (acima) formam um casal heterodoxo: o roqueiro andrógino e a modelo bem-sucedida aos 40 anos; ao lado, a bela Michelle Pfeiffer e o feioso David Kelley, e, abaixo, a linda quarentona Kim Basinger.

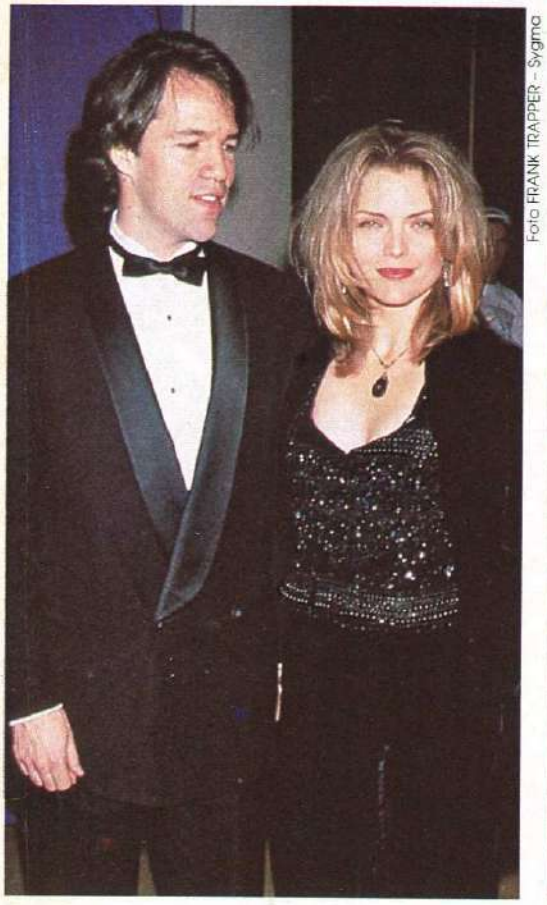


Foto FRANK TRAPPER – Sygma

Foto B. RHEIMS – Sygma

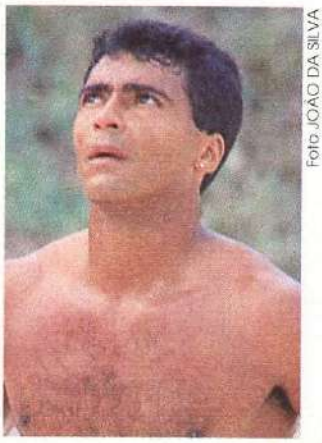


Foto JOÃO DA SILVA

Foto ERIC ROBERT – Sygma

Foto Sygma

No alto, aos 43 anos, a supergata Isabella Rossellini; ao centro, o baixinho Romário, que Monique Evans não dispensaria, apesar de também gostar de homens altos e musculosos; já a modelo Anna-Nicole Smith (acima) causou espanto ao se unir a um octogenário, provocando comentários maldosos nos EUA.

cole Smith, uma bela loura de generosos seios e pouca idade, causou estupor ao se apaixonar por um senhor de mais de 80 anos! *Por dinheiro* é sempre a primeira acusação que se ouve. Ou então: *exibicionismo*! Um caso antigo e famoso foi o casamento do cinqüentão Charles Chaplin com a jovem Oona O'Neill (filha do dramaturgo Eugene O'Neill), de apenas 18 anos. O casório foi no final dos anos 40 e, somando-se ao escândalo das núpcias do mulherengo Chaplin com a *teenager* (que não se importou com nada, viveu feliz com ele, deu-lhe filhos – entre os quais a atriz Geraldine Chaplin – e foi sua companheira até a morte), o diretor e ator começou também a ser perseguido por suas posições políticas. Acusavam-no de comunista, em plena guerra fria, no auge da caça às bruxas do macarthismo – movimento histérico-anticomunista liderado pelo Senador Joseph MacCarthy e pelo então iniciante Richard Nixon, que perseguia e prendia políticos, intelectuais, escritores, artistas e cientistas supostamente simpatizantes da esquerda e do Partido Comunista Americano.

Um exemplo de prevenção boba – e que tem a ver com a tal *ditadura estética* combatida por Naomi Wolf em seu livro *O Mito da Beleza* (Editora Rocco) – é aquele contra outro tipo de casal *heterodoxo*, o formado pelo feio com a bonita, ou vice-versa. Um caso recente foi o do casamento da atriz Julia Roberts (de *Uma Linda Mulher*) com o cantor *folk* Lyle Lovett, notório *esteticamente prejudicado*. Motivo de escárnio e estranheza, a união dos dois reforçou a tese de que beleza é uma questão de gosto e que, como gostam de dizer as moçoilas suspirantes e sonhadoras, o que importa é a beleza interior (ainda que, jocosamente, os humoristas do grupo Casseta & Planeta defendam a tese de que "quem gosta de beleza interior é decorador"). Lovett e Roberts já foram citados em uma crônica de ELE ELA, há alguns meses, exatamente pela *heterodoxia* do casal: *O Que Eles Têm Que Nós Não Temos?*, perguntava o título da crônica. Esta nossa conversa atual responde parcialmente à pergunta. Maiores detalhes, só com Julia Roberts...

ÚLTIMA PÁGINA

Carlos Eduardo Novaes

"O OUTRO"

Minha amiga Ângela veio me procurar para falar do que ela chamou de sua "mais grave crise conjugal". Ângela e Otávio estão atravessando o sétimo ano de vida em comum, um tempo crítico, segundo os americanos, para a sobrevivência do casamento. Ela foi sentando e dizendo:

– Acho que vamos nos separar!

Tentei tranqüilizá-la, ofereci um chá e perguntei o que estava acontecendo.

– Otávio me deu um ultimato – e engrossou a voz, imitando o marido. – Ou eu ou ele!

A questão parecia delicada. As histórias de amor tornam-se explosivas quando aparece um terceiro personagem. Não pude esconder meu espanto. Ângela sempre foi tida como uma mulher inteiramente voltada para o lar e o marido. Enfim, as pessoas estão em permanente estado de transformação. Procurei por maiores informações.

– Você está há quanto tempo com o outro? – perguntei.

– Tem uns 10 meses!

– Só agora Otávio tomou conhecimento?

– Ele sempre soube – disse ela com a maior naturalidade.

Ângela realmente tornara-se uma mulher surpreendente. Dei-me um tempo para recuperar o fôlego e manifestei minha compreensão.

– Não entendo, Ângela. Por que Otávio demorou tanto para dar o ultimato? Não vai me dizer que você foi sugerir a ele que os três morassem juntos?!

– Nós moramos juntos!

Caí sentado no sofá. Já ouvi falar de alguns casos de casamento aberto, mas, para mim, Ângela estava indo longe demais.

– Deve ser difícil mesmo para o Otávio segurar essa barra.

– Mas foi ele quem me deu força...

Deu força, pensei, enquanto tudo era teoria. Os homens são sempre assim. Quando, porém, a teoria começa a se materializar, revelam-se uns miseráveis troglodita.

– Os homens não agüentam, Ângela. Não quero me meter no seu casamento, mas duas pessoas morando juntas já é difícil, que dirá três!

Ângela então me perguntou de chofre:

– Ele não poderia ficar aqui morando com você?

Caí sentado no tapete.

– Comigo? Você enlouqueceu, Ângela? Já imaginou se o Otávio descobre?

– Ele não vai descobrir.

– Não vou botar um homem na minha casa. Não faz meu gênero.

– Ele é tão bonzinho – Ângela puxou uma foto da bolsa e me mostrou. – Olhe só!

– Só estou vendo você e o Otávio.

– O Vladimir está aqui! – disse ela, descendo o dedo na foto.

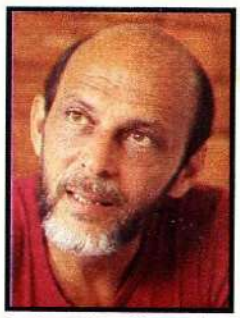
– Você quer me dizer que ELE é um cachorro?

Ângela explicou que a crise conjugal começou no dia em que seu *husk* siberiano passou a arreganhar as presas para o marido. Toda vez que Otávio ameaça se aproximar dela, o cachorro começa a rosnar. Resultado: dentro de casa, os dois só se falam a distância.

– Acho que é um caso para ultimato mesmo – disse eu, reprocessando toda a história na cabeça.

Ângela disse-me que teria mais um papo com Otávio, "para tentar demovê-lo dessa intransigência". E fez uma longa declaração de amor a Vladimir. Semana passada, Ângela telefonou-me cheia de alegria, anunciando que, depois da conversa com Otávio, ela decidira dar um tempo.

Só não me esclareceu se estava dando um tempo para o marido ou para o cachorro.



Carlos Eduardo Novaes é jornalista e escritor

casaviva

Camas e colchões imports dos EUA

CAMA C/ COLCHÃO D'ÁGUA

Water Bed
Exclusivo sistema de cilindros d'água com firmeza regulável

Modelo Lady Dy
Revestido em veludo sintético ou couro sintético com espelho na cabeceira, rádio AM-FM, vidro fumê, aço escovado e luz

TODAS AS OPÇÕES PARA SOLTEIRO E REDONDA

Modelo 04
Revestido em veludo sintético, com vidro fumê, aço escovado e luz

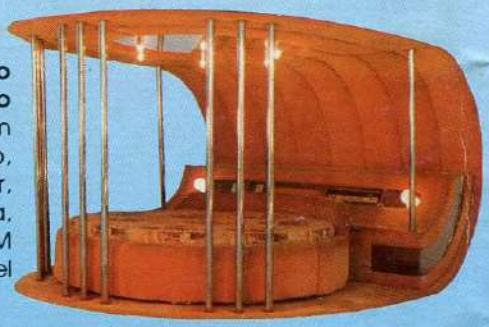
TODAS AS OPÇÕES PARA SOLTEIRO E REDONDA

Modelo Art-de-Vivre
Revestido em veludo sintético, crocodilo ou lesar, com som AM-FM e luz graduável

TODAS AS OPÇÕES PARA SOLTEIRO E REDONDA

Modelo Classic
Lançamento
Camas redondas e retangulares, som AM-FM Stereo, revestidas em korino ou veludo, espelhadas, com aço escovado e luz gradual

TODAS AS OPÇÕES PARA SOLTEIRO E REDONDA



Modelo Giratório
Revestido em veludo sintético, crocodilo ou lesar, com cama giratória, som AM-FM e luz graduável

Cama Madona
Lançamento (a que ela usou no Brasil)

TRAGA ESTE ANÚNCIO E GANHE UM BRINDE

casaviva

Móveis direto da fábrica para você
18 anos de tradição. Despachamos para todo Brasil

SOMENTE NESTE ENDEREÇO
Loja da Fábrica: Lgo do Arouche, 260 - Centro
1.200 m² de exposição permanente
Estacionamento à porta
Fone: (011) 221.4055 - Fax: (011) 221.2532